

**DE SHERLOCK HOLMES A SHAKESPEARE: UM CAMINHO A SER DESCOBERTO
PROJETO DE ENSINO DE LITERATURA:
O LEITOR COMO FOCO, O PROFESSOR COMO MEDIADOR.**

DANIELA BORTOLON

Porto Alegre
2006

DANIELA BORTOLON

**DE SHERLOCK HOLMES A SHAKESPEARE: UM CAMINHO A SER DESCOBERTO
PROJETO DE ENSINO DE LITERATURA: O LEITOR COMO FOCO, O PROFESSOR
COMO MEDIADOR.**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Tereza Amodeo

PORTO ALEGRE
2006

DANIELA BORTOLON

**DE SHERLOCK HOLMES A SHAKESPEARE: UM CAMINHO A SER DESCOBERTO
PROJETO DE ENSINO DE LITERATURA: O LEITOR COMO FOCO, O PROFESSOR
COMO MEDIADOR.**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Letras, Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Ana Lúcia Liberato Tettamanzi- UFRGS

Profa. Dra. Regina Kohlrausch- PUCRS

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não teria se tornado realidade se não fosse o apoio recebido pela minha orientadora, Profa. Dra. **Maria Tereza Amodeo**, que com sua infinita paciência e seus amplos conhecimentos iluminou meu caminho em tão engrandecedora tarefa.

Também gostaria de agradecer:

À Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, em especial a Profa. Dra. **Regina Lamprecht**, pela competência demonstrada.

Ao **CNPQ**, pelo financiamento do Projeto de Mestrado em Letras.

Às Profas. Dra. **Ana Lúcia Liberato Tettamanzi** e Dra. **Regina Kohlrausch**, pela leitura atenta da dissertação, o que tornará a sessão de defesa um momento de aprendizado.

À Profa. Dra. **Maria Tereza Amodeo**, coordenadora da pesquisa *Multiculturalismo e o Ensino da Literatura*, do grupo Celin- Centro de Referência para o Desenvolvimento da Linguagem, pela aprendizagem.

Aos professores do programa, em especial, **Vera Teixeira Aguiar, Maria Eunice Moreira, Luiz Antonio de Assis Brasil, Solange Medina Ketzer, Maria Luíza Ritzel Remédios, Sissa Jacoby, Juan Mosqueira**, que contribuíram para a minha formação acadêmica.

Ao meu esposo **Carlos Eduardo M. Bortolon**, pelo amor e dedicação.

À minha família, em especial **meu pai, Rogério e minha mãe, Judite e meu irmão Leonardo**, pelo amor e apoio.

À amiga **Adâni Corrêa**, pelo carinho e, principalmente, pela companhia e parceria nesses anos em que a literatura engrandeceu nossos caminhos.

Aos colegas e amigos de pesquisa do Celin, **Cristiane Fernandes, Caetano Manenti, Liziane Sutil, Camilo Habbe**, pela convivência e amizade.

À escola **Estadual de Ensino Médio Villa Lobos**, de São Leopoldo, por me autorizarem a fazer a prática de ensino.

Enfim, a todos que, indiretamente ajudaram a construir esta obra, também dedico meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	10
1 A LEITURA DA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS	13
1.1 A ESCOLA E A LITERATURA.....	14
1.2 O CONTEXTO BRASILEIRO.....	16
1.3 LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO BRASIL.....	18
1.4 O ESCRITOR, O PROFESSOR E O LEITOR	19
2 O LEITOR NA TEORIA DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	25
2.1 A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA DA LEITURA.....	25
2.2 PERSPECTIVA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO	28
2.3. UM CRUZAMENTO POSSÍVEL	34
3 A LITERATURA CANÔNICA	35
3.1 O DESEJO PELO CÂNONE.....	35
3.2 A ORIGEM DO CÂNONE	36
3.3 O CÂNONE LITERÁRIO.....	37
3.4 O TEXTO LITERÁRIO	39
3.5 OS CÂNONES LITERÁRIOS HOJE	41
4 A LITERATURA POLICIAL: UM CAMINHO PARA A LEITURA DO CLÁSSICOS	44
4.1 ESTABELECENDO OS LIMITES	44
4.2 BUSCANDO AS ORIGENS	45
4.3 CARACTERIZANDO O ROMANCE POLICIAL	48
4.4 DEFININDO OS TIPOS	53
5 TEORIA E PRÁTICA: A PROPOSTA DE PROJETO DE ENSINO DE LITERATURA	56
5.1 AMARRANDO AS PONTAS: PROJETO DE ENSINO, A PROPOSIÇÃO DE UM CAMINHO.....	56
5.2 PROJETO DE SHERLOCK HOLMES A HAMLET: UM CAMINHO A SER DESVENDADO.....	61

5.3 AVALIANDO A EXPERIÊNCIA.....	70
5.3.1 O Material Oferecido para Sondagem.....	71
5.3.2 Para Chegar ao Cânone	73
5.3.3 Preparando a produção final	75
5.3.4 No Caminho de Shakespeare	75
5.3.5 A Posição dos Alunos diante da Experiência	76
CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
ANEXOS.....	87

RESUMO

Considerando-se a importância dos cânones da literatura e as dificuldades encontradas pelos professores em geral do Ensino Básico para promover a leitura desses textos, a pesquisa, tendo como base a Estética da Recepção e a Sociologia da Leitura, pretende fundamentar uma proposta de prática de ensino da leitura realizada através de um projeto desenvolvido em uma turma da primeira série do Ensino Médio. O Projeto parte da literatura não-canônica, o gênero policial, para chegar à literatura canônica.

Com essa prática, a pesquisa pretende discutir a possibilidade de desenvolver o gosto pela leitura de textos consagrados, a partir de obras não-canonizadas, cujos elementos estruturais geralmente são organizados de forma a facilitar a leitura, o que também atrai leitores iniciantes.

Impõe-se, portanto, uma revisão teórica relacionada à leitura da literatura na escola, destacando a importância dessa instituição e dos professores na formação do leitor de literatura. Recuperam-se também estudos a respeito do cânone literário, que devem contribuir para o entendimento dos sistemas literários. O gênero policial, desde a sua formação até os dias de hoje, também é analisado, tendo em vista as suas características, os autores precursores, as novas modalidades e o efeito sobre os leitores.

A pesquisa de cunho bibliográfico volta-se, então, para a pesquisa de campo, em que se executa o projeto de ensino elaborado a partir da conjunção dos elementos teóricos e se analisam os resultados obtidos, no que se refere à formação de leitores de literatura.

ABSTRACT

Considering the importance of the literature canon and the difficulties met by teachers in primary and secondary schools to promote the reading of these texts, this research, based on the Reception Aesthetics and Sociology of Reading, intends to ground a proposal of a reading teaching practice through a project developed in a first grade class in a secondary school. The project starts at non-canonical literature, the detective genre, and ends up at canonical Literature.

With this practice, this research intends to discuss the possibility of developing the taste for the literature canon, from non-canonical texts, whose structural elements are usually organized in a way to facilitate reading, what also attracts new readers.

Therefore, it is necessary a theoretical revision related to the reading of literature in schools, highlighting the importance of these institutions and teachers in the formation of literature readers. Researches on literary canon have also been considered, and should contribute to the understanding of the literary systems. The detective genre, since its formation to this day, is also analysed, having in sight its characteristics, the pioneer authors, the new modalities and its effect on the readers.

The bibliographical research has been taken to field research, where the literature teaching project formed from theoretical elements is carried out and the results analysed, concerning the formation of literature readers.

INTRODUÇÃO

Mestre é quem, de repente, aprende.
Guimarães Rosa

Um olhar mais atento para a sala de aula das escolas de Ensino Básico revela o desinteresse dos alunos pela leitura da literatura, em especial a dos clássicos, e a insatisfação com as aulas propostas. Pensar o ensino da literatura nos dias de hoje deve ser tarefa de professores sintonizados com as reflexões da Teoria da Literatura e os estudos sobre a contemporaneidade, abandonando práticas que priorizam a memorização de autores e datas e que desconsideram o aluno como virtual leitor.

A leitura da literatura é fundamental para o desenvolvimento, tanto social, quanto pessoal do ser humano e, por isso deveria ser efetivamente discutida e repensada com a intenção de cativar o seu público. Nessas circunstâncias, cabe aos professores atualizarem o seu conhecimento a fim de implementarem novas metodologias de ensino que venham a dirimir a distância entre a literatura e o leitor, o aluno.

Este trabalho apresenta uma proposta metodológica de incentivo à leitura dos clássicos a partir de um gênero considerado não-canônico. Apoiando-se em consistente base teórica, constitui-se um Projeto de Ensino para ser desenvolvido em turma de 1º ano da Escola Estadual de Ensino Médio Villa Lobos¹, com o *título De Scherlok Holmes a Shakespeare: um caminho a ser descoberto*. Assim, escolheu-se o romance policial como ponto de partida, mais especificamente os contos do escritor Arthur Conan Doyle, tendo em vista a capacidade de permanecerem encantando leitores de todas as idades, classes sociais, nacionalidades e épocas.

As atividades propostas aos alunos constituem-se como estratégias pedagógicas que visam à preparação da leitura do texto canônico escolhido: *Hamlet*,

¹ A escola localiza-se na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

de Shakespeare. O clássico apresenta alguns elementos da literatura policial, tais como: assassinato, mistério, suspense, deduções, etc.

Para fundamentar essa proposta metodológica, este trabalho seguiu um trajeto teórico que busca examinar as relações entre a literatura e a escola, tendo em vista o leitor como foco principal do processo de ensino-aprendizagem e a literatura dos clássicos com o objeto a ser ensinado.

O primeiro Capítulo do trabalho pretende avaliar a relação entre a escola e a literatura no mundo ocidental, incluindo-se o Brasil. A partir daí, verifica-se a produção cultural voltada para esse novo público, desde o final do século XIX aos dias atuais, quando o fenômeno da tecnologia e da informática invade espaço considerável do mundo da criança e do adolescente.

Em função disso, cabe definir o papel do professor como mediador entre o seu aluno e todos esses produtos destinados a ele, em destaque o livro. Para aprofundar o conhecimento nessa perspectiva, estudam-se alguns escritores relacionados ao assunto, tais como: Ezequiel Theodoro Silva, Jesualdo Sosa, Maria da Glória Bordini, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Richard Bamberger e Vera Teixeira de Aguiar.

Tendo em vista a investigação sobre a recepção e os efeitos da obra sobre o leitor e sua forma de ler e compreender o mundo, o Capítulo 2, abarca as teorias da Sociologia da Leitura e da Estética da Recepção.

Para a Sociologia da Leitura, opta-se pelo estudo dos teóricos: Alberto Manguel, Arnold Hauser, Lionel Trilling, Luiz Costa Lima, Pierre Bourdiéu, Robert Escarpit e Umberto Eco, visto que todos, de alguma forma, discorrem sobre a importância e a influência dessa teoria para o ensino da literatura, pois tendem a compreender os vários tipos de apropriação tanto do texto escrito quanto do texto lido, sob a perspectiva da reação do leitor, ou seja, considerando o leitor como um elemento que atua na obra, conforme suas vivências e influências sociais, culturais, etc.

Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser definem os caminhos da Estética da Recepção, que, com as considerações de Regina Zilberman sobre o tema, estabelecem os pressupostos de abordagem do texto literário, que renunciam as interpretações fixas ou definitivas, aceitando as potencialidades do signo literário.

No Capítulo 3, tem-se a abordagem acerca de *cânone literário*, desde as origens do termo à atualidade, buscando respostas para questões que inquietam pais,

professores e especialistas, tais como: O que significa cânone? O que é uma literatura canônica? Quais os critérios que levam à inclusão ou ao afastamento de determinados autores? Qual é a importância do texto canonizado? Assim, impõe-se a definição de texto literário, na qual se pauta a de cânone. Aristóteles, Todorov, entre outros contribuem nesse sentido. Antônio Cândido, Carlos Reis, Eduardo Portella, Harold Bloom, Ítalo Calvino e Luis Costa Lima trazem expressivas considerações sobre a questão do cânone.

O último aspecto teórico — todavia não menos importante — a ser estudado é o gênero policial, desde a sua formação até os dias de hoje, cujo público, cada vez mais, pode ser considerado distinto e vasto. No Capítulo 4, ressaltam-se as características, os precursores, além dos novos escritores adeptos ao gênero e, finalmente, o impacto sobre o leitor. Algumas das fontes teóricas selecionadas para esse estudo são: Narcejac-Boileau, Sandra Lúcia Reimão, Paulo Albuquerque, Tzvetan Todorov.

Para a elaboração da proposta de ensino, os estudos de Cláudio Saltini sobre afetividade e cognição, os de Howard Gardner e Vygostsky sobre formação do conhecimento, e os de Nílson Machado sobre ensino por projetos ofereceram elementos significativos.

Rejeitando procedimentos pedagógicos tão enraizados, que insistem em dissociar a teoria da prática, apresenta-se, no Capítulo 5, o Projeto de Ensino, propriamente dito, com as justificativas consideradas cabíveis e a análise da experiência realizada. Para tanto, considera-se desde a sondagem proposta até os instrumentos de avaliação do trabalho desenvolvido.

Na última parte, propõe-se a Conclusão de toda a pesquisa, que focaliza o aluno como o receptor da literatura e o professor como mediador entre a obra literária e o aluno, avaliando os resultados obtidos e a possível contribuição para os estudos voltados para a metodologia do ensino da literatura, tão necessários nos tempos atuais.

1 A LEITURA DA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

A literatura é a arte de inventar, de fingir, de enganar e ao mesmo tempo mostrar o engano. É, portanto, uma linguagem instauradora de realidade e exploradora dos sentidos, a qual possui uma capacidade de gerar inúmeras significações a cada nova leitura.

Eliana Yunes

A leitura, em especial a da literatura, seja para crianças ou para adolescentes é assunto que merece destaque tanto no âmbito do Ensino Básico, como no do ensino superior, tendo em vista especialmente a difícil tarefa de formar leitores.

Um olhar mais atento às práticas desenvolvidas nas escolas brasileiras revela que a leitura da literatura raramente é uma atividade desenvolvida com propriedade, sendo pouco satisfatórios os resultados obtidos a partir das ações dos docentes. A falta de um espaço específico de incentivo ao gosto pela literatura nas disciplinas que lidam com a linguagem verbal — Língua Portuguesa e Literatura — ou o reduzido estímulo a atividades de leitura extra-classe podem se explicar, na maioria das vezes, no descaso e/ou despreparo dos professores.

É nesse sentido que os agentes formadores de professores, em especial as universidades — onde se desenvolvem pesquisas na área da leitura e da literatura — devem oferecer aos docentes uma formação que seja clara nos seus princípios e, ao mesmo tempo, permeável às contínuas e crescentes mudanças nas configurações do mundo contemporâneo. Formar leitores nesse contexto exige, pois, dos docentes uma formação continuada, que os prepare para desenvolver ações pedagógicas que estimulem a interação e o diálogo entre a obra e o leitor, por meio de projetos capazes de tornar a leitura um ato significativo.

Desse modo, talvez fosse possível redimensionar a forma como as obras literárias são abordadas no Ensino Básico. Seguidamente, constata-se que elas são tratadas como instrumentos pedagógicos com o propósito de ensinar algum conteúdo relacionado a uma determinada disciplina (em geral de Língua Portuguesa). Ainda, sendo a leitura da literatura concebida com uma exigência institucional, que visa geralmente a atender às exigências do vestibular, os procedimentos dos docentes freqüentemente se resumem a indicar os textos, cuja leitura é cobrada por meio do preenchimento de fichas, elaboração de resumos, ou respostas a questões de provas, sem o devido estímulo à leitura como um ato individual, do qual o indivíduo pode extrair sentidos muito diversos e repensar a existência.

Além disso, conforme BAMBERGER (1986), o desinteresse do educando é acentuado e tende a se agravar e a se solidificar quando são oferecidos textos cujos temas não atendem às suas expectativas, principalmente se o assunto é distante da sua realidade e a linguagem é difícil. Falta considerar, portanto, tanto o nível de leitura dos alunos, como os seus interesses e a possibilidade de ampliação de suas expectativas. Além disso, devem ser reconsideradas as atividades propostas, a fim de que os procedimentos adotados possam contagiar os estudantes, instigá-los a ler e procurar diferentes leituras.

Para tanto, deve-se promover um ambiente favorecedor da leitura. Existem escolas bem equipadas, com professores preparados, interessados em criar uma metodologia de ensino da literatura mais inovadora. Sabe-se, entretanto, que a falta de bibliotecas equipadas com boa quantidade de exemplares de obras literárias e a pouca diversidade de autores muitas vezes inibem o contato com o texto literário e acabam por desestimular o trabalho do professor em sala de aula.

Tendo em vista o baixo poder aquisitivo de muitas famílias ou a falta de hábito de compra de obras literárias, o professor bem intencionado muitas vezes vê-se obrigado a buscar outras alternativas a fim de facilitar a aproximação de seus alunos com os livros. Assim, vale-se de inúmeros artifícios, tais como: compra de exemplares em quantidade, o que favorece a redução dos preços, estímulo à retirada de livros em outras bibliotecas da cidade, ou solicitação de empréstimo aos amigos, vizinhos e parentes.

Embora haja um consenso entre todos os segmentos da sociedade em relação à importância de se estimular a leitura da literatura e vários setores ligados à cultura apresentem iniciativas de expressão, ainda é necessária uma política de incentivo à leitura muito mais eficaz. A história da expansão da escola em relação à leitura da literatura explica essa situação e pode abrir um caminho fértil para revisão dessa relação e proposição de uma proposta mais adequada aos tempos que correm.

1.1 A ESCOLA E A LITERATURA

A escola no mundo ocidental é oriunda da ascensão da família burguesa, no século XIX, e do novo *status* concedido à infância na sociedade, ou seja, é quando a criança assume um novo papel. Surge, então, uma nova preocupação em relação à criança por parte dos diversos setores relacionados a ela, que passam a lhe dedicar

maior atenção. Aparecem, então, alguns produtos culturais especificamente destinados ao novo público, como os brinquedos e os livros; além da implantação de certas instituições, tais como as escolas, as livrarias; além de novos estudos voltados ao infante, impulsionando os campos da Pediatria, da Psicologia e da Pedagogia.

Na concepção capitalista dos primeiros tempos, a escola tinha um papel de grande importância, já que a ela cabia preparar os novos cidadãos para o modelo burguês de sociedade. Os novos sistemas de ensino tinham a intenção de democratizar o saber intelectual a partir da preparação dos jovens para o mercado de trabalho, implantando a escolarização para todas as camadas sócio-econômicas.

Assim, criou-se e industrializou-se o livro, como meio didático, e, conseqüentemente, passou-se a incentivar a literatura infanto-juvenil, por meio de narrativas que visavam ao mesmo tempo, a atingir a todas as camadas sociais e a formar e impor a ideologia dominante. É nesse sentido que LAJOLO e ZILBERMAN (1998) afirmam que o livro, por sua vez, é uma extensão da escola, já que apresenta, de certa forma, o mesmo intuito de solidificar os ideais burgueses, limitando e educando o aluno para uma sociedade consumista e passiva.

A escola servia como mediadora entre a criança e a sociedade, investindo na alfabetização como possibilidade de acesso ao mundo da leitura. Desse modo, os livros destinados ao público escolar foram escritos por professores e pedagogos. Estavam diretamente relacionados a uma função utilitário-pedagógica e, por isso, foram sempre considerados como uma forma literária menor, já que visavam a ensinar os valores morais, os hábitos a serem seguidos na sociedade emergente e os conteúdos das disciplinas.

Os primeiros textos destinados ao público infanto-juvenil surgiram na Europa, mais especificamente, em Paris, no ano de 1697, com Charles Perrault. As histórias de origem popular recolhidas pelo autor passaram a ser destinadas às crianças².

Após Charles Perrault, autores de outras épocas e lugares da Europa, movidos por diferentes razões, também conduziram contos de origem popular às crianças. Os Irmãos Grimm, na Alemanha do início do século XIX, notabilizaram contos que até hoje são lidos pelo público infantil³. Na Dinamarca do final do século

² Os *Contos da Mãe Gansa*, *A Bela Adormecida no Bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Gata Borralheira*, *O Pequeno Polegar* são alguns dos textos do autor que marcaram o início da produção literária propriamente dita para crianças.

³ *A Bela Adormecida*, *Branca de Neve*, *Cinderela*, *Rapunzel*, *Chapeuzinho Vermelho*.

XIX, Hans Christian Andersen reescreveu, ao gosto infantil da época, narrativas regadas a muito romantismo, que até hoje encantam crianças, jovens e adultos⁴.

Essas narrativas primeiras legaram à literatura infantil um elemento determinante do gênero, qual seja, o *maravilhoso*, o *fantástico*, enfim, a magia. Nesse contexto, o maravilhoso diz respeito às situações que ocorrem fora do entendimento racional, desobedecendo às leis naturais, fugindo, portanto, do controle do homem.

Animais que se humanizam, objetos mágicos ou seres imaginários são formas de realização do maravilhoso, que diminuem as fronteiras entre a realidade cotidiana e a fantasia, favorecendo uma forma de apreensão do exterior consoante com o pensamento infantil. Por meio do simbólico a narrativa maravilhosa provoca uma sensação de prazer, de emoção nos leitores, que se identificam com as personagens, com a trama, etc.

Assumindo outras formas e acompanhando a transitoriedade do gênero, isto é, incorporando-se às narrativas que agradam também aos jovens, o *maravilhoso* consolida-se na literatura infanto-juvenil ao longo dos séculos subseqüentes, na Europa, com obras tais como: *Robison Crusoe*, de Daniel Defoe; *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift; *O último dos moicanos*, de James F. Cooper; *As aventuras de Tom Sawyer*, de Jules Verne; *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson. Também essas narrativas ultrapassaram os tempos, encantando a todos com as aventuras, os locais exóticos e a ação de jovens protagonistas, influenciando as produções além-mar.

1.2 O CONTEXTO BRASILEIRO

Se a literatura destinada especificamente às crianças e aos adolescentes na Europa só passa a ser produzida em maior escala no século XVIII, no Brasil o seu aparecimento é muito mais recente, podendo ser considerado um fenômeno do fim do século XIX e início do XX.

Com a tradução de obras infantis a partir da implantação da Imprensa Régia em 1808, textos como *As aventuras pasmosas do Barão de Munhausen* e a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leituras para meninos* (de conteúdo moral e de ensino pedagógico) são oferecidos aos pequenos brasileiros. Entretanto, é só com a urbanização, no limiar do século XX, é que surge espaço para a literatura infantil bem

⁴ O Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, O Soldadinho de Chumbo, A Pequena Sereia.

como para outros produtos industrializados, entre eles as revistas femininas, alguns romances e o material escolar. Nessa época, alguns escritores começaram não só a traduzir, mas também, a adaptar obras de contos de fadas vindos da Europa e que tiveram uma grande repercussão no Brasil. Além disso, nessa época, foi publicada a 1ª revista brasileira infantil, *O Tico-Tico*, conforme registram LAJOLO e ZILBERMAN (1998).

O livro didático, em função da escola foi criado, implantado e distribuído aos alunos. Geralmente, incluíam textos que valorizavam o trabalho, a pátria e a família. Tratava-se de uma espécie de cartilha de comportamento, cujo objetivo era *modelar* os pensamentos e as atitudes das crianças e dos jovens, ensinando-lhes a maneira mais adequada de ser e de se comportar na sociedade.

Apesar de as personagens protagonistas dessas histórias serem crianças, elas cumprem uma mesma função: a de ter um comportamento exemplar. Sendo que, na verdade, seu impacto induzia o leitor a limitar seu comportamento, tendo uma atitude passiva e nada reflexiva. Além disso, tais textos traziam o interesse de modelar a linguagem, preocupando-se com a correção e o padrão da norma culta, conforme esclarecem LAJOLO e ZILBERMAN (1998).

Desse modo, embora tenha havido esforço de alguns escritores brasileiros da época em escrever obras direcionadas ao público infanto-juvenil, fica evidente o tom pedagógico desses textos, que eram produzidos para transmitir conceitos de geografia, história, agricultura, higiene, além da valorização da natureza e do patriotismo. Até mesmo as brincadeiras e as músicas populares, com seus provérbios, histórias orais também se incumbiam da tarefa de recuperar os valores morais com a pretensão de ensinar a língua, já que se corrigiram os *erros* da fala popular.

Assim, percebe-se que a literatura infantil no Brasil teve suas origens inspiradas nos moldes europeus, veiculando as idéias e movimentos estrangeiros, reforçadores do caráter pedagógico, bem como o moralista e o doutrinário. Todavia, o início do século XX foi marcado por eventos determinantes de novas concepções de arte e de ensino que atingiram também a produção para crianças. É deste período o projeto da Nova Escola, que pretendia renovar a educação por meio de propostas pedagógicas influenciadas pelo pensamento americano, estabelecendo novos rumos para o ensino no Brasil, especialmente porque tinha como base a educação para as massas populares, através da difusão da tecnologia e de um conteúdo programático estabelecido, sendo o Estado responsável pela gerência da educação — o que

impulsionou a produção de materiais a serem adotados pelas escolas, inclusive no que se refere à produção literária infantil.

Também a Semana de Arte Moderna, em 1922, em São Paulo, teve papel preponderante na renovação da arte literária, por extensão a dirigida às crianças e aos jovens.

1.3 LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO BRASIL

Apesar de assumir uma proposta contrária ao movimento modernista instaurado na segunda década do século XX, Monteiro Lobato foi quem realmente criou um novo caminho para a literatura infanto-juvenil no Brasil. Segundo LAJOLO e ZILBERMAN (1998), as características do Modernismo ficam evidentes nas obras de Lobato. A exclusão dos cânones gramaticais, a interpolação de elementos que caracterizavam a cultura internacional, a criação de novas temáticas, como a vida no campo, servindo como espaço para as brincadeiras e as aventuras de crianças, são efetivamente características que alinham a produção lobatiana às tendências modernistas emergentes.

Sua primeira obra publicada foi *Narizinho arrebitado*, um grande sucesso entre as crianças, trazendo para as narrativas personagens infantis que demonstram interesses e opiniões em relação ao mundo que as cerca. Essas personagens são os exemplos mais contundentes da conjunção entre real e fantasia. Os primos Lúcia e Pedrinho ou a empregada D. Benta são representações do real; já Emília, a garota-boneca, ou o Visconde de Sabugosa, um homem cientista-espiga de milho, associam-se ao fantástico.

Além dessa mistura entre o real e o fantástico, o mais interessante é que todas essas personagens têm o mesmo valor dentro da narrativa, ou melhor, o maravilhoso passa a ser um componente dentro do universo real. Lobato alia, pois, a realidade do dia-a-dia comum à criança brasileira ao maravilhoso, imprimindo um tom de verossimilhança às suas narrativas, nunca antes alcançado nas produções literárias destinadas às crianças. Nesse momento de revolução na arte literária brasileira, com Lobato, também já se prenunciavam indícios da propagação de uma nova forma de escrever para as crianças.

Inspirados em Lobato, os escritores de obras infantis começaram a dar um tratamento diferenciado às suas produções. O gênero ganhou autonomia, com

características marcantes que, conforme LAJOLO e ZILBERMAN (1998), foram as seguintes: predomínio do campo ao invés da cidade para o desenvolvimento da ação e fixação de um elenco de personagens, no qual se destacam as crianças; a norma padrão culta da língua também foi realmente deixada de lado a fim de incorporar a oralidade na fala dos personagens e, até mesmo, no discurso do narrador, com a intenção de permitir, por meio da identificação e do posicionamento, que a criança sinta prazer em escutar ou em ler uma história. Em outras palavras, os escritores começaram a produzir textos pensando na criança, que antes era considerada um adulto pequeno.

Vários setores da sociedade, entre eles o literário, se empolgaram com o novo público, buscando alternativas para atender e suprir as necessidades vigentes. Para tanto, era preciso saber quais eram os gostos, os interesses, as habilidades, os pensamentos da criança e do adolescente. Por um lado, esse interesse foi extremamente positivo, visto que surgiu uma grande demanda de escritores e conseqüentemente de obras destinadas a esse novo público, aumentando, assim, o número de produções e a possibilidade de escolha. Por outro lado, a literatura começou a ser produzida como um produto a ser comercializado, sendo a escola o ponto de partida para a introdução e propagação de novos títulos.

A partir desse momento, passaram disputar a atenção dos professores os livros que vinham com sugestões, questionários, fichas de leituras e aqueles cujos autores se dispunham a visitar as escolas. Esta estratégia continua sendo aplicada nos dias de hoje no âmbito escolar, uma vez que as editoras e os próprios autores querem vender suas obras, visando ao lucro, mas sempre com o pretexto de auxiliar na educação dos alunos.

1.4 O ESCRITOR, O PROFESSOR E O LEITOR

LAJOLO e ZILBERMAN (1998) afirmam que a Literatura Infantil no Brasil consagra-se quando bons escritores começam a escrever suas histórias pensando no leitor, o que se desenvolve ao longo do século XX.

Graças à evolução dos estudos relacionados ao ser humano, àqueles ligados à aprendizagem, bem como às pesquisas na área da leitura e da literatura e ao avanço da tecnologia e da ciência, mais do que nunca, a criança e o adolescente estão são o foco das atenções, por variados motivos.

Em conseqüência disso, existe um movimento, oriundo dos mais diferentes segmentos da sociedade, que redimensiona o papel dos adultos em relação às crianças e aos jovens. Estes, cada vez menos subordinados àqueles, mais autônomos, são introduzidos no mundo real com muito mais rapidez do que nas décadas passadas, sendo estimulados a viver etapas da vida em antecipação, expressando com maior determinação, seus anseios, vontades, desejos, pensamentos, atitudes e opiniões.

Nesse contexto, os autores de literatura para crianças e jovens foram obrigados a criar novas alternativas de aproximação entre o leitor e o texto, tais como: a invenção de protagonistas crianças e/ou adolescentes já que nos textos anteriores os adultos centralizavam as ações; o uso da aventura, do suspense — visto que são temas do interesse desse público —; o acréscimo de ilustrações bem produzidas, de qualidade, sintonizadas com o texto; a ênfase no estético e não no pedagógico; maior atenção ao *lay-out* da obra, considerando-se o papel, a fonte das letras, as imagens, a capa, etc.

Tais procedimentos contribuíram para incentivar novos leitores de literatura, crescendo o público infanto-juvenil mais exigente em relação à qualidade do conteúdo, da diagramação, do texto e dos assuntos tratados nas obras. Por outro lado, a progressiva sofisticação dos meios de comunicação, como a TV, o rádio, os filmes, a internet, meios mais sedutores que o mundo de papel, oferecem aos jovens e pequenos leitores outras formas de produção cultural. Comparados com os livros, tais veículos promovem a interatividade, tornando-se mais animados e divertidos que a leitura, que exige mais dedicação, concentração, paciência e reflexão.

Diferentemente da literatura, os programas de televisão, os filmes, os jogos virtuais de *RPG*, dentre outros, normalmente, são apresentados ao receptor com uma mensagem, uma ideologia, um modo de pensar, pronto, definido, acabado. Exercem o poder de persuasão de forma muito mais competente, até porque se oferecem aos virtuais receptores de forma muito mais facilitada que os livros.

Apesar de muitos escritores procurarem entender o universo da criança e do adolescente, o mercado de negócios editoriais estimula a produção de caráter utilitário, pedagógico, com fins comerciais. Contudo, conforme SOSA, (1994) todo o escritor de *uma obra infantil deve saciar, mas, ao mesmo tempo, ampliar o interesse da criança. Porém, muitos escritores caracterizavam essa literatura de boba, insossa e insípida* (p.15).

O escritor deve buscar:

o livro de contos mágicos, de versos luminosos, da pintura maravilhosa, da música deleitável; em suma, o livro belo, sem outra utilidade além de sua beleza (...) um livro que traduza sua inquietude e sacie plenamente seu interesse(SOSA, 1978, p.15).

O autor ainda sugere que as famílias das crianças e dos adolescentes tomem a iniciativa de propor alternativas diferentes, mais saudáveis e educativas de entretenimento, principalmente, incluindo os livros de literatura. Assim, estão contribuindo para apresentar novas perspectivas de posicionamento diante da realidade.

A orientação, a seleção criteriosa do material cultural oferecido aos jovens exige um acompanhamento e um preparo que poucas famílias dispõem. Da mesma forma, é difícil ficar alheio aos meios de comunicação, seja porque o trabalho exige, ou porque realmente facilitam a comunicação entre as pessoas, o alcance às informações — o que torna o acesso também natural para os jovens e crianças.

Portanto, o crivo da família e da escola pode não ser suficientemente competente para evitar o acesso aos materiais veiculados pelas mídias. Envolver jovens e crianças num ambiente rico culturalmente, que promova o debate, a reflexão, a atitude crítica, a liberdade de expressão de idéias pode se constituir na única alternativa para formar indivíduos mais conscientes e posicionados diante da realidade.

Contudo, sabe-se que a agitação da vida moderna tem exercido forte pressão nas famílias, que acabam por delegar à escola grande parte das suas tarefas. Assim a escola passa a ser responsável por promover o diálogo, o debate, a crítica, por meio da leitura de textos. No entanto, a postura sistemática, metódica e conservadora da escola reforça as escolhas inadequadas aos interesses, expectativas e nível de leitura dos alunos. Mesmo que a seleção dos materiais seja adequada, nem sempre a metodologia é a mais propícia, já que pressupõe a literatura como fonte de estudos pragmáticos e descontextualizados.

Editores e escritores apostam nessa parceria com a escola, no entanto essa relação nem sempre respeita as especificidades do literário, que deve transcender o caráter escolar. Os procedimentos pedagógicos que concebem os textos literários como objetos de avaliação, tendo em vista o cumprimento do conteúdo programático,

associando-se ao discurso pedagógico e ideológico, por vezes destroem o caráter emancipador da literatura, que passa a ser considerada como enfadonha, pouco prazerosa, porque obrigatória, autoritária e desvinculada da realidade.

Aos escritores de literatura infanto-juvenil cabe a criação da expressão literária que seja capaz de traduzir a complexidade do mundo contemporâneo para esses leitores transitórios, inquietos e curiosos. Aos professores cabe a tarefa de estreitar os laços entre o texto literário e os alunos, respeitando as especificidades da literatura e as particularidades desses virtuais leitores.

O que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual. A percepção dessas motivações e interesses esclarece qual é a tarefa do professor: treinar jovens leitores bem-sucedidos, apresentando-lhes o material de leitura apropriado, de modo de que o êxito não somente inclua boas habilidades de leitura, mas também o desenvolvimento de interesses de leitura capazes de durar a vida inteira (BAMBERGER, 1988, p. 31).

O professor deve, pois, associar as teorias da literatura, da aprendizagem e do desenvolvimento humano às suas práticas pedagógicas, a fim de dirimir a distância entre o aluno e texto. Assim:

a proposta de que a leitura seja reintroduzida na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando sobretudo a recuperação do contato do aluno com a obra de ficção. Pois é deste intercâmbio, respeitando-se o convívio individualizado que se estabelece entre o texto e o leitor, que emerge a possibilidade de um conhecimento real. (ZILBERMAN, 2001, p. 21).

Nesse sentido, ao escolher e indicar leituras, o professor deve considerar a realidade social, a faixa-etária, o gênero sexual de seus alunos⁵, interesses, necessidades, expectativas para, mais do que aprimorar comportamentos lingüísticos, redimensionar os conhecimentos acerca do mundo e ampliar a reflexão sobre a realidade.

Alguns dados bastante significativos foram levantados em pesquisa realizada em sete estados brasileiros por Aguiar e Catanni ainda em 1991, que aqui merecem destaque, uma vez que expressam a realidade vigente até os dias de hoje. Constatou-se, por exemplo, que os profissionais de todas as escolas de Ensino Fundamental (à

⁵ O gênero sexual, segundo Aguiar (1991) determina certas diferenças em relação ao gosto pela leitura. Por exemplo, os meninos preferem histórias de aventura, viagens e explorações; já as meninas se interessam por histórias de amor, da vida familiar e de crianças. Isso acontece porque é um valor de comportamento que a sociedade estipulou, seguido pelas crianças e jovens, que buscam, desde cedo, definir seu papel na sociedade.

época, 1º grau), independente da proposta curricular, reconhecem a importância da leitura como patrimônio histórico-cultural, por estabelecer relações entre o presente e o passado, permitindo que a criança reconheça o meio em que vive. Acreditam que a leitura funciona como um recurso para o ajustamento social do aluno, podendo contribuir para a formação integral do homem ou, ainda, para atingir os objetivos da educação.

Ao mesmo tempo, as pesquisadoras observam que as atividades escolares relacionadas à literatura são reduzidas ao ensino de períodos, épocas, escritores e obras: *o conceito de leitura nas escolas é pouco abordado e, muitas vezes, é considerado sob o ponto de vista formal, mecânico, como a fluência, o ritmo, a velocidade, o timbre da voz, pronúncia.* (1991, p.27). Também é priorizado o aspecto informativo da literatura e, em última instância, considerado um meio de entretenimento.

Outro ponto que merece ser destacado é que, na maioria das propostas curriculares, há uma maior preocupação com as atividades de leitura nas séries iniciais, pois, normalmente, fazem parte de um planejamento global, que tem como objetivo preparar a criança para a alfabetização. No entanto, com o decorrer dos anos escolares, a leitura é eliminada das outras disciplinas, sendo que só a de Língua Portuguesa tem a incumbência específica de trabalhar com textos, na maioria das vezes, de forma mecânica e repetitiva.

Portanto, além de se constituir em prática pouco prazerosa para o aluno, a leitura não contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo perante a realidade. Nesse sentido, a pesquisa das autoras ainda aponta que as atividades mais frequentes relacionadas a textos, literários e não literários, são:

escolha do texto, apresentação do tema, leitura oral (tudo feito pelo professor), estudo do vocabulário, leitura oral pelos alunos, delimitação dos segmentos, atribuição de um título e a identificação da idéia principal e das idéias secundárias, exercícios de interpretação, narração de histórias, fichas e relatórios de leitura, composição, desenho, pintura, resumos, esquemas, exercícios de gramáticas entre outros (AGUIAR E CATANNI, 1991, p.30).

O professor precisa estar consciente de que tem um papel político fundamental dentro da escola e, por extensão, da sociedade. Nesse sentido, deve rejeitar as práticas pedagógicas autoritárias, redutoras de todo o potencial dos textos literários, que se valem de fragmentos, utilizados principalmente como meio para o

ensino da gramática, propondo a investigação, o diálogo, a criação, a reflexão. Segundo HAQUIRA OSAKABE (1991), através da leitura e escrita reflexiva é possível evitar a manipulação, permitindo ao leitor reconhecer a sua verdadeira identidade, seu lugar social e seu compromisso como sujeito diante do mundo.

As idéias de AGUIAR e CATANI (1991) vão ao encontro das de LEITE e MARQUES (1991), que apontam o caráter de formação *humanizadora* dos currículos que, no entanto na prática, oferecem conteúdos fragmentados. Os exercícios repetitivos e mecânicos devem ser abolidos em favor de uma abordagem integral dos textos que, principalmente, vise à sensibilização dos leitores.

Assim, as práticas pedagógicas que consideram o texto como pretexto, conforme aceção de MARISA LAJOLO (1991), que descaracterizam o caráter próprio de ambigüidade e de plurissignificação dos textos literários, devem ser evitadas na escola. Rejeitam-se, desse modo, práticas que concebem o texto como objeto de estudo, de análise e de dissecação, visando ao aumento do vocabulário, ao ensino da norma culta ou da História da Literatura, ou à produção de redações — procedimentos que, na maioria das vezes, estimulam o distanciamento entre a obra e o estudante, que seria um virtual leitor.

Para realmente atuar como formadores de leitores, os professores precisam contribuir para que se crie uma verdadeira *cultura de leitura*, que autorize a circulação de diferentes tipos de textos. Sensíveis à diversidade do mundo contemporâneo, os professores de literatura devem cultivar práticas que estimulem a leitura dos textos consagrados pela crítica e instituições, sem, no entanto, ignorar outras modalidades narrativas que, além de se constituírem como legítimas manifestações culturais, podem ser concebidas como meios de cooptar adeptos para o mundo da leitura, meios de seduzir novos leitores.

2 O LEITOR NA TEORIA DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

A obra é obra e permanece viva como obra na medida em que faz apelo a uma interpretação e age através de uma multiplicidade de significações.

Hans Robert Jaus

Estabelecida a proposta de afastar o ensino da literatura daquelas práticas consagradas que visam à memorização de datas, nomes de escritores e obras ou de características dos períodos literários, o foco passa a ser a sensibilização do leitor. O professor deve buscar bases teóricas que considerem o espaço do outro — o aluno — no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, é preciso que se considere o aluno a partir de duas perspectivas: uma mais particular, individual, tendo em vista seus interesses, preferências, predisposições, necessidades; outra mais social, que o considera como ser social, que tem um papel na sociedade. Assim, as teorias devem reconhecer o lugar do leitor/aluno na sociedade e na escola como agentes transformadores, mas, ao mesmo tempo, como indivíduos com capacidades, necessidades e interesses próprios, únicos.

Para tanto, optou-se pela compatibilização entre duas abordagens teóricas que consideram a ênfase ao indivíduo em relação à literatura — o aluno, o leitor. Tanto a Sociologia da Leitura como a Estética da Recepção vêem a importância do leitor no processo da leitura e, ao mesmo tempo, questionam a autonomia da obra literária, por muitos teóricos tão cultuada e preservada, que desconsidera essa interação. Desse modo, com as bases teóricas definidas e bem estudadas, é possível criar uma prática de ensino de qualidade a fim de obter resultados positivos.

2.1 A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA DA LEITURA

Tendo em vista a constatação da importância do público leitor como elemento de grande influência no processo de criação e de circulação da obra literária, surgiram, ainda em 1923, os estudos de Schücking, com a publicação de *A sociologia da formação do gosto literário*⁶. Os trabalhos de Robert Escarpit e de seus vários discípulos, entre eles, Pierre Bourdiéu, da Escola de Bordéus, deram continuidade a essa perspectiva teórica.

⁶ *Die Soziologie der literarischen Geschmacksbildung.*

ESCARPIT (1971), conforme AGUIAR (1996), aponta que a Sociologia da Leitura entende o fato literário no contexto social em que está inserido e com o qual dialoga: *Estuda, por isso, as questões de produção, identificando os elementos que interferem na atividade do escritor como homem de seu tempo com responsabilidade social definida* (p.24).

Nessa perspectiva, é o ato da leitura que responsabiliza o leitor pela existência, permanência e imortalidade da obra literária. Para tanto, é preciso dar atenção aos comportamentos expressos por esse leitor diante da leitura, ou seja, sua relação com a obra e com todo o processo de reflexão, mudanças, ações que possam surgir no decorrer do ato de ler.

Conforme LIMA (1983),

a análise sociológica se volta para a área dos discursos e, dentro dela, aponta para a da literatura, freqüentemente, com o propósito de ilustrar, exemplificar ou comprovar uma interpretação de caráter bem mais abrangente: a interpretação de certa sociedade (p.105).

A abordagem considera o leitor com todo o seu conhecimento de mundo, suas experiências e influências, ao contrário da visão tradicional em que se valorizava o autor e o texto em si. Segundo AGUIAR,

a Sociologia da Leitura tem como objetivo estudar o público como elemento atuante do processo literário, considerando que suas mudanças em relação às obras alteram o curso de produção das mesmas. Nesse sentido, pesquisam-se as preferências do público, levando em conta os diversos seguimentos sociais que interferem na formação do gosto e servem de mediadores da leitura, bem como as condições específicas dos consumidores segundo o seu lugar social, cultural, etário, sexual, profissional, etc. (1991, p. 23).

ESCARPIT (1958) considera que a literatura, através do livro, é uma maneira de representar e mostrar a real sociedade aos leitores, ou seja, ele julga que o fato literário está associado ao contexto social inserido e com o qual mantém uma relação de diálogo constante. Assim, embasado na perspectiva de que uma obra deve ser analisada de acordo com o meio social em que foi escrita de forma objetiva e ordenada, ressalta que é preciso muito cuidado para os estudos não se aterem aos dados puramente estatísticos.

Desse modo, deve-se considerar apropriados, segundo ESCARPIT (1971), os estudos das estruturas sociais, como por exemplo, as instituições culturais, as classes sociais, os regimes políticos, as condições do escritor, da editora, etc. a fim de se ter uma interpretação mais ampla do texto literário.

A escola de Bordiéus e todos os seus seguidores vêem o fenômeno literário sob três instâncias, quais sejam:

a) a produção, que está ligada à criação do escritor representante da sociedade, por isso, é necessário analisar as influências que recebe;

b) a circulação, que está direcionada com as instituições sociais, as quais podem intervir na obra, como as gráficas, as editoras, os críticos literários, os revisores, a imprensa, os meios de comunicação, etc.;

c) o consumo, dirigido aos diferentes segmentos de público que alimentam e direcionam desde a escolha dos gêneros, da diagramação, do uso do vocabulário, etc.

Além disso, a Sociologia da Leitura preocupa-se muito com as responsabilidades dos mediadores sociais, isto é, dos representantes da sociedade que têm o compromisso de introduzir o universo artístico ao homem. Entre a obra e o leitor há um grande espaço vazio, um abismo, conforme aponta ARNOLD HAUSER (2001), outro estudioso da escola de Bordiéus, que precisa ser dirimido por meio de explicações, traduções, debates de qualidade. No caso da literatura, tais mediadores constituem-se na escola, na família, na biblioteca, na editora, na imprensa, etc.

Considerar os aspectos sociais não significa limitar a plurissignificação do texto literário, ou seja, qualquer mediador deve ter cuidado para não transformar a literatura apenas num documento, excluindo todas as suas outras funções. Portanto, o professor deve oferecer aos alunos a leitura do texto literário visando, principalmente, ao prazer estético e, por isso, precisa abandonar a tradição imposta por muitas escolas de atribuir um caráter pedagógico, moralista, utilitário ao texto.

De acordo com AGUIAR (1996) o espaço da literatura é o *lugar de uma espécie de balé bem ordenado no qual os indivíduos e os grupos desenham suas figuras* (1996, p.133). Há uma interação entre o escritor e o seu público, que de certa forma interferirá na obra, ou seja, o processo da escrita sugere um leitor que pode se manifestar de diferentes maneiras, conforme a circunstância que vive no momento da leitura.

A palavra escrita constitui-se num dos meios mais competentes de o homem compreender-se e compreender o mundo, segundo MANGUEL (1997), em especial,

em meio à cultura da imagem, que favorece a superficialidade. *Todavia, livros precisam de leitores, que devem ser seduzidos pelo universo escrito. Assim, o ato de ler só funciona quando parte do interesse do leitor* (ISER, 1991, p.26), somente desse modo haverá uma troca, uma interação e um provável aprendizado.

2.2 PERSPECTIVA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Criticando os padrões positivistas e idealistas de abordagem de arte literária, Hans Robert Jauss, ainda na Alemanha de 1967, apresenta a Estética da Recepção como concepção teórica que inaugura o olhar para ao leitor. Procura rejeitar aquelas filosofias que sustentavam (ou ainda sustentam) um ensino tradicional da história da literatura, que desconsidera o momento histórico da produção da obra, muito menos o momento real da sua leitura, sem refletir sobre as alterações dessa leitura que ocorrem ao longo dos tempos.

Jauss propõe uma teoria que pretende romper com todo o pensamento calcado na omissão da história, ou melhor, do contexto social em que as obras são escritas e recebidas. Por isso, a estética da recepção adentrou o universo acadêmico provocando profundas transformações nos currículos e na metodologia do ensino literário na Europa.

Segundo Jauss, é preciso que se institua uma nova forma de ensinar a história da literatura, a qual valorize os acontecimentos do mundo, da sociedade e as vivências do homem. Em outras palavras, para se entender uma obra literária, é preciso caracterizá-la como um fenômeno social, que recupera o lugar do leitor como agente questionador e transformador, inclusive da própria obra. Esta postura pode ser considerada elemento marcante da teoria porque atribui e mobiliza o leitor a interagir com o texto. ZILBERMAN (1989) ratifica esta idéia.

Sob este aspecto, a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda de foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor, o 'Terceiro Estado', conforme Jauss o designa, seguidamente marginalizado, porém não menos importante, já que é condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social (p. 10, 11).

Dessa maneira, nesse processo, o leitor pode interpretar, sentir, viver a obra de diferentes maneiras de acordo com suas experiências, necessidades e, em especial, consegue relativizar harmonicamente a época em que lê e a que o texto foi

criado. Sob esse ponto de vista, a obra deixa de ser considerada como algo superior, autônomo, auto-suficiente e imutável, já que passa a dialogar com o seu público. Segundo ZILBERMAN (1989), JAUSS defendia que

é inaceitável a afirmação da autonomia absoluta do texto, que se sobrepõe ao sujeito por contar com uma estrutura auto-suficiente, cujo sentido advém tão-somente de sua organização interna (p.10).

Assim, com a atenção expandida para o leitor, a Estética da Recepção se propõe

a estudar o público enquanto fator ativo do processo literário, já que a mudança de gosto e preferências interferem não apenas na circulação e, portanto na fama, dos textos, mas também em sua produção (ZILBERMAN, 1989, p.17).

JAUSS busca nos pressupostos de Gadamer, seu ex-professor em Heidelberg, em 1961, a idéia do *horizonte de expectativas*. Em outras palavras, defende o lugar do leitor como agente do processo de leitura, o qual traz consigo toda uma bagagem de experiência, de vida que influenciará na leitura e na interpretação do texto: *recupera a história como base do conhecimento do texto* (ZILBERMAN, 1989, p.12).

Por esse viés, as idéias de Jausss redirecionam o olhar dos estudiosos, dos professores, dos teóricos de forma a encarar a história da literatura como um processo de recepção e de produção estéticas que se cumpre na atualização de textos literários através do leitor que lê, do escritor que produz e do crítico que reflete. Nessa medida, o leitor é o que assegura a permanência e a imortalidade do texto e, em conseqüência, do autor, na proporção em que este não se esgota em seus sentidos, pois permite diversas interpretações em cada leitura e assim se solidifica como algo necessário.

Graças a essa perspectiva é que uma obra escrita no século XVIII pode ser lida, entendida e apreciada por um leitor do século XXI, visto que as respostas apresentadas continuam atualizadas e, portanto, sua recepção é atemporal. Além do mais, Jausss explicita que em vista disso, pode-se atribuir o verdadeiro valor e detectar qual é o real objetivo que a arte, entre eles, a literatura tem, qual seja, o

caráter revolucionário da arte: o poder que ela tem de libertar o homem de preconceitos e representações arraigadas na sua situação histórica e de o

abrir a uma percepção nova do mundo à antecipação de uma realidade nova (JAUSS, 1993, p. 8).

Em outras palavras, JAUSS refere-se à literatura como um bem que alarga os horizontes do leitor, pois através dela o homem pode transformar a si e a sociedade, ou seja, consegue expandir seu conhecimento intelectual, emocional, social, entre outros. Na verdade, a literatura, inerentemente, proporciona momentos em que é preciso refletir, analisar, criticar, conhecer, portanto interfere nos sentimentos, na realidade, no pensamento do homem.

Outras correntes literárias, de acordo com ZILBERMAN (1989), também foram alvos de crítica de JAUSS, como a Teoria Crítica, o *New Criticism* e a Fenomenologia. Todas, apesar de evidenciarem diferenças entre si, fomentavam o enaltecimento e a superioridade da obra literária e menosprezavam ou restringiam a figura do leitor.

De acordo com a primeira teoria citada, a obra não recebe influências do meio social, portanto é autônoma e independente dos prováveis impactos por ela causados no público. A segunda também considera o caráter de autonomia da obra literária, uma vez que as interpretações e as análises ficam limitadas às estruturas internas do texto, descartando os constituintes externos (sociais) e, por isso, o leitor. Já a terceira teoria, a Fenomenologia, criticada por Jauss tem como cerne o teórico Ingarden, que se preocupa em defender e enfatizar que a natureza, a essência da obra literária é inatingível pelos meios externos, entre eles o leitor e o autor.

Todavia, com a Fenomenologia de Ingarden já se tem um avanço na concepção que aposta no leitor como elemento determinante no processo literário, no momento do ato da leitura, uma vez que ele pode preencher *as lacunas, os espaços em branco deixados pela obra, por meio de suas experiências e entendimentos*. Embora o leitor tenha certa liberdade frente à leitura da obra, ele não interfere em sua essência nem restringe a sua natureza visto que tais lacunas são propositalmente criadas pelo autor e, portanto, dirigem o seu pensamento.

Em outras palavras, Ingarden declara que o leitor é instigado a preencher as camadas vazias, os pontos de indeterminação que a obra oferece através da sua imaginação (limitada ao próprio texto), de como são os personagens, os lugares, as situações, os objetos: *A concretização é apenas a atualização dos elementos potenciais da obra e não a interação entre o texto e o leitor* (p.26).

Com essas afirmações é inevitável concordar que a grande revolução da Estética da Recepção é sugerir a passagem de uma «*poiesis*» para uma «*aisthesis*»,

isto é, a passagem da preocupação com a produção, ou melhor, com a obra, para a *aisthesis*, isto é, a visão da recepção e do confronto com a obra pelo leitor. Assim sendo, apresenta-se, então, não como uma recepção pacífica, alienada nem sequer como uma simples decodificação de um símbolo, de um código de letras, mas como um processo complexo, no qual a obra é recriada, tornando-se assim um produto da sua interação com o leitor. Portanto, seria um redescobrir literário na perspectiva do leitor, não na do autor.

Nessa medida, o leitor pode transcender ao texto, mudar e ampliar a sua percepção da realidade. Portanto, de acordo com Jauss, a leitura pode se realizar por meio de duas espécies de concretização: uma é o horizonte implícito de expectativas que se refere ao nível estrutural da obra, isto é, às orientações prévias condicionadas pelo autor, ou seja, a direção dada pelo autor através de pistas ou elementos que devem ser seguidos pelo leitor no momento da leitura. Outra é a análise das expectativas, que, de cunho extra-literário, é realizada pelo leitor, o qual, com suas experiências, preenche tais lacunas do texto literário ora deixadas pelo autor.

Nesse sentido, afirma que a arte provoca discussão, justamente porque causam efeitos no receptor ao longo da leitura. Trata-se do *dialogismo* entre obra/ receptor/ mundo. Assim, os princípios dessa teoria, em essência, resultam das verdades captadas a cada leitura da obra pelo seu receptor: um propósito em que a obra e o leitor se implicam, isto é, uma representação em que o sujeito e o objeto se diluem, se entremeiam. Por conseguinte, esta teoria apresenta um leitor implícito que dialoga com a obra e não apenas um sujeito externo que capta o que o autor, na obra, quer dizer.

WOLFGANG ISER (1996) associou-se às concepções de Jauss, retomando e ampliando o conceito de *indeterminação da arte*, em destaque a literatura, já mencionado por Ingarden, apontando para o caráter da comunicação. Devido às lacunas ou às estruturas abertas do texto, o leitor está em constante diálogo com a obra, quando o *preenche* com as suas experiências e as suas expectativas.

As estruturas centrais de indeterminação no texto são seus vazios e suas negações. Tal dupla característica da estrutura textual provoca, no leitor, a necessidade da contínua transformação noutras figuras de relevância (p. 27).

Embora Iser inove com sua teoria, ela também tende a se restringir, pois seu papel central ainda permanece voltado à estrutura do texto, portanto, mesmo que

indiretamente, a leitura é regulada, encaminhada e direcionada por esses espaços em branco oferecidos ao receptor, que completará o sentido do texto. Para tanto, o texto exige que o leitor apresente características específicas para reconstruir o que fica em aberto, logo prevê um leitor ideal. Para Iser, o leitor ideal é aquele que é sempre capaz de *ampliar o seu horizonte de expectativas*, indo além do próprio texto.

A obra literária é comunicativa desde sua estrutura; logo, depende do leitor para a constituição de seu sentido. Este não corresponde a nenhum conteúdo universal, perene e imutável a ser extraído por um leitor competente; pelo contrário, pode mudar, se o público, a sociedade e a época forem outros (ISER, 1996, p. 64).

É significativo dizer que tanto Jauss quanto Iser rompem com as estruturas tradicionais do ensino da história da literatura pelo mesmo viés: o envolvimento do leitor com o texto, ou melhor, a possibilidade de diálogo entre ambos. Contudo, a maior diferença entre eles é que Jauss volta-se para a recepção da obra, na maneira como ela é ou deveria ser recebida no decorrer do tempo. Já Iser detém-se no efeito que obra causa através de seus vazios no leitor, ou as estruturas de apelo.

A experiência primária de uma obra de arte, para Jauss, se realiza na sintonia com seu efeito estético, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito, não para o leitor, mas sim, especialmente para ser interpretado. Disso resulta a dupla tarefa da hermenêutica literária: diferenciar metodicamente os dois modos de recepção. Ou seja, de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. Deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção (ZILBERMAN, 1989, p. 46)

Sem dúvida, a estética da recepção considera a experiência, a bagagem de vida do leitor que, conforme Jauss, *vem à tona durante a leitura levando-o ao conhecimento de uma obra, até aí desconhecida, tendo em vista toda uma bagagem de leituras e de vivências, ou seja, um pré-conhecimento, que lhe permite experienciar aquilo que lhe é trazido como novo através do diálogo com o texto* (JAUSS, 1979, p.66).

De outra forma, também prestigia a historicidade da literatura sobre três aspectos: a diacronia, a sincronia e a relação entre evolução intrínseca da literatura e

a da História em geral. *Assim, pode-se entender que a tradição literária não se pode transmitir sozinha, e que um passado literário só pode retornar quando uma nova recepção o atualiza* (JAUSS, 1979, p.95).

Apesar de conscientes dessa oportunidade de dialogismo e polifonia do texto, há ainda muito desconforto por parte de alguns críticos, de alguns educadores e de algumas instituições em aceitar que o leitor ganhou um novo papel, ou melhor, assumiu um lugar antes desconsiderado: o de interagir com a obra.

Trata-se da idéia de que o leitor é o co-autor da obra, que somente existirá se tiver um leitor para lê-la. Para que uma obra seja reconhecida, precisa da junção não de um objeto-objeto e sim do objeto (obra) sujeito (leitor). Esse jogo torna-se fundamental na atividade leitora porque os horizontes se atualizam ou se modificam em diversos momentos da história. A forma como o texto está escrito também guia a perspectiva do leitor.

(...) por esta razão, é preciso descrever o processo de leitura como interação dinâmica entre texto e leitor. Pois os signos lingüísticos do texto, suas estruturas, ganham sua finalidade em razão de sua capacidade de estimular atos, no decorrer dos quais o texto se traduz para a consciência do leitor. Isso equivale a dizer que os atos estimulados pelo texto se furtam ao controle total por parte do texto. No entanto, é antes de tudo esse hiato que origina a criatividade da recepção (ISER, 1996, p.10).

A literatura faz, portanto, com que o leitor não só reconheça as palavras, mas sim, enriqueça o texto e a si mesmo com muitos outros sentidos.

A meta da arte é transmitir uma sensação quanto ao objeto, como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o do *estranhamento* das coisas e o da forma dificultada, um procedimento que aumenta a complexidade e a duração da percepção, uma vez que o processo perceptivo é fim em si mesmo para a arte e deve ser prolongado (ISER, 1996, p. 133).

Da mesma forma, Umberto Eco afirma que o leitor, em qualquer narrativa, tem um papel significativo, pois preenche uma série de lacunas que o texto deixa, de modo que é obrigado a optar a todo instante ao transitar no que denomina de bosques da narrativa, baseando-se no bom-senso: *Todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho* (2002, p. 9). Acrescenta que sempre que se faz um caminho por esses bosques, é possível utilizar as experiências e as descobertas para aprender mais sobre a vida.

É a partir dessa perspectiva, que se pretende buscar respostas para algumas perguntas que, se respondidas, podem realmente propor novas alternativas para o ensino da literatura: qual é o espaço destinado ao leitor de literatura nas salas de aula das escolas de Ensino Básico? É possível entender o aluno como um leitor, a partir da perspectiva teórica até aqui explicitada?

2.3. UM CRUZAMENTO POSSÍVEL

A Sociologia da Leitura e a Estética da Recepção se entrelaçam e se completam em muitos aspectos, principalmente, porque pretendem dirimir as fronteiras entre a obra e o leitor, oferecendo um melhor entendimento do ato da leitura, explicitando o seu caráter transformador, em especial o da literária.

Ou porque pretende estudar as relações entre o texto e o leitor, no que se refere à possibilidade de ampliação dos horizontes de expectativas, ou porque busca os resultados através de dados extrínsecos à leitura centrando sua relação entre o livro e os seus mediadores sociais, ambas as abordagens pretendem chegar ao leitor, que tem na obra literária um meio para dialogar com a vida e para entender o mundo.

A ação do professor deve pressupor tais relações, com vistas a promover a interação do aluno com o mundo literário, tendo em vista que o ato de ler implica tanto a subjetividade - emoções, reflexões, sentimentos - como a objetividade, que pressupõe a ação - mudança de atitude, de pensamento.

3 A LITERATURA CANÔNICA

Os motivos para se ler, como para escrever, são muito diversos, e muitas vezes não claros mesmo para os leitores ou escritores mais autoconscientes. Talvez o motivo último para a metáfora, ou para a escrita e leitura de uma linguagem figurativa, seja o desejo de ser diferente, estar em outra parte. Nesta afirmação eu sigo com Nietzsche, que nos advertia que aquilo para que conseguimos encontrar palavras já está morto em nosso coração, de modo que há sempre uma espécie de desprezo no ato de falar... Mas não lemos para descarregar nossos corações, portanto não há desprezo no ato de ler. As tradições nos dizem que o eu livre e solitário escreve para vencer a mortalidade... Lê-se com um só objetivo: encarar a grandeza... a busca da transcendência de limites. Nosso destino comum é a velhice, a doença, a morte e o esquecimento. Nossa esperança comum, tênue, mas persistente, é alguma versão de sobrevivência.

Harold Bloom

3.1 O DESEJO PELO CÂNONE

Apesar de reiteradamente revistos e repensados ao longo dos tempos, os cânones são sempre reconduzidos ao patamar superior na escala de manifestações culturais, portanto sempre gozam de um prestígio irretocável. Parece haver um consenso de que devam ser sempre apontados como os modelos a serem seguidos. HAROLD BLOOM (2001) enfatiza que a leitura dos livros consagrados, ou dos famosos cânones, deve ser obrigatória e sugerida por profissionais ligados à área de Letras, pois são indiscutíveis as qualidades estéticas dessas obras.

O teórico radicaliza ainda mais, quando afirma que o aumento da quantidade de novas obras e escritores tornou a literatura linguisticamente pobre e vazia de sentidos. Considera, por isso, caótica a atualidade no que se refere à produção literária. São raros os escritores contemporâneos que galgam um patamar de grandiosidade estética de um Shakespeare, um Tolstói ou de um Proust.

Imortalizar-se como esses autores é certamente o desejo de qualquer escritor. A morte, que é inevitável ao corpo, pode ser ultrapassada pela escrita. Assim, o ser humano escreve e lê para transcender a morte. Os cânones, nessa medida, fazem parte do mundo *imortal* das palavras, dos sentimentos, da vida, da morte, do ser e não-ser.

Para BLOOM,

o desejo de escrever, grandiosamente é o desejo de estar outra parte, num tempo e lugares nossos, numa originalidade que deve combinar-se com a herança, com a ansiedade da influência (BLOOM, 2001, p.20).

Assim sendo, as inquietações da alma, os sentimentos, os medos presentes em todos os seres são traduzidos pelas narrativas literárias, que, ao resistirem ao tempo, ao se perpetuarem, canonizam-se, e a seus autores.

3.2 A ORIGEM DO CÂNONE

Cânone pode ser conceituado de maneira mais ampla como um conjunto de obras consagradas por instituições. Deriva da palavra grega *kanon*, que nomeava uma espécie de vara com funções de instrumento de medida. Mais tarde passou a ser entendido também como um padrão ou um modelo a aplicar como norma inquestionável daquilo que deveria ser considerado ou descartado pela sociedade. Seria

um sistema normativo, o paradigma intocável? Ou o reconhecimento de virtudes silenciosas? O caso, enredado na história, ou o acaso, surpreendido no campo aberto na vida do mundo? O racismo estético no puritanismo literário?...(PORTELLA, 1996, p. 178).

Num sentido mais genérico, cânone é definido pelos dicionaristas⁷ da língua portuguesa como uma regra, um preceito, até mesmo uma norma ou um padrão. Neste sentido, o *cânone* caracteriza-se por ser rígido e inflexível.

A idéia do cânone surgiu com a igreja católica que escolhia, reunia e consagrava partes da Bíblia, portanto era uma seleção de textos imposta por superiores, ou seja, acredita-se que se formou um dogma, um autoritarismo: *muito mais impositivo que interpretativo* (PORTELLA, p.175). Também aparece como preceito de direito eclesiástico, lista de santos consagrados pela igreja, parte da missa católica, ou seja, o cânone está associado diretamente à igreja, aos santos e, por isso, apresenta uma carga semântica muito forte ligada ao divino e ao sagrado.

Já no Renascimento, a arte literária, e depois ainda, as outras formas artísticas, começaram também a escolher e a denominar o que seriam os textos ou os autores *consagrados* da literatura. Tais princípios revelam, portanto, que definir o que é canônico pressupõe uma decisão que vem do *alto*, da interpretação dos registros, tal como o direito civil e a concepção religiosa.

⁷ Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. Weiszflog, Walter. Michaelis: Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

Ainda existe ligação de sentido tanto com a música quanto com a arquitetura, uma vez que *cânone* é definido como uma forma de composição do século XVI ou como qualquer uma das regras da formação ou dos modelos plásticos que acadêmicos queriam impor como fontes exclusivas, suficientes e definitivas. Portanto, a palavra *cânone*, de outra forma, apresenta um vínculo e uma preocupação tanto com a beleza da arte como da arquitetura.

3.3 O CÂNONE LITERÁRIO

Ao apresentar seus quatorze bons motivos para que todos venham a ler ou a reler obras canônicas, Ítalo Calvino, numa reflexão aparentemente romântica, afirma que se trata *de livros que constituem uma riqueza para aqueles que tenham lido e amado...*(p.10). A idéia de legado, entretanto, está implícita nessa afirmação: os que lêem tais obras tomam contato com uma riqueza de experiências de sensações que passam a constituir o próprio indivíduo.

Buscando definir no que se constitui essa riqueza, o autor afirma que clássico é aquilo que persiste mesmo como rumor onde predomina a atualidade mais incompatível. Nessa perspectiva, mesmo que os clássicos tenham sido escritos em épocas remotas e, por isso, de certa forma destoem do mundo contemporâneo, pois acima de tudo

servem para entendermos quem somos e aonde chegamos e por isso os italianos são indispensáveis justamente para serem confrontados com os estrangeiros, e os estrangeiros são indispensáveis exatamente para serem confrontados com os italianos. (p.16).

Nesse sentido, a obra clássica, ou canônica, possui um efeito de ressonância que permite sua permanência ao longo dos tempos. Constitui-se como parte da construção da identidade do homem, com a sua possibilidade de representação da história, dos seres humanos, do pensamento, do modo de agir que transcende a época de produção. Não apresenta uma história qualquer, mas uma bagagem de vida do passado e, provavelmente, do futuro, expressa na linguagem, na cultura, nas ações, nos sentimentos que se perpetuam. Assim, pois, as obras clássicas da literatura

trazem consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram. Portanto, os clássicos são livros que, quanto mais pensamos em conhecer por ouvir dizer, quando são lidos mais se revelam novos, inesperados, inéditos (p.15).

As leituras dos clássicos realizadas ao longo dos tempos certamente acrescentam novas perspectivas às obras, assim como foram concebidas originalmente. Ocorre que tais narrativas possuem a capacidade de suspender a realidade ou, conforme aponta o autor, de *relegar as atualidades à posição de barulho, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo* (p.15).

Essa competência de mobilização dos clássicos, que certamente determina a revitalização das leituras, é *reiteradamente* lembrada pelas instituições ligadas à cultura, à educação, à circulação do livro. É das práticas dessas instâncias que se mantém a estabilidade, o reconhecimento pelos cânones como fenômenos literários.

CÂNDIDO (1975) afirma que *o sistema literário* — composto por críticos, estudiosos, escritores, escolas, editoras, etc. — norteia não apenas todo o pensamento que contribui para a formação da literatura, indicando o tipo de obra que deve ser produzida, mas também interfere na escolha dos textos consagrados.

O Cânone literário tem a capacidade de estabelecer uma relação metonímica com os leitores, assumindo uma dimensão sócio-cultural. Reis (1995) acrescenta que a escolaridade obrigatória, o ensino da língua nas escolas, a literatura aplicada através de textos normativos contribuem para validar o estatuto literário.

O autor (1995), recorrendo às idéias de Paul Lauter, concebe cânone *como o conjunto de obras literárias e elenco de textos filosóficos, políticos e religiosos significativos, os particulares relatos históricos a que geralmente se atribui peso cultural numa sociedade* (p.71). O cânone, assim, decorre do envolvimento de três fatores: a seletividade — a forma como são escolhidas as obras e os autores —; a continuidade, ou a permanência delas ao longo dos tempos; e a formatividade, que se constitui na questão pedagógica e ideológica da obra.

CÂNDIDO (1975), ao tratar da formação de uma literatura, parte do pressuposto de que cânone vincula-se a uma tradição histórica, por isso sua natureza está ligada à Sociologia. Desse modo, um país deve se preocupar em montar, ordenar e preservar o surgimento das obras como uma expressão individual, mas de natureza sociológica, pois toda a forma literária reflete o contexto social e/ou ideológico do momento em que foi escrita.

Na medida em que a literatura está enraizada na história, é preciso que as instituições tragam, preservem e venerem as obras canônicas, com toda sua bagagem histórica, cultural, social. Por outro lado, é necessário que também aceitem, acrescentem e cultuem as obras produzidas nos dias de hoje, pois nelas encontra-se o presente que caracteriza o homem e a sociedade atual.

O sentido do canônico ligado ao simbólico e ao sagrado clama para si autoridade para obter privilégios e uma hierarquia na qual está no topo. Tal hierarquia introduz a noção do que é bom ou ruim e do que é belo ou feio na literatura, enfim o que pode ser considerado uma literatura canônica ou não.

Todas as concepções de cânone literário, a princípio tão divergentes, pressupõem uma concepção acerca do que se constitui a própria literatura. Em outras palavras, identificar a essência daquilo que torna uma obra literária é condição para determinar ou não sua inclinação para o cânone já que o conceito de cânone pressupõe e abarca o de literatura.

De acordo com ALASTAIR FOWLER (APUD BLOOM, 2001, p.28): *em cada era, alguns gêneros são encarados como mais canônicos que outros*. No entanto, não é permitido, ou seja, tolerável que uma obra não se preocupe com sua estética em função de uma ideologia. Fato que seria, no mínimo, hipócrita e individualista, uma vez que a arte, entre elas, a literatura é considerada como tal justamente pelo seu efeito estético, ou seja, pela sua beleza que atinge a inúmeras pessoas, em diversas épocas por divergentes caminhos, que levam ao reencontro com eu — o individual — e ao conhecimento do outro — o social.

3.4 O TEXTO LITERÁRIO

O texto literário tem que, antes de tudo, apresentar uma certa *literariedade*, conforme expressão dos formalistas russos, ou seja, articular-se a partir de elementos que o diferem do texto científico, jornalístico, etc. O uso diferenciado da linguagem através das figuras, dos mitos, dos símbolos, bem como a preocupação estética, o trabalho com a ficção e o não comprometimento com o registro da realidade podem ser considerados alguns elementos fundamentais para se identificar o literário, que seguramente constitui-se numa forma cultural dentre tantas que o homem é capaz de construir.

SAMUEL (2002) afirma que a *cultura de um povo se realiza, em diversos sentidos, nas ciências e nas artes*. É um conjunto de hábitos socialmente herdados, que determina a vida dos indivíduos. A literatura fala do mundo através de uma imagem do mundo que mostra, expressa e potencializa, através de um texto inventado, as relações humanas, os sentimentos, a ideologia, a história de uma época. A partir do momento que se admite que a arte literária é a imagem do mundo, pode-se retornar o conceito aristotélico de literatura que coloca a *mimese*, ou seja, a representação da realidade como a gênese do literário.

Consiste pois a imitação nestas três diferenças, como a princípio dissemos — a saber segundo os meios, os objetos e o modo. Por isso, num sentido, é a imitação de Sófocles a mesma de Homero, porque ambos imitam pessoas de caráter elevado; e, noutro sentido, é a mesma que de Aristóteles, pois ambos imitam pessoas que agem e obram diretamente (ARISTÓTELES, 1987, p.203).

Dessa maneira, a literatura pode ser considerada como a arte da imitação do homem através do arranjo das palavras. De outro modo,

mimese é um termo aristotélico que significa imitação. A mimese literária faz uma desrealização: o poeta parte, quebra, fissa a realidade para poder recriá-la utopicamente. Com isso, desmascara a realidade, que se encontra alienada. A mimese é a capacidade de fazer o mundo aparecer no texto, não o mundo das aparências naturalizadas, mas a essência do mundo (SAMUEL, p.10).

Eis o motivo pelo qual a literatura não só reflete uma sociedade, mas apresenta-a, revela-a, explica-a e, assim, provoca e instiga o leitor a refletir, criticar e rever o mundo em que vive e a si mesmo. No entanto, a obra literária diz tudo isso sem impor, sem explicar, sem normatizar, pois é o seu receptor quem vai extrair as verdades e os sentidos expressos nas entrelinhas, nos vazios através da sua imaginação, do seu conhecimento de mundo, da sua própria realidade, etc.

A literatura é, pois, a arte da imitação pela linguagem, e justamente por imitar, constitui-se como ficção. Já numa concepção mais moderna, Todorov explicita que a literatura está relacionada como efeito estético do belo. Assim, propõe que toda arte, seja ela literária ou não, *deve mais agradar do que instruir*.

Ora, a noção de belo se cristalizará pelos fins do século XVIII, numa afirmação de caráter intransitório, não-instrumental, da obra. Após ser

confundido com o útil, o belo define-se agora por sua natureza não-utilitária (TODOROV, 1969, p.15).

Percebe-se que a delimitação daquilo que se constitui literário está diretamente ligada às experiências, necessidades, vontades, interesses e ideologias da sociedade de cada tempo, o que é determinante para definir também aquilo que se considera canônico, já que os paradigmas podem ser relativizados e, portanto, reformulados.

3.5 OS CÂNONES LITERÁRIOS HOJE

Uma tarefa árdua e divergente para os milhares de estudiosos da literatura do mundo inteiro constitui-se em definir quais são as obras literárias canônicas. De acordo com Portella, o cânone

está destinado a proteger a perenidade dos *bons escritores*, gera estranha contabilidade estética, no interior da qual se alinham e se desalinham perdas e ganhos-contas até aqui desequilibradas. Sem se aperceber que o isolamento estético é tão ou mais grave do que a purificação étnica (1996, p. 178).

Para BLOOM (2001), somente as obras que possuem um *status* de grandeza podem ser canonizadas. Elas devem provocar a estranheza, ou seja, uma sensação de novidade sobre o leitor. Em outras palavras, um cânone, provavelmente, preencherá algumas lacunas existentes no quebra-cabeça da vida do leitor, provocando o encantamento, mesmo que tenha sido produzida numa época distante, pois trará as marcas da atemporalidade, da originalidade. *As obras têm a capacidade de fazer-nos sentir estranhos em casa* (BLOOM, 2001, p.13).

Entretanto, o conjunto de obras que foi institucionalizado, segundo REIS (1995), possui uma estrutura muito fixa, limitando-se a formar pequenos grupos e, por outro lado, excluindo uma vasta quantidade de obras e escritores. Assim, muitos textos, que poderiam acrescentar e ajudar na formação da identidade de um povo já que representam um momento histórico (seja ele do passado ou atual), são excluídos.

É nesse sentido que REIS (1995) salienta a influência que as obras canonizadas exercem na formação das pessoas, mas acentua a de reconhecer a produção de hoje. Esse olhar, contudo, deve ser arejado, pois vive-se num momento

de novas formas, algumas, certamente, artísticas, mas que impõem diferentes concepções epistemológicas.

Em tempos de capitalismo desenfreado, sabe-se que muito lixo invade o universo cultural, o que não exclui a literatura. A busca pelo lucro imediato através do consumo em massa provoca o culto à superficialidade, o apelo à vulgaridade que subestima a inteligência dos leitores, recorrendo ao óbvio, ao lugar comum, ao sensacionalismo — estratégias incompatíveis com a arte.

Todavia, reduzir, menosprezar, ignorar que existem, nos dias de hoje, novas possibilidades em termos de manifestação artística significa negar uma produção que cresce, se transforma, assim como a sociedade e o homem. Nesse sentido, o conceito de cânone literário precisa ser reformulado a fim de englobar novos e diferentes estilos que, também, poderão ser reconhecidos pela academia e, inclusive, considerados nos currículos escolares.

Visões mais ortodoxas, entretanto, como a de BLOOM (2001), apontam para a falta de valores — estéticos, morais, culturais — de muitos críticos da atualidade que, com a justificativa de promover *uma transformação social, consideram canônicas obras destituídas do cheiro de originalidade [que] deve sempre pairar num aspecto inaugural* (p.15).

Num contexto de pluralidade cultural, o cânone perde o espaço antes tão sagrado e, segundo Bloom, corre o risco de extinção, tendo em vista o alargamento das fronteiras delimitadoras. Assim, o crítico aponta para a necessidade de divulgação das obras canônicas, especialmente pelas instituições responsáveis pelo ensino, assim como as escolas e as universidades.

Talvez porque se ocultem, na expressão de Calvino, *nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual*, os clássicos, assim contribuem para a formação do senso estético do indivíduo ou influenciando a produção dos novos escritores, conforme aponta BLOOM (2001).

REIS (1995) afirma que existem algumas críticas às regras fixas e aos padrões formais da literatura, que podem instigar e abrir espaços para as obras e autores marginais também se estabelecerem a fim de serem reconhecidos com o status que merecem. Não se trata de abandonar a leitura dos cânones. Pelo contrário, eles devem ser estimulados de forma adequada, sem repetir procedimentos que focalizam a simples obrigatoriedade de leitura.

Ampliar os critérios de seleção de obras a serem indicadas como leituras escolares pode se constituir num caminho interessante. Assim, inovam-se formas, gêneros, estilos; expandem-se e diferenciam-se os leitores e seus gostos literários.

4 A LITERATURA POLICIAL: UM CAMINHO PARA A LEITURA DO CLÁSSICOS

O homem é um animal racional, isto é, um ser repartido em dois mundos: o sensível e o inteligível, com grande dificuldade e à custa de muitos erros. Eis por que se pode dizer que o romance policial é a gesta do espírito humano em luta com o mundo opaco.

Boileau Narcejac

4.1 ESTABELECENDO OS LIMITES

O conceito de *cultura de massa* é muito amplo, abrangendo, na maioria das vezes, toda e qualquer manifestação de atividades destinadas às pessoas em geral. Hoje, tudo pode ser inserido no amplo conceito de *cultura de massa*, desde os programas de televisão, como as novelas, os espetáculos de dança, os *shows* de *rock'and roll*, o carnaval, às revistas com histórias em quadrinhos, etc.

Porque inseridas no circuito comercial capitalista, tais manifestações se constituem muito mais como produtos, porque produzidos com fins especificamente lucrativos, do que como expressão cultural de um dado grupo social. Por outro lado, dentre estes produtos culturais está a literatura de massa, conhecida, principalmente no meio acadêmico, como uma literatura pobre, de mau gosto, produzida e direcionada ao público mais inculto, por isso, geralmente, não é objeto de estudo científico.

Entretanto, já que a aceitação desse tipo de manifestação cultural é muito expressiva - o que se evidencia pelas vendas significativas-, deveria existir maior atenção dos estudiosos da área da cultura. O procedimento generalista de apontar um geral e irrestrito descompasso com a qualidade estética deve ser revisto, diante de tantas e ricas possibilidades de manifestações culturais hoje veiculadas pelos meios de comunicação.

Devido à abrangência do próprio conceito de *cultura de massa*, muitos materiais, especialmente de expressão escrita, que mereceriam um olhar mais atento, são descartados, sofrendo o preconceito e a discriminação dos outros segmentos considerados superiores. A questão está diretamente vinculada ao conceito de obra literária, ligado ao que se convencionou chamar de clássicos. Assim, obras não-canônicas são nomeadas de subliteratura ou literatura marginal, tais como os *best-sellers*.

Tradicionalmente, reconhece-se que existe uma separação entre a *literatura culta* e a *de massa*. No entanto, essa distinção tão rígida muitas vezes, pode se tornar

equivocada além de injusta visto que um clássico pode vir a ser um *best-seller*, da mesma forma que uma obra de massa pode ter sido feita por um escritor de clássicos. Então, como explicar esse fenômeno?

O circuito ideológico de uma obra não se perfaz apenas em sua produção, mas inclui necessariamente consumo. Em outras palavras, para ser *artística*, ou culta, ou elevada uma obra também deve ser reconhecida com tal. (SODRÉ, 2001, p.6)

Assim, os textos clássicos (cultos) são os consagrados pelas instituições que, algumas vezes, conseguem mantê-los com a produção e o consumo elevados. Já a literatura de massa institucionaliza-se através da receptividade do leitor, que na maioria das vezes, faz da obra um *best-seller*.

De outro modo, as literaturas consideradas não-clássicas atingem mais rápida e eficientemente o público leitor que, normalmente, vê neste tipo de obra uma forma rápida e prazerosa de encontrar não somente o entretenimento, mas também as soluções para os seus problemas.

Nos dias de hoje, entretanto, muitas obras se tornam *best sellers* devido à massiva publicidade a que são submetidas e não pela qualidade e/ou capacidade de seduzir os receptores. Todavia, mesmo algumas obras vinculadas à cultura de massa resistem ao tempo. Não são clássicos, mas possuem certas qualidades que justificam a sua permanência e sustentação através dos anos. Em outras palavras, a universalidade da obra determina a sua permanência: produzida em séculos passados, ela pode ainda encantar o leitor contemporâneo.

É nessa perspectiva que se inserem as narrativas policiais – quer sejam romances ou contos –, já que ultrapassam os tempos e continuam encantando leitores de todas as idades, classes sociais, nacionalidades, etc., podendo, por isso, seduzir novos leitores para o mundo da leitura.

4.2 BUSCANDO AS ORIGENS

Os textos de Edgar Allan Poe e Arthur Conan Doyle mobilizam a atenção dos leitores desde o século XIX, quando ambos começaram a produzir suas histórias de detetives. Apesar de serem acusados de seguirem uma *fórmula mágica*, seus textos indiscutivelmente atingem um universo muito amplo de leitores.

Embora, segundo NARCEJAC (1991), o romance policial seja um gênero que evolui e renova-se de acordo com as mudanças da sociedade, a essência da sua estrutura não se modifica: compõe-se de problema, cria mistério, provoca medo e suspense, buscando sempre resolver o problema, solucionar o mistério, de uma forma original.

Além disso, o romance policial deve ser reconhecido, acima de tudo, como um romance psicológico, já que trabalha com os sentimentos do homem em contraste: o amor e o ódio, a bondade e a maldade, a coragem e o medo, por exemplo. *Ora, o criminal deve ser totalmente explicado, o porquê do crime é tão importante quanto o como... na medida em que se conhecerá o porquê e será possível saber quem é o culpado* (NARCEJAC, 1991, p.16). O crime, o problema, o porquê e o como, estão em consonância com o psicológico do assassino. Desse modo, conhecendo-se os motivos, ou melhor, a *mente* do assassino, mas não sua *face*, descobre-se o mistério em si.

Esse tom já aparece na produção de Edgar Alan Poe, o americano que ainda no século XIX produziu as primeiras histórias policiais e, por isso, é considerado o criador do gênero. Um pouco depois, na Inglaterra, o escritor Arthur Conan Doyle começou a escrever suas histórias de detetives. Depois deles, muitos outros surgiram.

Poe inspirou-se para escrever as suas histórias no contexto oferecido pela formação dos centros urbanos, consequência do desenvolvimento industrial da época e do aumento da população. Surge, assim, a separação de classes sociais e, como consequência, o aumento da criminalidade, decorrente, na maioria das vezes, do conflito entre a situação de pobreza do povo e a extrema riqueza da elite.

Nessa época, a polícia tornou-se necessária para ajudar na segurança das cidades. Primeiramente atendia às classes políticas, servindo a elite como espiões; depois passou a operar frente aos criminosos da sociedade, tentando restabelecer a ordem.

A produção de Poe, influenciada pelos acontecimentos e mudanças da sociedade, vale-se dos componentes desse contexto para atrair o leitor: *Começa a guerra de astúcia, o duelo entre o Bem e o Mal, que vai apaixonar um vasto público* (NARCEJAC, 1991, p.15). A partir daí a literatura se apodera destas imagens, figuras, e, através do jornal, lança as famosas narrativas de detetives, que agem a partir de métodos científicos.

O desenvolvimento da tecnologia e da ciência, ambiente em que se insere a filosofia positivista, traz um novo olhar para a realidade, que se traduz também pela literatura

procuram-se descobrir as leis, que regem os fenômenos. *Tudo* isto significa que o próprio homem não escapará às suas influências, que ela dará conta não só dos processos físico-químicos que se passam em seu corpo, mas também dos mecanismos de seu pensamento (NARCEJAC, 1991, p.16).

O romance policial parece incorporar essa perspectiva que prioriza o raciocínio, o cálculo, a reflexão, o intuitivo, como perspectiva analítica, em detrimento do emocional, da visão romântica. Também é, portanto, a narrativa policial, uma manifestação cultural que traduz o seu tempo.

TODOROV (1969) esclarece que

o romance policial tem suas normas; fazer *melhor* do que elas pedem é ao mesmo tempo fazer *pior*: quem quer *embelezar* o romance policial faz *literatura*. Não romance policial. O romance policial por excelência não é aquele que transgride as regras do gênero, mas o que a elas se adapta (...) o melhor romance será aquele do qual não se tem nada a dizer (...) não se pode medir com as mesmas medidas a grande arte e a arte popular (p.25).

Mesmo sofrendo alterações desde o seu surgimento com Poe, a literatura policial ganhou admiradores e representantes de peso fora do eixo Estados Unidos-Inglaterra. Sua fama de subgênero foi, de certo modo, redimida, pois, e, ainda hoje, desempenha um importante papel na tarefa de conquistar novos adeptos ao hábito da leitura.

Apesar do rótulo de literatura inferior, ou melhor, da catalogação de sublitteratura, não é pelo óbvio que o romance policial consegue atrair tantos leitores, mas, justamente, pelo fato de fazer com que o leitor consiga interagir, descobrir e se envolver, através das ações das personagens, principalmente, do detetive, que sempre busca a solução do mistério. Portanto, apresenta uma existência autônoma já que seu público é extenso, fiel e diferenciado.

Das primeiras aparições em revistas, a literatura policial cresceu e se firmou como um dos mais populares gêneros dos dias atuais. Pelo que parece, permanecerá, ainda, encarando a crítica de intelectuais que insistem em tratá-la como produto de segunda mão e, portanto, inferior, da cultura, que está à margem, fora do centro, do *glamour* dos livros considerados tradicionais, canônicos.

Segundo DOUGLAS COMETTI (2003), o gênero policial era considerado pela elite intelectual, desde o seu surgimento, como *lixo cultural* ou *literatura barata*. Sendo concebido para o consumo rápido e distração de pessoas *incultas*, não possui elementos que levem o indivíduo à reflexão,

Descreve LINS (1953) que a literatura não costuma aceitar o romance policial em decorrência de apresentar uma origem considerada inferior. Na verdade, as academias, ou o gosto dominante entre as elites, consideram que esse tipo de texto não apresenta certas características literárias aparentes, ou seja, as marcas pelas quais uma determinada época da sociedade identifica um livro como uma grande obra de arte ou como um verdadeiro trabalho literário.

Com certeza autores como Kafka, Camões ou Shakespeare são grandes clássicos, pois escreveram obras que o tempo e os leitores imortalizaram. Entretanto, cabe questionar por que escritores como Edgar Allan Poe e Sir Arthur Conan Doyle também não podem desfrutar desse título, afinal, suas obras também resistiram ao tempo.

Talvez seja por isso que, de acordo com Lins, criou-se um consenso de que se deve compreender e interpretar um crime como um espectador frente à obra de arte: com muita concentração, observação; evidenciando curiosidade, levantando hipóteses e deduzindo.

4.3 CARACTERIZANDO O ROMANCE POLICIAL

A caracterização de LINS (1953) a respeito da literatura policial parece bastante elucidativa para este estudo. Para o autor,

romance policial tem existência autônoma - técnica, regras e processos próprios, cria, até mais dos que os outros, um mundo particular e fechado, com seus personagens, seus episódios, emoções, encantos, grandezas e misérias, um encontro com o extraordinário, o secreto, o crime, mas, ao mesmo tempo, permite a introspecção do leitor, isto é, é um universo original, que desafia os estereótipos e obriga o leitor a abandonar os vários mundos de sentido em que se arruma o seu pensar e se instala a sua vida. A leitura de um romance policial é evasão, troca de realidades, acesso a um universo de natureza anormal, o do crime, mas também por uma ligação secreta com o mundo de horrores no qual o homem mais virtuoso ou tímido tem possibilidade de praticar o ato anormal do criminoso (p 45).

Tais elementos, se bem articulados no texto, conforme o autor, tendem a encantar o leitor. Além deles, destacam-se como centralizadores dessa narrativa o

sobrenatural e o mistério, que possuem suas bases inspiradas no gênero romanesco da Inglaterra do século XVIII, mais especificamente, no romance gótico policial. Assim surgem ambientes, cenários, climas, situações aterrorizantes, onde as personagens principais, normalmente, o criminoso, praticavam ações visando a prejudicar a personagem secundária, a vítima. Os castelos ou catedrais góticas eram os espaços narrativos preferidos dos autores desses textos.

Quando em 1846, *As histórias extraordinárias*, de Edgar Allan Poe, traduzidas por Baudelaire, são publicadas na França, o autor esclarece, no capítulo inicial, sua técnica racional e objetiva de elaborar o texto. Segundo ele, a história sempre deve ser bem planejada e estruturada, nada deve ser por acaso, tudo tem que ter um propósito, enfim deve haver uma sintonia entre todos os elementos que compõem a narrativa.

Na busca pela definição e categorização do gênero, surgiram várias propostas. Dentre elas, em 1928, a revista *American Magazine* publicou vinte regras de autoria de S.S. Van Dine, que determinam os elementos constitutivos do romance jogo,⁸ a fim de padronizar o gênero em questão (apud BOILEAU & NARCEJAC, 1974: 51-5).

⁸ As regras de Van Dine foram:

- a) O leitor e o detetive devem ter possibilidades iguais para resolver o problema.
 - b) O autor só tem direito de utilizar, junto ao leitor, truques e ardis que o próprio culpado emprega face ao detetive (p.27).
 - c) O verdadeiro romance policial deve estar isento de qualquer intriga amorosa. Introduzir amor seria, com efeito, perturbar o mecanismo do problema puramente intelectual.
 - d) O culpado nunca deve ser descoberto como detetive ou membro da polícia.
 - e) O culpado deve ser descoberto por uma série de deduções e não por acaso ou confissão espontânea.
 - f) Em todo romance policial, é necessário, por definição, um policial que deve executar seu trabalho com eficiência. Sua tarefa consiste em reunir indícios que conduzirão ao indivíduo autor do crime no primeiro capítulo. Se o detetive não chegar a uma conclusão satisfatória pela análise dos indícios, ele não resolveu a questão.
 - g) Não existe romance policial sem vítima.
- O problema policial deve ser resolvido com ajuda de meios estritamente realistas.
 - Num romance digno desse nome, deve haver um único detetive. Reunir os talentos de três ou quatro policiais para a descoberta do criminoso seria não somente dispersar o interesse, e perturbar a clareza do raciocínio.
 - O culpado sempre deve ser uma pessoa que tenha desempenhado um papel mais ou menos importante na história, isto é, uma pessoa conhecida do leitor e por quem ele se interesse (p.28).
 - O culpado jamais deve ser escolhido dentre o pessoal doméstico.
 - Deve haver um único culpado, não importando o número de crimes cometidos.
 - As sociedades secretas e as máfias não se colocam no romance policial: o autor cairia no domínio do romance de aventuras ou de espionagem.
 - A maneira como é cometido o crime, bem como os meios que induzem à descoberta do culpado, devem ser racionais e científicos.
 - O motivo secreto do enigma deve estar evidente ao longo de todo o romance, contanto que o leitor seja bastante perspicaz para percebê-lo.
 - Não deve haver descrições longas, nem análises sutis ou preocupações "atmosféricas". O objetivo é expor claramente um crime e descobrir o culpado (p.29).
 - O escritor não deve escolher o culpado entre os profissionais do crime, visto que estes são da competência da polícia e não dos autores, nem sequer dos detetives amadores.
 - Aquilo que é apresentado como um crime, não pode, no fim do romance, revelar-se como um acidente ou suicídio.
 - O motivo do crime deve ser estritamente pessoal. Os complôs internacionais e as maquinações políticas pertencem ao romance de espionagem (p.30).
 - Para concluir, os bons escritores não devem fazer uso de alguns dos seguintes truques:
 - a) a descoberta da identidade do culpado, comparando-se uma ponta de cigarro, encontrado no local do crime, com cigarros do suspeito;
 - b) a sessão espírita simulada, ao longo da qual o criminoso levado pelo medo se acusa;
 - c) as impressões digitais falsas. (p.30).

Muitos desses mecanismos ainda hoje são encontrados em romances policiais, como a impossibilidade de o detetive se apaixonar devido às conseqüências que esse sentimento acaba ocasionando, tal como o ofuscamento do pensamento lógico e claro de resolver mistérios. Em outras palavras, o amor não faz parte da vida do detetive, que dedica todo o seu precioso tempo ao trabalho em prol da sociedade.

Também a solução do conflito segue o mesmo esquema: nunca deve ocorrer pela confissão espontânea do criminoso, mas pela capacidade artilosa de decifrar e deduzir os enigmas do detetive. Desse modo, os *dotés* como a inteligência e a facilidade para a dedução são exaltadas e comprovadas durante a narrativa.

Segundo DINE, tanto o culpado quanto o detetive devem ser restritos cada qual a uma pessoa por história, isto é, mesmo que aconteçam vários crimes, apenas existirá um criminoso. O mesmo acontece com o detetive, pois se evita reunir pessoas providas de talentos iguais numa mesma história a fim de não provocar a falta de clareza no pensamento visto que haveria muitas *mentes pensantes*.

Além de incluir esses elementos no processo de elaboração da narrativa policial, o escritor deve preocupar-se com a figura do leitor, que deve ser contagiado pela história. O leitor, assim, em nenhuma hipótese, pode descobrir as evidências inseridas dentro do texto. Na verdade, nada pode sugerir obviedade para o leitor durante a leitura: um jogo, como um enigma, é proposto ao leitor, que ao final será desvendado.

Com o intuito de auxiliar os interessados em fazer histórias policiais, Dine salienta a importância da criatividade na solução do conflito do romance, o que não pode, entretanto, neutralizar a verossimilhança.

Em 1949, RAYMOND CHANDLER (apud LACASSIN, v.2: 201), em seu ensaio *Algumas observações sobre romance policial*, ao apontar suas dez normas para elaboração desse tipo de texto, denominado modelo americano, o romance negro⁹, também salienta a importância da verossimilhança. Para tanto, o escritor deve produzir narrativas que possuam início, meio e desfecho coerentes.

⁹ Raymond Chander elabora as seguintes regras:

- a) A situação inicial e o desfecho devem conter causas plausíveis.
- b) Os erros técnicos sobre métodos de assassinatos ou inquéritos não são admissíveis.
- c) Personagens, meio e atmosfera devem ser realista, considerando-se o aspecto da imaginação, o limite de tempo e o espaço necessários à extensão do volume.
- d) A intriga deve ser solidamente escrita e ter um interesse, do mesmo modo que a história.
- e) A estrutura deve ser muito simples.
- f) A solução do mistério deve escapar ao leitor razoavelmente inteligente.
- g) A solução deve parecer inevitável, possível, mas não falsa.
- h) É necessário escolher entre duas óticas inconciliáveis: história de enigma ou aventura violenta e apaixonada.
- i) O criminoso deve ser punido.

Além disso, o autor também estabelece quatro critérios a serem observados na construção do texto policial americano: o *realismo* a partir do cenário apresentado, normalmente, as ruas; a *linguagem simples*, tanto do narrador, quanto dos personagens; a *violência física*, seja ela verbal ou moral, acompanhada de um sadismo por vezes explícito, que leva, em certos casos, à morte; e a *crítica social*, que é expressa freqüentemente através do humor sarcástico, quando o pessimismo domina a atmosfera e as personagens.

Tanto nas regras criadas tanto por Dine quanto nas de Chandler constata-se a preocupação com a figura do leitor: ambos partem do princípio de que todo o romance policial deve conquistar, seduzir o leitor. Além disso, o escritor deve estar atento para evitar esconder detalhes imprescindíveis à lógica e ao entendimento do texto ao seu leitor, tornando a obra desarticulada.

Em função dessas manifestações de escritores e até mesmo teóricos em relação ao romance policial, nota-se que há a preocupação em padronizá-lo, isto é, em torná-lo um gênero reconhecido através de suas características peculiares. TODOROV (1970), renomado teórico da literatura, sintetizou as regras criadas por Van Dine¹⁰.

REIMÃO (1983) acrescenta que o romance policial pode ser mais simples ainda do que descreveram os outros críticos. Deve, pois, apresentar um crime, um delito, e alguém disposto a desvendá-lo. Contudo, não basta apresentar esse elemento para o texto se constituir como romance policial. É a forma de conduzir a narrativa, tendo em vista a relação do detetive com o crime e do assassino com a vítima, etc. que identificará o gênero.

A literatura policial, então, é formada por elementos que se estruturam em volta do mistério ou do problema, em outras palavras, significa que o crime é indispensável e, para que este exista, é necessário um agente para praticá-lo, o

j) É necessário ser honesto em relação ao leitor, não lhe escondendo nenhum detalhe ou dado (p.39).

¹⁰ As regras de Todorov são:

- a) O romance deve ter no máximo um detetive e um culpado, e no mínimo uma vítima.
- b) O culpado não deve ser um criminoso profissional; não deve ser o detetive: deve matar por razões pessoais.
- c) O amor não tem lugar no romance policial.
- d) O culpado deve gozar de certa importância:
- e) na vida: não ser um empregado ou uma camareira;
- f) no livro: ser uma das personagens principais;
- g) Tudo deve explicar-se de modo racional; o fantástico não é admitido.
- h) Não há lugar para descrições nem para análises psicológicas (p.31).
- i) É preciso conformar-se a seguinte homologia, quanto às informações sobre a história: autor: leitor = culpado: detetive.
- j) É preciso evitar as situações e as soluções banais (p.32).

criminoso, bem como uma personagem que sofra a ação, a vítima. Também o crime deve ser resolvido, sendo importante, pois, uma personagem que aja racionalmente, o detetive, que utiliza um processo lógico, com o fim de alcançar a solução do enigma.

Cada escritor utiliza os elementos característicos do romance policial conforme o seu estilo. Em algumas narrativas, a figura do detetive é mitificada, pois é visto como um herói dotado de qualidades, como a astúcia em decifrar mistérios, a sabedoria em saber agir corretamente no momento certo, o conhecimento sobre ciência, biologia, o raciocínio lógico e o domínio da matemática. Neste caso, o detetive apresenta inúmeros atributos, que são destacados e comprovados durante o texto.

Noutras vezes, acontece o contrário: a personagem é desmitificada, ou seja, ela apresenta muitos vícios e defeitos. Neste caso, o detetive deixa de ser considerado uma máquina pronta para resolver mistérios para se mostrar como um ser humano, semelhante a qualquer outro, podendo ser reconhecido não somente pelas suas qualidades, mas, principalmente, por seus defeitos. Em outros momentos encontra-se a *personagem vítima*, que relata a história sob o seu ponto de vista, ou seja, não mais o detetive nem o criminoso, mas sim a vítima passa a ser o centro das atenções.

Sobre o herói Dashiell Hammet afirma que cada tempo tem o herói que merece, ou seja, dependendo da situação, do momento, do período, criam-se personagens que, de alguma maneira, são caracterizados, tipificados de acordo com sua época. Logo, o que existe são histórias com diferentes tipos de detetives.

Outra personagem que se transforma no decorrer da consolidação do romance policial é o assassino, pois deixa de ocupar um lugar secundário para ser protagonista da história, lugar antes ocupado somente pelo detetive. Na formação desse gênero literário, o assassino cometia um delito, mas nunca se narrava tal acontecimento, pois a história tinha já em seu início a personagem do detetive tentando solucionar o mistério.

Dessa maneira, o criminoso era indispensável para que houvesse um crime para ser resolvido, como nas obras de Poe e Doyle, e uma história para ser contada, mas jamais tinha voz ou espaço no desenvolvimento da ação. O escritor também se preocupa em mostrar as habilidades bem como os pensamentos do assassino, que, neste tipo de texto, passa a ser humanizado. Muitas vezes, essa estratégia deixa o leitor perturbado, já que percebe que as atitudes do assassino são decorrentes de problemas emocionais, ocasionados pela desestruturação da família e pela rejeição da sociedade.

Quanto à vítima, sabe-se que também esta é sujeita à transformação, como, por exemplo, nos romances de pura detecção, jogo e problema, pois tem um papel passivo, sendo mero pretexto para o escritor construir sua história. Porém, no romance de suspense, a vítima é o centro e pretende atrair a atenção do leitor. De acordo com BOILEAU e NARCEJAC (1975) *sua qualidade (da vítima) principal é a inocência: se esta personagem tiver qualquer crime sobre a consciência será uma má vítima* (p.91).

Seja a vítima, o assassino ou o herói, expressão lingüística (coloquial, comunicativa), os cacoetes, os vícios e as fraquezas dessas personagens são trabalhados de acordo com a criatividade de cada escritor, o que confere originalidade ao texto. Devem aparecer na narrativa de forma a atender ao projeto do escritor em relação à construção da tensão.

A aparição das personagens, assim, deve estar em sintonia com a forma como o escritor descreve os lugares e as ações. Tudo tem que ser bem direcionado a fim de que nada escape ao leitor. Tais aspectos, pois, dão conta do ritmo, que não pode ser nem muito longo, nem muito curto. A narrativa deve mostrar os acontecimentos de forma a prender o leitor, por isso deve evitar divagações, comentários pessoais do narrador ou de alguma personagem, descrições longas a fim de não aborrecê-lo (o leitor) com assuntos que em nada acrescentam para o desenrolar da história.

Contudo, o escritor não pode criar histórias muito curtas, que dificilmente, conseguem desenvolver uma estrutura interessante. A narração, nesse sentido, segue o que se denomina de *inversão cronológica*: a história começa pelo fim, com o acontecimento que desencadeia toda a história, e volta para o início, para os fatos que antecederam o acontecimento, com o fim de desvendá-lo.

4.4 DEFININDO OS TIPOS

O tratamento dispensado aos elementos caracterizadores da narrativa policial determina os diferentes tipos de textos, quais sejam: o *romance de pura detecção*, quando o leitor é conduzido à solução do enigma através das deduções eficientes dos sábios detetives; o *romance jogo*, em que o autor mostra, primeiro, um crime fantástico que leva a construir uma investigação (inquérito) mais longa para então, chegar à verdade, ou melhor, a solução do conflito; o *romance problema*, em que, opondo-se ao anterior, o foco se dá em crimes reais; o *romance negro*, que destrói o superdetetive,

transformando-o em um indivíduo igual ao culpado; o *romance suspense*, em que o foco principal da narrativa é uma vítima ameaçada por uma trama artilosa e maligna.

Assim, nos três primeiros tipos de narrativa (de pura detecção, jogo e problema), o detetive é a personagem principal. Nos outros dois (negro e de suspense), esse papel é desempenhado respectivamente, pelo culpado e pela vítima.

Percebe-se que, com a evolução do gênero, aumentaram os tipos de romance policial, já que no início havia apenas o romance enigma e o romance negro. Aquele atua na esfera do raciocínio quase-matemático, na esfera racional; este atua na esfera do viver e perceber criticamente o mundo que nos cerca.

De acordo com REIMÃO (1983), existem algumas hipóteses que devem ser levantadas em relação a esses dois tipos de romances: o primeiro isola certos casos, atributos e ideais da sociedade moderna (racionalidade, justiça, etc.). Assim, reconstrói num todo coerente apenas aquilo que foi isolado, que é apresentado como um todo do real. O segundo, o romance policial americano, recria, em nível da ficção, a nossa sociedade, o mundo em que vivemos, ou seja, constrói, via linguagem textual, uma metáfora do mundo político e social contemporâneo.

Para NARCEJAC (1991), o romance policial, apesar de ter a mesma essência, ou melhor, a mesma estrutura, pode ser classificado de outras maneiras: a primeira veio com os precursores do gênero, como Poe e Doyle, chamado o romance-detetive, sendo o detetive um cientista que observa os fatos obtidos através de um problema. Ele é um ser hipotético-dedutivo. Por sua vez *no romance-jogo o enigma é o centro da história e o leitor é levado pela curiosidade a esclarecer determinado desafio, uma espécie de quebra-cabeça da vida*. Agatha Christie e Pierre Véry são alguns dos escritores que utilizam esta técnica.

Também existe o romance policial *noir*, que apresenta um detetive humanizado, suscetível a mudanças de humor. Ao transitar pelas ruas a fim de desvendar o mistério, enfrenta as armadilhas com o próprio corpo e sempre está no limiar entre o bem e o mal. Dashiell Hammett e Raymond Chandler destacam-se nesse tipo de narrativa.

O suspense é mais um tipo de romance policial, considerado também como o romance da vítima, que pouco aparece nos outros tipos de romances, pois já está morta ou está presa. Ela é o motivo de a história existir, mas, dificilmente, apresenta voz dentro da história. Dessa maneira, o suspense focaliza o desenrolar da história

sob o ponto de vista dos sentimentos expressos pela vítima. Stanley Gardner e William Irish são exemplos dessa forma de narrar.

O mundo é uma ameaça. Aonde ir? Onde refugiar-se? É preciso esperar, e não fugir levemente. E quando o perigo se fixar, então será preciso tentar escapar. Ameaça. Expectativa. Perseguição. Tais os três componentes do suspense (NARCEJAC, 1991, p.66).

As personagens centrais — o detetive, o assassino e a vítima — seguirão o esquema estrutural eleito pelo escritor que estará em conformidade com o seu tipo narrativo. O detetive é privilegiado no romance de pura detecção, no romance jogo e no romance problema, já a personagem central é a culpada quando for o romance negro e, por sua vez, a personagem principal é a vítima no romance de suspense.

A ação, o suspense, o jogo são elementos que seduzem os leitores e podem, por isso, ser aproveitados nas práticas pedagógicas de estímulo à leitura, desde que, guardadas as especificidades do gênero e a possibilidade de ampliar o universo de leituras dos estudantes do Ensino Básico. Para tanto, o domínio teórico deve estar em sintonia com a ação pedagógica do professor.

5 TEORIA E PRÁTICA: A PROPOSTA DE PROJETO DE ENSINO DE LITERATURA

Toda proposta de ensino deve começar estabelecendo um método que ajude a organizar a aprendizagem. Qualquer atividade humana, seja ela a mais simples, seja a mais complexa, precisa estar estruturada a partir de uma metodologia que oriente as etapas a serem vencidas, a fim de que sejam obtidos os resultados esperados. Também no processo de ensino da literatura e na formação de leitores precisamos construir um método, um roteiro de trabalho.

Vera Teixeira de Aguiar

5.1 AMARRANDO AS PONTAS: PROJETO DE ENSINO, A PROPOSIÇÃO DE UM CAMINHO

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

Cláudio Saltini

As instigantes e inusitadas formas de entretenimento que as novas tecnologias da informática e da comunicação oferecem nos dias de hoje contribuem para acentuar a distância entre os jovens e a literatura canônica, o que parece ser reforçado pelas famílias, que raramente incluem a leitura no seu rol de atividades culturais.

A leitura da literatura contribui na aquisição e na ampliação do saber sobre a vida, sobre o mundo, sobre as pessoas — um saber diferente do científico, um saber de outra ordem. A literatura oferece novos olhares para as experiências vividas, para as idéias e conhecimentos obtidos.

Entretanto, certos procedimentos pedagógicos desconsideram as potencialidades próprias do texto literário, apostando em estratégias que focalizam a indicação de obras escolhidas por critérios pré-estabelecidos¹¹, a avaliação meramente quantitativa, a leitura prevendo o vestibular e os exercícios gramaticais descontextualizados.

O resultado dessas experiências é conhecido: a escola, na maioria das vezes, não desempenha seu papel na formação de leitores; pelo contrário, seguidamente contribui para afastar os alunos do texto literário. Para que esse quadro se modifique, a leitura precisa ser encarada como um ato democrático, socializado e aberto entre texto, aluno e professor, ou seja, é necessário que se privilegie a liberdade na reflexão

¹¹ Obras que constam das listas das provas de vestibular; obras habitualmente solicitadas pela escola, definidas por critérios estabelecidos pela tradição.

acerca das obras literárias. É nesse sentido que o professor deve privilegiar a aproximação do aluno da leitura através da afetividade.

A aprendizagem do gosto pela leitura está ligada ao emocional do indivíduo, portanto o educador precisa incorporar em suas práticas pedagógicas os novos paradigmas, as novas teorias sobre a aprendizagem, sobre a leitura, sobre a literatura, e romper com certas tradições do âmbito escolar, nas quais os afetos estão excluídos. De acordo com SALTINI (1999), é fundamental promover a inclusão dos afetos na escola para que a educação forme pessoas livres, amorosas e, ao mesmo tempo, reflexivas, críticas e criativas.

Além da aquisição e do desenvolvimento do conhecimento, a educação é meio para auxiliar o homem a buscar a felicidade, sendo capaz de enfrentar os problemas e os conflitos de hoje, ou seja, tendo aptidão para conviver com o mundo que o cerca. Para SALTINI

as emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações (p.61).

Assim, considerar a afetividade na escola é uma forma de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, no caso, da leitura da literatura, uma vez que o professor não apenas transmite os conhecimentos, mas também estabelece uma relação de troca com seus alunos, isto é, deve aproximar-se do aluno, saber ouvi-lo, valorizá-lo, dando abertura para a sua expressão, credibilidade às suas opiniões bem como acolhimento às suas sugestões. Se respeitadas as especificidades do texto literário, essa abordagem pode ser priorizada com facilidade na escola.

Para VYGOTSKY (1987), o indivíduo e o mundo exterior estão intimamente ligados ao funcionamento psicológico. Assim, o homem aprende a partir daquilo que vive, experiencia. A metodologia do professor deve estar em parcimônia com as necessidades, os interesses, as predisposições dos alunos, favorecendo a comunicação. Compreende-se, então, que afetividade e inteligência são indissociáveis, ligadas e influenciadas pelo social, ou seja, também pela ação do professor.

Pelas escolas circulam discursos de professores, pedagogos e administradores escolares a respeito de trabalho com projetos em sala de aula. No entanto, muitas vezes, a idéia de projeto está equivocada, pois não se associam inteligência e conhecimento ao imaginário, à criatividade, à sociabilidade. Deste modo, as atividades estão voltadas à memorização, à segmentação, ao mecanicismo, isto é, não há uma real articulação das habilidades cognitivas do aluno aos conteúdos propostos.

Na verdade, é necessário criar uma proposta educativa cuja aprendizagem do aluno se torne mais significativa. Para tanto, é preciso que o professor proporcione aulas mais dinâmicas, criativas e interativas, onde o diálogo seja constantemente incentivado.

O ensino por projetos atende ao que MACHADO (1995) aponta: o conhecimento como uma rede de metáforas, em que o próprio ser humano faz suas conexões a fim de compreender.

Especialmente no que se refere ao planejamento das atividades didáticas, a concepção de conhecimento como uma teia acentrada de nós e relações significativas, em permanente transformação e atualização, conduz a uma radical mudança de perspectivas e expectativas (MACHADO, 1995, 154).

Principalmente, no que tange às disciplinas, vê-se a necessidade de articulações entre elas, ou seja, o professor precisa inovar suas aulas articulando os conhecimentos, inclusive aqueles que, muitas vezes, parecem desconexos, e colocando-os em rede com os acontecimentos, as descobertas, a história, a ciência, a tecnologia do mundo. Desta maneira, precisa, antes de mais nada, conhecer e entender a realidade em que o aluno vive para que, assim, o conhecimento esteja ao alcance dele: *Levar em consideração a realidade do aluno, neste caso, pode significar eleger as metáforas para a construção dos novos significados a partir daqueles que supostamente os alunos já conhecem (MACHADO, 1995, p.163).*

A fim de reunir a teoria sobre a literatura analisada neste trabalho àquelas relacionadas à aprendizagem optou-se pela elaboração e realização de um projeto de ensino. Nesse sentido, entendendo-se que a introdução da leitura da literatura deva começar a partir de textos relacionados à vida do aluno — seja a interior ou a real — a escolha das obras deve considerar o meio social, as experiências, as necessidades, seus gostos, os desejos, etc. Aos poucos, o professor deve ampliar a quantidade e o

grau de dificuldade das leituras, sempre, buscando relacioná-las de forma a facilitar e a ampliar os laços entre o texto, a leitura e o leitor.

O projeto em questão parte, pois, do gênero policial para chegar ao texto canônico. A representação da sociedade, com seus valores, seus ideais, suas ações, etc. constitui-se no material tanto da literatura canônica como da literatura policial. A diferença está no tratamento dispensado à linguagem. As obras especificamente escolhidas para a proposta metodológica em questão, embora pertencentes a essas duas modalidades culturais, possuem pontos convergentes que merecem destaque.

Cabe ressaltar que as opções relativas aos textos buscam atender as características psicossociais dos indivíduos da faixa etária da turma (em torno de 15 anos) a que se destina o Projeto e o conhecimento da pesquisadora a respeito da escola¹² — o que foi reforçado pela Sondagem realizada no início dos trabalhos.

Os contos de Arthur Conan Doyle¹³ e *Hamlet*, de William Shakespeare possuem assunto, tema e estrutura semelhantes. Ambas as modalidades se organizam em torno do mistério, a partir de crimes que criam enigmas a serem desvendados por alguém — detetive ou não —, que atua a fim de solucionar os conflitos daí advindos. Para tanto, em ambos os casos, o raciocínio e a dedução, que percorrem caminhos específicos, dão as respostas.

A linguagem do gênero policial, porque coloquial, objetiva e instigante, atrai o leitor; tem a capacidade de envolvê-lo na história, nos pensamentos, deduções e descobertas dos protagonistas. O texto canônico, muitas vezes, traz uma linguagem considerada *difícil* porque distante do jovem. Assim, a imagem que o texto canônico passa ao leitor, muitas vezes, fica vinculada ao inacessível, à superioridade; já a literatura policial, ao contrário, tende a ser marginalizada e excluída do meio intelectual, como a escola, porque aponta apenas para o prazer.

Outra modalidade cultural relegada à marginalizadade pela escola é a história em quadrinhos, que, em contrapartida, constitui-se numa das leituras preferidas dos jovens. Apostando na conjunção entre imagem e linguagem, essencialmente dialógica, essas narrativas constituem-se numa leitura rápida, que atende ao ritmo acelerado da contemporaneidade.

¹² A mestranda atuou como professora de Língua Portuguesa e de Literatura neste estabelecimento de ensino durante cinco anos.

¹³ *O pé do Diabo, A faixa Malhada, As faias cor de cobre e A caixa de papelão.*

O material escolhido como estímulo para introduzir o Projeto foi *As aventuras de TinTim*,¹⁴ do escritor Hergé ainda da década de 40. A qualidade gráfica, lingüística, estrutural, o nível de informações acerca dos diferentes locais¹⁵ onde se passam as histórias e o gênero das narrativas — o policial — definiram a escolha. O detetive TinTim, ao desvendar os mais fantásticos crimes, convida o leitor a interagir na narrativa por meio do mistério, da dedução, da investigação.

Diferentemente das histórias em quadrinhos acessíveis aos jovens de hoje, as peripécias de TinTim são narrativas extensas, que exigem também maior concentração do leitor por apresentar enigmas e deduções do detetive a todo instante. A opção por essa modalidade textual parte da idéia de que se deve considerar, sim, os interesses, características, desejos, aptidões, etc. dos leitores, mas já ampliando tais possibilidades, pois se trata de uma proposta de ensino. Além disso, apostou-se no elemento surpresa, supondo-se que os alunos não conhecessem a revista, o que poderia despertar a atenção e provocar a curiosidade.

As modalidades narrativas foram, pois, eleitas com fins bem específicos, tendo em vista os respectivos contextos de produção e os públicos a que pretendem costuma atingir, quais sejam:

a) as histórias em quadrinhos são feitas para o lazer, também com intuito educativo, com objetivo de suscitar a crítica, a reflexão do público infantil, juvenil e adulto;

b) o conto, por sua vez, é a forma narrativa de menor extensão que o romance e de maior extensão que a novela. Apesar de possuir os mesmos componentes do romance, também mostra características estruturais próprias, quais sejam: narrativa linear e breve, normalmente, contém um só personagem principal, um só assunto, um só conflito, por isso deve primar pela concisão, precisão, ritmo, que, bem amarrados, devem provocar um efeito único no leitor. No caso do conto policial, o mistério, o medo, os enigmas, por exemplo, contribuem para suscitar tais emoções no leitor.

c) o texto dramático, que é a arte em que um *ator*, ou conjunto de atores, interpreta uma história que têm como objetivo representar (tornar a apresentar) uma situação e despertar *sentimentos* na audiência. Teatro significa *lugar onde se vê e se ouve* — modalidade que traz o diálogo, elemento que pode atrair o jovem leitor.

¹⁴ Parte da História em quadrinhos *As aventuras de TinTim*, está em anexo N.

¹⁵ Além do mais, as histórias policiais nessas obras mostram a cultura e a beleza de diversos países, onde acontecem os episódios, tais como: Austrália, Inglaterra, Egito. TinTim, o detetive, a fim de desvendar os crimes, não somente conhece os lugares, as culturas, mas também os mais variados tipos de pessoas.

As histórias em quadrinhos e os contos policiais foram respeitados quanto às suas particularidades e valorizados como modalidades culturais legítimas, embora tenham sido concebidos neste Projeto como meios para se chegar ao texto canônico.¹⁶

O material literário definido, numa seqüência cujo grau de dificuldade vai aumentando, pretende preparar o aluno, evitando que considere a leitura complexa, monótona e desinteressante. Nesse sentido, o professor deve organizar atividades de análise dos textos que incentivem a interação com os leitores — o que exige uma avaliação qualitativa e não nos moldes quantitativos tradicionais.

Uma avaliação baseada na medida do conhecimento obtido através de notas e valores atribuídos a partir da realização de provas e testes, comprometeria todo o trabalho proposto, pois não promoveria a interação com o texto literário. Assim, a avaliação deve incluir a participação, o interesse do aluno pelas atividades propostas evidenciados em situações *tais* como: a leitura de textos, a realização dos questionários de interpretação de texto, as apresentações de trabalho de pesquisa em grupos, as produções textuais.

Nesse sentido, outras disciplinas podem contribuir para o desenvolvimento de um projeto de ensino atualizado com as exigências da contemporaneidade. A disciplina de Língua Portuguesa deve concorrer para isso. Contudo, para formar leitores, a obra literária não deve servir como pretexto para qualquer outra atividade que não busque encontrar o prazer. Nesse sentido, pretende-se proporcionar ao aluno a leitura de diferentes tipos de textos bem como atividades por meio das quais ele possa expressar sua criatividade, seus pensamentos, seus desejos, etc. O aproveitamento dessa leitura, com certeza, contribuirá na ampliação dos horizontes de expectativas do aluno, reduzindo as barreiras existentes entre ele e a obra literária.

5.2 PROJETO DE SHERLOCK HOLMES A HAMLET: UM CAMINHO A SER DESVENDADO

Dados de identificação

Escola: Escola Estadual de Ensino Médio Villa Lobos

¹⁶ O filme *Hamlet* também foi escolhido como apoio pedagógico.

Local: São Leopoldo/RS

Série: 1º ano do Ensino Médio

Turma: 213

Número de alunos: 35

Disciplina: Literatura

Professora titular: Cláudia Passaglia

Horário das aulas: 2ª feiras, das 9h15min às 11h5min.

Duração: 14h/a distribuídas em 8 encontros

Início: 30/06/06 Término: 25 /08/06

Professora/pesquisadora: Daniela Bortolon

Tema

O Romance Policial como um caminho para chegar à leitura da Literatura Canônica.

Objetivos

✓ Objetivo geral:

Incentivar o gosto de estudantes de nível médio pela leitura de obras canônicas.

✓ Objetivos específicos:

1-Relacionar textos da cultura de massa a texto canônico.

2-Ler e analisar histórias em quadrinhos.

3-Reconhecer as histórias em quadrinhos como uma modalidade típica da cultura de massa, considerando-se os elementos que a caracterizam.

4-Ler e analisar os contos policiais *O Pé do Diabo*, *A faixa malhada*, *A caixa de Papelão* e *As faias cor de cobre*, de Arthur Conan Doyle.

5-Identificar os elementos caracterizadores do gênero policial.

6-Ler *Hamlet*, de William Shakespeare.

7-Reconhecer *Hamlet* como uma obra canônica, dadas as suas especificidades.

8-Definir as semelhanças e as diferenças entre literatura canônica e gênero policial.

9-Comparar os elementos que caracterizam as modalidades narrativas estudadas, quais sejam: histórias em quadrinho, conto e peça de teatro.

Justificativa

Depoimentos de alunos do Ensino Médio evidenciam o pouco apreço pela leitura de obras consideradas clássicas, pela linguagem difícil ou distante da realidade lingüística dos jovens.

A falta de familiaridade com a linguagem escrita, típica da cultura contemporânea, essencialmente visual, assim como as práticas pedagógicas que desconsideram tal característica e impõem leituras obrigatórias, sem qualquer intermediação ou preparação por parte dos docentes, podem contribuir para as experiências pouco prazerosas de leitura de obras canônicas.

Partindo do princípio de que os jovens fora da escola entrarão em contato com outras formas de cultura, como as que pertencem a determinado grupos, como a música e o cinema, acredita-se que é possível contribuir para que se tornem indivíduos mais críticos e reflexivos diante da avalanche, principalmente da mídia, que ousadamente vislumbra apenas o consumismo, sem qualquer preocupação com a formação estética, cultural, social dos indivíduos.

Cabe à escola preparar e estimular a leitura de obras a que os jovens dificilmente teriam acesso. É nesse sentido que se propõe o presente Projeto, que pretende introduzir o romance policial como meio para chegar à leitura da literatura canônica.

Os elementos constitutivos do romance policial- a linguagem coloquial, o mistério, o suspense, o crime- configuram-se como possibilidades de sedução do jovem público, que, em geral, mostra interesse por histórias que instiguem a curiosidade e apelem para o uso da imaginação.

Da mesma forma, optou-se pela orientação de leitura de *Hamlet*, que, num arranjo em que prevalece a literariedade, também apresenta elementos que podem agradar ao jovem público leitor — o crime, o mistério, o suspense, etc.

Metodologia

O Projeto deverá se desenvolver de acordo com as seguintes etapas:

1. SONDAGEM

Data: 30 de junho- 1 período

A professora se apresenta à turma e solicita aos alunos o preenchimento de um questionário, que deve se constituir no diagnóstico da situação de leitura da turma, apontando as preferências, os hábitos e as experiências de cada aluno (Anexo A).

2 ESTÍMULO

Data: 07 de julho- 2 períodos

A professora introduz a atividade que se constitui no estímulo para a introdução do Projeto.

2.1 Conversa com a turma, partindo dos seguintes questionamentos:

- Quem lê habitualmente?
- Quais são os textos que vocês lêem?
- O que vocês gostam de ler?
- Quem gosta de ler gibi? E quais?
- Quem conhece os gibis do *TinTim*?

2.2 Apresentação das obras aos alunos, comentários sobre o período em que circulava.

2.3 Trabalho em grupos de três alunos: examinar os dois exemplares entregues pela professora e escolher um para ser lido extensivamente.

2.4 Após a leitura, o grupo deve responder às seguintes questões, que serão escritas no quadro e respondidas no caderno:

Do que trata a história?

Quem é a personagem principal? Como ele pode ser caracterizado? Quais as virtudes e os defeitos dele?

Qual é a profissão da personagem principal? Descreva-a.

Existem personagens antagonistas? Qual(is)? Justifiquem a(s) escolha(s). Como pode(m) ser caracterizado(s)?

Os desenhos da história em quadrinhos ajudaram no entendimento da leitura?
Como?

Foi fácil ler a história em quadrinhos? Por quê?

3 FECHAMENTO DO ESTÍMULO E PROPOSIÇÃO DO PROJETO À TURMA

Data: 14 de julho- dois períodos

3.1 Apresentação pelos grupos das questões respondidas na etapa anterior.

3.2 Caracterização da narrativa em quadrinhos por meio de adjetivos e/ou idéias apontadas pelos próprios alunos, que devem incluir: mistério, detetive, investigação, aventura, etc.

3.3 Apresentação pela professora de uma reflexão sobre outras obras de ficção que também lidam com esses elementos, fazendo referência a autores tais como: Conan Doyle, Agatha Christie, etc.

3.4 Apresentação de imagem de Sherlock Holmes pelo retroprojeter, seguida do questionamento acerca de sua identidade e da participação oral dos alunos, que devem contribuir com as informações que já possuem sobre ele (Anexo B).

3.5 Apresentação da Proposta do Projeto: exposição de uma parte título por meio de um painel que deve ficar exposto na sala de aula: *De Sherlock Holmes a...: um Caminho a ser Descoberto*.

3.6 Análise do título do Projeto, provocando a curiosidade acerca desse caminho a ser desvendado e apresentação do Projeto em linhas gerais.

4 PREPARAÇÃO PARA A LEITURA DOS CONTOS

4.1 Apresentação de parte do filme *O Xangô de Backer Street*, de Jô Soares.

4.2 Comentários sobre o filme, focalizando a visão debochada da personagem, estimulando para a leitura do original, que explicará a sátira do autor.

4.3 Distribuição de cópias dos textos *O Pé do Diabo*, *A faixa malhada*, *A caixa de Papelão* e *As faias cor de cobre*, de Conan Doyle, para serem lidos em grupos (Anexo C).

4.4. Conclusão da leitura individual dos contos para a aula seguinte.

5 MOMENTO DE CRIAÇÃO

Data: 21 de julho, 2 períodos

5.1 Apresentação oral do resumo pelos grupos das leituras dos contos lidos em casa do escritor Doyle;

5.2 Aplicação da técnica da caixa, que consiste em colocar numa caixa questões para serem analisadas pelos grupos sobre os contos lidos de Doyle: como por exemplo: Qual é a linguagem utilizada pelo autor no conto?; Quem é a personagem principal? Caracterize-o; Quem é a personagem antagonista? Caracterize-o; Qual é o grande mistério que encontramos no conto?; Qual é o problema/ conflito que a história apresenta?; Qual é o espaço apresentado para o desenvolvimento da narrativa?; Em que época aconteceu a história e quanto tempo ela durou?; Como foi resolvido o problema/conflito?; Qual é o tema da história?; Cite algo que achou interessante na história.

5.3 Apresentação pelos grupos das respostas relacionadas aos contos.

5.4 Entrega de um texto teórico sobre a tipologia e as características do Romance Policial para a leitura (Anexo D).

5.5 Explicação e comentários do texto teórico.

5.6 Solicitação para escreverem, em duplas ou em trios, um conto policial, criando um detetive e um criminoso conforme a idéia de cada aluno, inspirando-se nos textos lidos.

Dia 28 de julho: nesta data as aulas foram interrompidas porque se iniciou o período de férias de inverno, que foi até o dia 01/08.

6 OS GRANDES CRIADORES DA FICÇÃO

Data: 04 de agosto, 2 períodos

6.1 A fim de fazer uma ligação entre Doyle e Shakespeare, os alunos devem responder oralmente algumas questões, que serão expostas no retroprojetor (Anexo E).

6.1.2 Convocação dos alunos para a leitura dos contos policiais criados e entrega dos mesmos à professora para correção.

6.1.3 Solicitação aos grupos para que apresentem criativamente através de cartazes, de lâminas, etc. a pesquisa feita na Internet sobre Doyle e Shakespeare;

6.2 Atividades extra- classe

6.2.1 Solicitação da leitura do livro *Hamlet*, de Shakespeare, para a semana seguinte;

6.2.2 Pedido para alunos trazerem na próxima aula uma revista a fim de ser feito o *portifólio* local em que serão afixadas as atividades feitas pelos alunos e que deverão ser entregues no final do projeto;

6.2.3 Entrega, para o auxílio da leitura, um material que contém informações a serem observadas na obra de *Hamlet* (Anexo F).

6.3 O clássico na sala de aula

Data: 11 de agosto, 2 períodos

6.3.1 Organização da apresentação da pesquisa na Internet sobre os escritores Doyle e Shakespeare e, logo após, um debate sobre a obra *Hamlet* levando em consideração as questões pedidas e fazer anotações no quadro;

6.3.2 Elaboração junto com os alunos de uma definição sobre a tipologia dos textos estudados em aula: histórias em quadrinhos, conto e teatro (Escrever no quadro);

6.3.3 Comparação através de um esquema dos elementos pelos quais os contos de Doyle se aproximam ou se distanciam do teatro de Shakespeare (Anexo G);

Organização do material: encaminhamento para a produção inicial do *portifólio*.

Data: 21 de agosto, 2 períodos

O encontro do texto canônico e sua representação para a linguagem fílmica.

6.5.1 Exibição do filme *Hamlet*;

6.5.2 Entrega de um esquema para que se compare, em casa, o filme *Hamlet* com obra:

- Comparar os personagens, narrador, cenário, espaço e linguagem entre o filme e a obra;

- Destacar uma parte do filme diferente do livro;

- Destacar uma parte da obra que não foi acrescentada no filme, pois não havia necessidade.

6.5.3 Entrega dos textos dos alunos para aprimorarem a produção escrita (Em casa).

6.6 O grande final: término do projeto.

Data: 25 de agosto, 2 períodos

6.6.1 Solicitação de um debate a partir dos itens levantados pelos alunos sobre o filme *Hamlet* e compará-lo com a obra;

6.6.2 Produção, em trios, de um texto crítico da obra *Hamlet*;

6.6.3 Encaminhamento para a leitura das resenhas para a turma;

6.6.4 Agendamento para a entrega do *portifólio* pronto à professora para a semana seguinte, que deverá apresentar todas as atividades realizadas em aula.

6.7 Questionário final

Entrega do material (questionário) para obtenção dos dados finais sobre as aulas, em relação às leituras realizadas (Anexo H).

Recursos

Para a execução deste projeto serão utilizados os seguintes textos: obras em quadrinhos do *TinTim*, os contos *O Pé do Diabo*, *A faixa Manchada*, *A caixa de Papelão* e *As faias de cobre*, do escritor Arthur Conan Doyle e a obra teatral e o filme *Hamlet*, do escritor Shakespeare. Optou-se por essa seqüência de obras porque o grau de dificuldade no vocabulário, na linguagem, na estrutura formal vai progredindo, ampliando. Assim, o trabalho começa através das revistas em quadrinhos, pois os alunos, normalmente, já estão acostumados com a sua leitura para depois, introduzir os contos, que são textos em prosa, porém, curtos. E, por último, a obra clássica selecionada foi *Hamlet*, uma peça teatral de Shakespeare.

Todos os textos acima, apesar de serem de gêneros e graus de dificuldade distintos, possuem o mesmo tema, mesmo que implícito: o policial. Portanto, é possível formar uma grande rede integrada de elementos comuns, entre eles: o crime, o mistério, o suspense, a aventura, o assassino, o detetive, a investigação, a dedução entre outros.

Desse modo, é possível que o aluno consiga articular entre os universos literários distintos através de uma proposta de incentivo à leitura de obras canonizadas plural, instigadora e interligada. Portanto, oferecer à leitura dos clássicos aos alunos de hoje deve ser um trabalho de conquista, de resgate, de etapas, alterando, até mesmo, aglutinando a não excluindo o moderno e o antigo, o atual e o clássico, pois não se pode ignorar a televisão, a internet, o cinema, entre outros meios de estar em contato com o conhecimento, com a cultura e com o entretenimento, por vezes manipulados, controlados e massificados. No entanto, é preciso redirecionar a atenção do aluno para o livro, em especial, aos clássicos, já que ele consegue despertar algo

singular e único em cada leitor: a liberdade de pensar, sentir, aprender, conhecer o mundo, as pessoas e a si mesmo.

Cronograma de execução

Dias	Atividades
30/06	Apresentação à turma e explicação do projeto; Entrega da sondagem.
07/07	Estímulo: Obras <i>As aventuras de TinTim</i> para leitura; Debate sobre as obras do <i>TinTim</i> ; Questões sobre as histórias de <i>TinTim</i> para serem respondidas no caderno.
14/07	Correção e debate sobre as questões da revista; Caracterização das histórias em quadrinhos; Introdução oral de outras obras de ficção, em especial do romance policial, para comparar com a revista; Imagem do Sherlock Holmes- retroprojektor; Questões orais sobre escritores de Romance Policial; Introdução de Sherlock Holmes- lâmina com Imagem de Sherlock Holmes; Apresentação para a turma do projeto <i>De Sherlock Holmes a....: um caminho a ser descoberto</i> ; Assistir parte do filme <i>O Xangô de Backer Street</i> ; Entregar os contos de Doyle para a leitura em casa.
21/07	Solicitação do resumo oral pelos grupos das leituras dos contos de Doyle em casa; Uso da técnica da caixa com perguntas sobre os contos para serem respondidas pelos grupos; Apresentação das perguntas; Entrega e leitura de um texto teórico sobre o Romance Policial; Explicação do texto teórico. Produção de conto policial; Criação da figura de um detetive.
28/07	FÉRIAS DE INVERNO
04/08	Leitura dos contos produzidos pelos alunos; Entrega dos contos para a professora corrigi-los; Comparação e breve introdução através de perguntas entre Doyle e Shakespeare; Solicitação de pesquisa na Internet sobre Doyle e Shakespeare; Solicitação da leitura da obra clássica <i>Hamlet</i> para daqui uma semana; Entrega de um esquema para a leitura.
11/08	Apresentação da pesquisa feita na Internet sobre Doyle e Shakespeare Definição em conjunto dos gêneros; Comparação dos elementos dos textos de Doyle e Shakespeare; Definição de história e quadrinhos, conto e teatro; Debate sobre a obra <i>Hamlet</i> ; Produção inicial do <i>portifólio</i> .
18/08	Exibição do filme <i>Hamlet</i> ; Entrega de um esquema para análise do filme.
25/08	Discussão em grupo sobre o filme e sobre a obra <i>Hamlet</i> ; Pedido de produção textual em forma de resenha crítica da obra <i>Hamlet</i> ; Término do <i>portifólio</i> dos textos produzidos pelos alunos; Entrega de sondagem final.

Avaliação

Levando em conta que a avaliação é um processo contínuo e que os alunos devem ser acompanhados ao longo das aulas e através de diversos instrumentos, priorizar-se-á a participação efetiva de cada aluno nas atividades propostas.

Etapas da Avaliação

- ✓ Tipo de avaliação que será utilizada

A avaliação será qualitativa, de acordo com a participação, o interesse, a realização e a entrega das atividades e quantitativa, através de notas numéricas, conforme as normas vigentes na escola.

- ✓ Procedimentos que serão utilizados

Os procedimentos adotados para a avaliação dos alunos são diversos, como: as apresentações de trabalho, a realização dos questionários, a participação de debates, a realização das produções textuais, das leituras dos textos e das atividades propostas.

5.3 AVALIANDO A EXPERIÊNCIA

O interesse é a pedra de toque do progresso, do prazer e da utilidade da leitura. É o gerador de toda a atividade voluntária de leitura.

N.B. Smith

Entender quem é o aluno, ou seja, sua realidade de vida, seus gostos, seus interesses, seus pensamentos pode ser o primeiro passo dado pelo professor a fim de aproximá-lo do mundo da literatura. Ainda buscando resultados positivos, é preciso ter a consciência de que, normalmente, o gosto pela leitura é algo que acontece com o passar do tempo, depois de vários contatos com livros interessantes e não a partir da obrigação e da imposição da leitura de obras mais complexas. Outra atitude importante que o educador deve tomar nesse percurso pelo prazer literário é a busca constante de novos conhecimentos visando à renovação da sua metodologia de ensino.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo através de um projeto de Literatura intitulado *De Scherlok Holmes a Hamlet: um caminho a ser descoberto*, junto à escola estadual Villa Lobos, em uma turma de 1º ano do Ensino Médio, com 35 alunos, na cidade de São Leopoldo, com a carga horária de 16 horas. A partir dessa prática elaborada com base nas teorias da sociologia da leitura e na estética da

recepção, bem como no estudo sobre os cânones e a literatura policial, pretendia-se detectar se os alunos gostaram ou se sentiram alguma dificuldade para ler um clássico, neste caso a obra *Hamlet*, inserida através de tal projeto que visa a introduzir primeiro a literatura policial, do escritor Conan Doyle.

Além desse enfoque, aspirava-se diagnosticar se essa junção de textos (clássico, não-clássico, teatro, conto...), ora distintos ora semelhantes agradariam e despertariam o interesse e a curiosidade dos alunos para a leitura. Em outras palavras, havia a intenção de acompanhar o percurso da leitura da literatura durante as aulas tendo como ponto de referência o aluno bem como promover o gosto por tais leituras.

Desse modo, é interessante relatar como foi, desde os primeiros contatos até a última aula da professora com a turma para entender o andamento e a evolução do projeto bem como dos resultados. No primeiro encontro, foi feito o diagnóstico dos alunos, ou seja, por meio de uma conversa e depois através de um questionário sondou-se qual era a relação que existia entre os alunos e a leitura.

5.3.1 O Material Oferecido Para Sondagem

No que se refere à sondagem, os alunos responderam de forma oral e entusiasmadamente a todas as perguntas sobre a leitura. A maioria declarou que não gostava de ler livros, pois normalmente, era solicitada a leitura de obras difíceis e desinteressantes. Já as revistas para adolescentes, as histórias em quadrinhos e algumas partes de jornais, como a seção do horóscopo, dos resumos das novelas e do esporte agradavam a grande parte dos entrevistados. Notou-se ainda que havia interesse em saber as preferências de leitura da professora, bem como as obras de que mais gostou e as que não gostou de ler.

Ressalta-se que após essa troca de experiências, os alunos transpuseram para o papel suas respostas, através de um questionário¹⁷ dado pela professora. Quando foi perguntado se eles gostavam de ler, o resultado não surpreendeu, pois grande parte, 31,4%, 11 alunos, respondeu que não apreciavam fazer nenhum tipo de leitura. Os motivos encontrados são variados e muitos, mas todos os alunos concordam que os livros até então lidos foram impostos e cobrados pela escola. Apenas 2,85%, dado que corresponde a 1 aluno, declarou que gostava de ler todo tipo

¹⁷ O questionário de sondagem, as respostas dos alunos em sua íntegra e os gráficos estão em anexo A.

de leitura, ou seja, um número irrisório e catastrófico visto que são 35 alunos pesquisados. Por outro lado, 20%, ou 7 alunos, disseram que gostavam de ler, mas com certas restrições, isto é, a leitura se referia a um tipo de material, normalmente, parte de revistas e jornais. Somente 45,75%, ou seja, 16 alunos consideram a prática de leitura razoável e expuseram que tinham certo apreço pela leitura, dependendo do que, para que e quando ler. Observou-se, então, que o número de alunos que se interessam realmente pela leitura é muito reduzido. Há os que gostam de ler, mas apenas determinados tipos de textos, portanto, não se enquadram no perfil dos leitores de romances consagrados, por exemplo, e sim de revistas, gibis, etc., ou seja, leitura de textos considerados mais fáceis.

Já quando questionados sobre o que eles liam, somente 20% dos alunos, ou seja, 7 pessoas, responderam que liam livros de ficção, sendo os mais cotados os de espiritismo, de auto-ajuda, além dos indicados pela professora durante as aulas, no entanto, eram considerados livros ruins. Isso demonstra que o corpus de leitura é muito limitado já que tais obras escolhidas pelos alunos são apenas de um único estilo. Já 40 %, ou seja, 14 alunos declararam que frequentemente lêem jornais; 34,28%, ou 12 alunos, disseram que lêem revistas; e 11,42% correspondente a 4 alunos, revelaram que fazem outro tipo de leitura, mais esporadicamente, como gibis. Por outro lado, 5,71%, 2 alunos disseram que não lêem nada. Os resultados obtidos mostram que a concepção dos alunos acerca da leitura é negativa visto que não é expresso o devido apreço pelas obras literárias. Detectou-se que apenas lêem o que lhes agrada, e isso corresponde ao que consideram mais fácil e breve. Além disso, tanto as revistas como os jornais são lidos, mas algumas seções, como o horóscopo, o resumo das novelas e a parte dos esportes.

Outro dado que merece ser comentado ainda com relação à sondagem, 71,42%, ou 25 alunos, declararam que lêem espontaneamente, ou seja, o ato da leitura é feito quando há o interesse por alguma reportagem, por um livro, porque algum colega ou amigo sugeriu ou comentou. Por outro lado, 28,57%, ou seja, 10 alunos, disseram que somente lêem quando obrigados, como os livros exigidos pela professora em função de uma avaliação, por exemplo.

A penúltima pergunta (Que tipo de assunto você gostaria de ver tratado num livro indicado para a leitura?) é de extrema importância para o projeto, pois relaciona interesses de leitura e escolha de textos: A grande maioria dos alunos, 74,28%, ou seja, 26 alunos, responderam que gostavam muito de livros que tivessem aventura;

65,71%, 23 alunos, disseram gostar de histórias de policial; 45,71%, 16 alunos manifestaram interesse por obras cujo tema é o amor; 31,42%, o que se refere a 11 alunos, revelaram apreço por narrativas de terror. E 17,14% dos alunos, 6, declararam que gostam de outros tipos narrativas, com diferentes assuntos. Notou-se que os interesses dos alunos estão bem focados nos assuntos que resgatam os sentimentos e as emoções que condizem com a etapa da vida deles, a adolescência. Vale ressaltar que neste período da vida, é freqüente o interesse do jovem por histórias de amor- porque estão começando a assumir a sua sexualidade- ou de aventuras- porque estão ensaiando a vida adulta, que é o desconhecido.

Por fim, perguntou-se como era o relacionamento do aluno com a leitura. As respostas foram bem interessantes visto que 25,71%, 9 alunos, expuseram que tinham um relacionamento agradável com a leitura. Já 22,85%, 8 alunos, revelaram que o seu contato com a leitura era apenas bom. Mas, 37,14%, 13 alunos, manifestaram um relacionamento difícil com a leitura. Portanto, apesar de grande número dos alunos verbalizam que possuem um bom relacionamento com a literatura. No entanto, o dado não é significativo, pois quando referem à leitura, não se trata de literatura.

A partir dessa sondagem inicial, no que tange à recepção do texto literário pelos alunos, percebe-se um distanciamento entre o jovem e o universo literário. Os estudantes consideram a leitura da literatura uma atividade entediante, difícil e complexa. Ressalta-se ainda que a maioria dos alunos mantém contato mais significativo com as obras literárias durante o Ensino Médio, todavia, nunca as vêem como vivências de leitura, mas como tarefas a serem cumpridas. Esse desinteresse acentua-se ainda mais porque, geralmente, os professores não preparam os alunos para tal contato com o texto literário.

5.3.2 Para Chegar ao Cânone

Na segunda aula, ofereceu-se para a leitura das histórias em quadrinhos: *As aventuras de TinTim*, do escritor Hergé, que tem como personagem principal o detetive TinTim, que procura desvendar os crimes que acontecem pelo mundo. A maioria dos alunos não conhecia essa revista, contudo ficaram entusiasmados e fizeram perguntas sobre as histórias, as ilustrações e as personagens. Após a leitura, os alunos responderam a um questionário que envolvia perguntas sobre a história lida. A partir das respostas e dos comentários feitos, realizou-se um levantamento dos

aspectos mais relevantes da história, em relação à ação e a caracterização das personagens, estimulando a participação oral.

Esse momento foi importante porque a partir dele introduziu-se a narrativa policial com o detetive Sherlock Holmes, figura lembrada pelos alunos. As informações sobre a personagem divergiam: alguns tinham lido suas histórias, outros, assistido a algum filme e outros ainda escutado a suas peripécias. Utilizou-se, assim, a imagem do Sherlock Holmes em lâmina e um trecho do filme *O Xangô de Backer Street* a fim apresentar melhor a personagem e o projeto à turma: *De Sherlock Holmes a Hamlet: um caminho a ser descoberto*. À medida que se desenvolvia e se aprofundava mais a idéia do projeto, detectou-se que os alunos ficavam mais interessados, curiosos e participativos. Isso ficou mais evidente porque nos encontros seguintes, muitos dos alunos trouxeram novos dados a serem apresentados aos colegas e à professora, tais como: sugestões de outros livros, escritores, filmes de detetive, artigos sobre Sherlock Holmes e do seu criador Conan Doyle.

Os alunos, em grupos, levaram para casa alguns contos do escritor Doyle para ler, o que implicou uma atitude mais concreta em relação à leitura, pois tiveram que destinar um tempo fora do ambiente escolar para fazê-la. Além disso, se depararam com um texto longo, com uma escrita mais elaborada e com uma linguagem mais complexa já que fora escrito no século XIX. De certo modo, percebe-se que houve interesse dos alunos pela leitura, pois apesar, de alguns comentários relacionados à dificuldade de entender certas palavras, poucos, porém buscaram esclarecer o significado das palavras no dicionário, deixando para perguntar à professora. Alguns também disseram que, à vezes, o texto apresentava muitos comentários, detalhes que, segundo eles, poderiam ser mais diretos. Por outro lado, pode-se afirmar que os textos agradaram, pois a partir da apresentação oral, pôde-se constatar que a leitura foi realizada na íntegra por quase todos os alunos.

No momento em que se apresentou a teoria do texto policial, os alunos já tinham compreendido os elementos predominantes da literatura policial que apareceram nas histórias de TinTim e nas de Sherlock Holmes.

5.3.3 Preparando a Produção Final

Sugeriu-se, então, a criação de um *portifólio*¹⁸ que reuniria as atividades realizadas e do material recebido em aula. Para tanto, em duplas, os alunos foram coletando tudo o que já tinham sobre o tema estudado e após tal organização fizeram a colagem desse material ocupando as folhas de uma revista. Esta proposta foi muito bem aceita pelos alunos, pois eles tinham que usar a criatividade para montar o *portifólio*. Trabalho com colagem, desenho, escrita, decoração deixaram a turma ainda mais animada e entusiasmada para fazer as atividades.

E nesse ritmo de criação, as duplas inventaram um personagem, detetive, para ser o protagonista do conto elaborado por eles. Atividade a ser realizada no período de férias, em casa. A atitude dos alunos foi muito interessante já que eles estavam entusiasmados para criar o detetive, cada qual querendo ser mais inovador, mais diferente.

Com as férias, havia a possibilidade de os alunos perderem o interesse pelo tema, contudo ocorreu o oposto. Alguns grupos criaram seus textos na volta das férias, durante a semana que aula já tinha começado, conforme o próprio relato deles, outros se encontraram nas férias a fim de produzir suas histórias.

Todos os grupos leram os seus contos e neles foram observados os elementos do gênero policial. Alguns textos¹⁹ surpreenderam, pois apresentaram além dos elementos do gênero policial, histórias com enredo elaborado e criativo.

5.3.4 No Caminho de Shakespeare

A etapa seguinte foi introduzir Shakespeare através de perguntas orais relacionando sempre a sua produção com a de Doyle. Grande parte dos alunos não conhecia o escritor, mas ao mencionar o título *Romeu e Julieta* e eles fizeram a associação. Solicitou-se a leitura da obra original de *Hamlet* do mesmo escritor para a semana seguinte, assim como a pesquisa na internet sobre Doyle e Shakespeare.

Passada a semana, os alunos expuseram a pesquisa feita na Internet sobre Doyle e Shakespeare por meio de cartazes, de material impresso ou de registro no quadro negro sempre com exposição oral. Logo após, fez-se um debate sobre a obra

¹⁸ *Portifólio*: utilizado como expressão oriunda da publicidade para designar o conjunto de trabalho de um artista, fotos de ator ou modelo para a divulgação entre clientes. Amostra, em anexo O, de uma parte do *portifólio*.

¹⁹ Em anexo P, encontra-se um dos textos produzidos pelos alunos.

lida em casa, tentando aproximá-la através de suas características dos contos de Doyle. Dos 35 alunos, 25 afirmaram que leram a obra em sua íntegra. Dois alunos declararam que não leram a obra. Três comentaram que leram só a metade, pois tiveram outras obrigações escolares a fazer, uma delas era a pesquisa na internet a ser apresentada. Dois falaram que terminariam de ler, pois estavam gostando da história; um disse que não terminaria a leitura visto que a considerou muito difícil.

O filme *Hamlet* baseado na obra de Shakespeare foi exibido. A fim de melhor entendê-lo entregou-se um esquema aos alunos. Durante a exibição do filme, os alunos ficaram extremamente concentrados, manifestando-se com o intuito de fazer comparações com a obra literária.

Em função de o filme provocar o interesse dos alunos, levando-os a fazer muitos questionamentos e a discutir sobre diferentes pontos de vista, a professora de Língua Portuguesa cedeu um período de sua aula e se prontificou para fazer o mesmo na semana seguinte, caso fosse necessário.

Na última aula, os alunos deveriam terminar o *portifólio*, mas nem todos conseguiram por falta de tempo, por isso pediram um prazo maior, que foi aceito. Portanto, na semana posterior, a professora foi até a escola a fim de receber a produção dos alunos. O trabalho realizado evidenciou que a transição entre Doyle e Shakespeare ocorreu de forma harmoniosa: os alunos estavam realmente preparados para a leitura do cânone.

5.3.5 A Posição dos Alunos Diante da Experiência

O papel da literatura não é mostrar o visível, mas tornar visível.
Jean Paul Sartre

O instrumento de avaliação²⁰ do trabalho respondido pelos alunos permitiu analisar o resultado do projeto, comparando a predisposição para a leitura da literatura e o comportamento final, após o desenvolvimento do projeto.

As respostas dos alunos em relação às perguntas foram bem interessantes e, até certo ponto, superaram a expectativa da pesquisadora. Quando perguntados se gostaram de ler Arthur Conan Doyle, 77,14%, ou seja, 27 alunos, responderam que sim, acharam a obra interessante porque havia mistério, suspense, enigmas; 17,14%, 6 alunos, disseram que acharam a leitura de Doyle mais ou menos, 3 desses alunos

²⁰ O instrumento de avaliação foi um questionário, está em anexo H.

justificaram que, apesar de o assunto ser interessante, a linguagem usada pelo autor era um pouco difícil; 2 alegaram que os contos eram muito extensos e a letra usada para escrever muito pequena; 1 disse que a história era muito enrolada e o final não o surpreendia, mas, mesmo assim, era legal. Somente 5,7%, 2 alunos, revelaram que não gostaram de ler Doyle, sendo que 1 nem leu, disse que entrou na turma depois que as atividades começaram e que já estava reprovado, por isso, não tinha nem o interesse de ler ou participar das aulas. Declarou que até tentou ler um conto do colega para ver do que se tratava, mas achou chato (esse mesmo aluno compareceu na aula somente 3 vezes, sendo que uma delas foi no último dia). O outro disse que não gostou porque era a história era chata, muito grande, a escrita complicada e ele não teve tempo para ler tudo.

Já quando indagados se gostaram de ler *Hamlet*, de Shakespeare, 60%, isto é, 21 alunos, responderam que sim, tinham gostado de ler tal obra. 31,42%, 11 alunos, declararam que a leitura foi mais ou menos, desses alunos, 5 disseram que a linguagem era um pouco complicada, difícil, mas a história era muito interessante, por ser de mistério, de suspense, de assassinato; 4 disseram que não gostaram do final, pois todas as personagens morriam, tanto as boas quanto as más. 2 dos alunos não concordavam com a atitude do escritor e falaram que mudariam o final da história. 5 disseram que gostaram do livro, porém preferiram o filme, pois dava para entender melhor o que acontecia na história, a época em que viviam, bem como o pensamento ou a atitude dos personagens; e 2 disseram que só gostaram das partes de aventura, de suspense, de mistério, como no final da obra. Por fim, 3 alunos, 8,57%, revelaram que não gostaram de ler Hamlet; 1 aluno, porque achou a obra muito trágica e sem final e o outro porque não a entendeu.

O mais interessante é que quando questionados se gostariam de ler outra obra de Shakespeare, revelou-se um dado muito expressivo para esta pesquisa, pois dos 35 alunos, 23, ou seja, 65,71% manifestaram que tinham interesse em conhecer outras obras desse escritor. 28,57%, ou 10 alunos revelaram que talvez tivessem interesse por outras obras de Shakespeare, dependendo apenas do assunto e, principalmente, o porquê da leitura; desses 3 disseram que se a história não tivesse um final tão triste, sim; 2 se tivesse um filme para assistir também e comparar as histórias também leriam outra obra dele; 3 falaram que se pudessem fazer como foi feito para a leitura de *Hamlet*, sim, gostariam, pois todos poderiam trocar idéias, dar opiniões, imaginar como era aquela época em que aconteceu a história. Não seria

simplesmente ler por ler e depois fazer uma prova ou um resumo. 2 disseram que se não fosse feita nenhuma prova ou teste gostariam de ler. E apenas 5,72%, isto é, 2 asseguraram que não gostariam porque consideraram a obra muito complexa e difícil de se entender. Tais resultados evidenciam um crescimento positivo dos alunos em relação à leitura visto que grande parte da turma dedicou-se com satisfação e interesse.

A última pergunta proposta tinha o intuito de verificar como havia sido a experiência de leitura da obra *Hamlet*, 48,57%, ou seja, 17 alunos, pronunciaram que foi boa; desses 4 não justificaram, 6 falaram que a história era boa e interessante, portanto a leitura também foi; 7 declararam que foi boa porque a história também era de mistério, de crimes, de suspeitos como a do Sherlock Holmes, apesar de serem diferentes e a linguagem mais difícil para se entender. Além disso, 11,42%, isto é, 4 alunos revelaram que a experiência com a leitura de *Hamlet* foi ótima, 2 porque não tiveram dificuldade para a leitura e gostaram da história; 2 afirmaram que foi ótima porque o assunto era bom, prendia a leitura e queria saber qual era o final. 9 disseram que a relação com a obra foi muito boa; 3 porque gostavam do assunto; 1 porque já conhecia a história, 1 porque conhecia o autor, 4 porque a história era diferente das que conheciam, porque o autor tinha criatividade, porque podiam tentar descobrir o que aconteceria na história. Por outro lado, 11,42%, ou seja, 4 alunos expuseram que a experiência dessa leitura foi ruim, 2 porque foi difícil de ler a história, 1 porque o assunto não era muito bem explicado; 1 porque não entendeu a história. E, por fim, apenas 2,85%, o que corresponde a 1 aluno declarou que sua experiência foi péssima porque não leu a obra e não gostaria de ler. Não justificou suas respostas nem teve interesse em revelá-las à professora.

CONCLUSÃO

A literatura não é o que é, mas o que pode, deve ou parece ser.
Aristóteles

Este trabalho teve como objetivo desenvolver um projeto de ensino com vistas a formar leitores de literatura. Essa proposta deve ser compreendida no âmbito do próprio projeto, considerando-se o contexto de realização. Os resultados obtidos, entretanto, podem contribuir para a elaboração de propostas de ensino que realmente apostem na formação de leitores de literatura para além da escola.

O Projeto De *Sherlock Holmes a Shakespeare: um caminho a ser descoberto*, desenvolvido junto à turma de 1º ano da Escola Estadual de Ensino Médio Villa Lobos, em São Leopoldo, trouxe resultados significativos no que se refere à relação professor/literatura/leitor-aluno. O investimento no aluno como virtual leitor de literatura, por meio da ação planejada do professor, deixou evidente a possibilidade real de se formar leitores no contexto de Ensino Regular.

Para estreitar o caminho entre obra de arte literária e estudantes de Ensino Médio, o professor apropriou-se das teorias que consideram o leitor — que vive num determinado contexto social — como ativador das potencialidades do texto literário. A Sondagem realizada por esta professora- pesquisadora trouxe elementos significativos para a definição do caminho a seguir.

Nesse sentido, a opção pelo texto não-canônico, para se chegar ao canônico, evidenciou a necessidade de o professor ter uma boa base de leitura teórica para definir suas escolhas em relação aos textos a serem propostos para a leitura dos alunos. Considerar o conto policial, tendo em vista as suas particularidades, como um caminho para o texto clássico deixou evidente a necessidade de o professor ampliar suas ofertas de leitura e arejar seu olhar diante do mundo, da escola e do ensino.

Deslocar o estudo da obra de arte literária para o universo do leitor, conforme propõem Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, representa compreendê-la a partir do processo dialógico que ela estabelece com o seu receptor. Essa relação vincula-se diretamente ao meio social, e o livro, de acordo com Escarpit, precisa ser visto como uma modalidade mediadora entre o leitor e a sociedade. Assim, um fato literário deve ser interpretado dentro do contexto social em que está inserido. O leitor, portanto, assume um espaço em que tem voz, em que pode manifestar seu pensamento e propor novas idéias, interagindo com o texto.

As práticas propostas neste projeto de ensino buscaram atender essa concepção teórica. A criação do *portifólio* no decorrer das aulas, por exemplo, exigiu a atenção e o envolvimento dos alunos, que produziram textos, responderam a questionários, fizeram ilustrações — estabeleceram, portanto diferentes relações com os textos lidos.

A partir da leitura de contos policiais e da análise dos seus elementos constitutivos, os alunos foram estimulados a produzir contos do mesmo gênero. Criaram, pois, personagens, tramas, conflitos, desfechos. A atividade permitiu aos alunos a expressão das diferentes relações estabelecidas com os textos trabalhados. No final das aulas, apresentaram os materiais produzidos por eles, democratizando, pois, as suas criações e vendo valorizadas as diferentes formas de relação com as narrativas.

A leitura do texto de Shakespeare — que apresenta um arranjo mais difícil de ser compreendido por jovens contemporâneos — foi preparada, foi orientada. Proposta como parte de um projeto, cuidadosamente elaborado, em que diferentes modalidades textuais foram oferecidas — histórias em quadrinhos, contos, filme —, o texto clássico aparece não como um desafio, como uma obrigação, de que o aluno quer se livrar para cumprir exigências escolares, mas como parte de um todo coerentemente articulado.

Assim como ocorre na realidade, que é multicultural, os alunos também tiveram contato com diferentes modalidades textuais. Entretanto, como se trata de uma experiência de ensino, eles foram preparados, estimulados para os textos; leram, compararam, refletiram, expressaram-se, criaram, criticaram — enfim, interagiram com as leituras propostas.

A ação docente, portanto, deve efetivamente atuar na formação do indivíduo, no caso do professor de Língua Portuguesa ou de Literatura, na formação como

leitores. Nessa perspectiva, conforme ZILBERMAN (1996), *o texto poético favorece a formação do indivíduo, cabendo, pois, expô-lo à matéria literária, requisito indispensável a seu aprimoramento intelectual e ético* (p.13).

Os resultados obtidos com a realização deste Projeto foram observados pela pesquisadora por meio dos materiais produzidos, pela manifestação dos alunos e pelos dados coletados a partir do questionário aplicado no final das atividades. Constatou-se, assim, um crescente interesse pela literatura e, mais do que isso, uma melhor compreensão do que constitui um texto literário. Ao serem comparadas as formas de tratamento dos dois tipos textuais, os estudantes perceberam que existem diferentes formas de expressão da linguagem.

A sensibilização para o uso da linguagem, nas suas mais variadas formas de expressão, constitui-se em elemento determinante para a formação de leitores. Ao perceberem as formas de constituição dos textos, ao manusearem diferentes possibilidades textuais, ao criarem novos textos, os estudantes passam a transitar com maior desenvoltura pela linguagem, o que é determinante para a formação do senso estético dos indivíduos.

Criou-se, efetivamente, um ambiente de leitura — e, mais do que isso, de expressão dos efeitos da leitura —, que, se cultivado, pode contribuir para ampliar os horizontes de expectativas dos indivíduos, favorecendo a construção de um mundo melhor.

Acredita-se que esse é o caminho, essa é a contribuição de professores realmente engajados na sua tarefa precípua de ensinar: ensinar para o futuro, ensinar para a vida. *O único temor que a leitura pode inspirar é o de que seus usuários sejam levados a alterar sua visão de mundo, sonhem com as possibilidades de transformar a sociedade e não se conformem ao já existente* (ZILBERMAN, 2000, p.55).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.) **Era uma vez na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

_____. **Que livro indicar?** Interesses do leitor jovem. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

_____. O leitor competente à luz da teoria da literatura. In:_____. PORTELLA, Eduardo (dir.). **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros e. **O mundo emocionante do romance policial**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

ALLIENDE, Felipe, CONDEMARÍN, Mabel. **Leitura**: teoria, avaliação e desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ARISTÓTELES. **Poética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1986.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **O cânone ocidental**: os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Porto Alegre: Perspectiva, 1982.

BOILEAU-NARCEJAC. **O romance policial**. São Paulo: Ática, 1991.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. Formação do cânon literário. In: _____. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1976.

_____. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CARPEAUX, Otto Maria. **Destino do romance policial**. Porto Alegre: Globo, 1946.

_____. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG; Humanitas, 2001.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

ESCARPIT, Robert. Lo literario y lo social. In: _____. **Hacia una sociologia del hecho literário**. Madrid: Edicusa, 1974.

_____. **Sociología de la literatura**. Barcelona: Oikos-tau, 1971.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GARDNER, Howard. **Estrutura da mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GEORGES, Remi. **As aventuras completas de Tintim**. Rio de Janeiro: Record, 1970.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

INGARDEN, Roman. **A obra de arte literária**. Lisboa: Colouste – Gulbenkian, 1973.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. São Paulo: 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. A interação do texto com o leitor. In: _____. LIMA, Luis Carlos (org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da literatura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. São Paulo: Ática, 1999.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LIMA, Luiz Costa. **Pensando nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LINS, Álvaro. **No mundo do romance policial**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953.

MACHADO, Nilson José. **Epistemologia e didática**: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. São Paulo: Cortez, 1995.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

NASCIMENTO, Evandro. A noção de margem em literatura e em filosofia. In:_____. **Ângulos, Literatura e outras artes**. Minas Gerais: Universitária, 2002.

PAVIANE, Jayme. **Interdisciplinaridade ou uma nova disciplina**. Caxias do Sul: EDUCS, 1993.

PORTELLA, Eduardo (Org). A canonização do cânon. In:_____. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Literatura policial no Brasil**: notas sobre uma transposição de modelos. Rio de Janeiro, 1979.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura**: introdução aos estudos literários. Coimbra: Almedina, 1995.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SALTINI, Cláudio João Paulo. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. São Paulo: Papirus, 1993.

SODRÉ, Muniz. O romance policial. In:_____. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SOUZA, Antonio Candido Mello. **Formação da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1964.

TEIXEIRA, Coelho. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

TODOROV, TZVETAN. Tipologia do romance policial. In:_____. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

TRILLING, Lionel. **Literatura e sociedade**: ensaios sobre a significação da arte e da idéia literária. Rio de Janeiro: Lidoador, 1953.

VYGOSTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WEISZFLOG, Walter. **Michaelis**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981.

_____. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Bom Livro, 1989.

_____. **Fim do livro, fim dos leitores**. São Paulo: Senac, 2001.

_____. **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. Sim, a literatura educa. In:_____. ZILBERMAN, Regina, SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia**: ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ANEXOS

ANEXO A - Sondagem

De acordo com o solicitado a seguir, preencha as lacunas ou marque um X a(s) alternativa (s) que você escolher. Procure responder com atenção, clareza e sinceridade.

Nome: _____ Turma: _____
Série: _____ Idade: _____
Escola: _____

1. Você gosta de ler?

a- () Sim. Muito!

b- () Sim.

c- () Não.

d- () Um pouco.

Justifique:

2. O que você lê?

a- () Revistas. Quais? _____ b- () Jornais _____

c- () Livros. De que tipo? _____ d- () Nenhum dos referidos acima.

e- () Outro(s). Qual? _____

3. Quando você lê?

a- () Espontaneamente.

b- () Só quando obrigado.

4. Qual foi o livro mais legal que você já leu? Por que você o leu? Por que gostou?

5. Que livro você jamais leria novamente? Por quê?

6. Que tipo de assunto você gostaria de ver tratado num livro indicado para a leitura?

7. Como é a sua relação com a leitura?

a- () Muito agradável.

b- () Boa.

c- () Difícil.

d- () Outra. Qual? _____

ANEXO B - Imagens do Sherlock Holmes



Uma vez descartado o impossível, o que sobrar, por mais improvável que pareça, deve ser a verdade.

Elementar, meu caro Watson!

ANEXO C - Contos de Arthur Conan Doyle

O pé-do-diabo

Título original: The Devil's Foot	Publicado em The Strand Magazine, Londres, 1910
-----------------------------------	---

Ao anotar, de tempos em tempos, algumas das curiosas experiências e interessantes recordações associadas à minha longa e íntima amizade com Sherlock Holmes, defronto-me amiúde com as dificuldades oriundas de sua invencível antipatia por todo tipo de publicidade. Seu espírito ríspido e rabugento nutriu sempre o mais profundo desprezo pelo aplauso popular, e nada o divertia mais, ao final de um caso habilmente deslindado, que reverter o mérito do êxito a qualquer agente oficial, e ouvir com um sorriso irônico o coro geral de congratulações indevidas. Foi de fato essa atitude da parte de meu amigo, e não certamente a falta de material interessante, que me fez apresentar ao público nestes últimos anos muito poucas narrativas. Minha participação em algumas de suas aventuras constituiu sempre um privilégio que me obrigava à máxima discrição.

O leitor poderá imaginar, portanto, minha surpresa ao receber na última terça-feira um telegrama de Holmes — jamais se dá ao trabalho de escrever cartas quando é possível expedir telegramas —, concebido nos seguintes termos: "Por que não dar publicidade ao 'Horrível mistério da Cornualha' — o caso mais estranho que já tive em mãos?" Não faço a menor idéia do que o fizera lembrar-se do assunto, ou do capricho que o induzira a desejar que fosse entregue ao domínio público; todavia, apressei-me a coligir minhas notas sobre o caso, antes que outro telegrama viesse cancelar o precedente, e apresento-o agora a meus leitores.

Foi na primavera do ano de 1897 que a férrea constituição de Holmes começou a dar alguns sinais de fraqueza diante do trabalho constante e duríssimo, e essa indisposição era talvez agravada por excessos ocasionais em sua vida privada. Em março daquele ano, o dr. Moore Agar, da Harley Street, cuja dramática apresentação a Holmes eu talvez ainda venha a narrar, declarou de modo peremptório que o famoso detetive particular devia abandonar toda e qualquer atividade e entregar-se ao mais completo repouso, se quisesse evitar um irreparável esgotamento nervoso. O estado de sua saúde não era assunto que pudesse despertar em Holmes o mínimo interesse, pois seu desprendimento moral era absoluto, mas resignou-se por fim, em face da ameaça de ficar definitivamente impossibilitado de trabalhar, a uma completa mudança de atmosfera e ambiente. Assim, no início da primavera daquele ano, estávamos reunidos numa pequena casa de campo nas proximidades da baía Poldhu, no limite extremo da península da Cornualha.

Tratava-se de um lugarejo singular, muito propício ao temperamento sombrio de meu paciente. Das janelas de nossa pequenina casa caiada de branco, situada no alto de um arborizado promontório, dominávamos com o olhar todo o sinistro semicírculo da baía Mount, antiga armadilha mortal para todos os veleiros, com sua orla de penhascos negros e recifes traiçoeiros, sobre os quais inúmeros navegadores tinham encontrado uma morte trágica. Graças à brisa setentrional que ali sopra, a baía parece plácida e abrigada, convidando o pequeno barco acossado pelas tempestades a procurar repouso e proteção. Súbito, muda o vento. Sopram violentas as lufadas do sudoeste, a âncora é arrastada, a praia surge a sotavento e finalmente trava-se a suprema batalha com os rochedos espumantes. O marinheiro velho e experimentado evita aproximar-se desse lugar maldito.

Do lado da terra, a paisagem que nos circundava era tão tétrica quanto a do mar. Consistia numa região de charnecas ondulantes, desertas e de cor pardacenta, onde, de longe em longe, surgia um campanário que assinalava qualquer aldeia abandonada. Em todas as direções, sobre essas charnecas despontavam vestígios de uma raça definitivamente extinta, que deixara como única recordação estranhos monumentos de pedra, túmulos irregulares onde se encontravam depositadas as cinzas de seus mortos, e curiosos trabalhos de cerâmica, índices de lutas pré-históricas. O fascínio e o mistério desse lugar, com sua atmosfera sinistra de nações desaparecidas, exerciam influência sobre a imaginação de meu amigo, e ele passava grande parte do tempo em longos passeios e solitárias meditações pelos campos áridos. O antigo dialeto da Cornualha também lhe prendera a atenção, e recordo-me de que Holmes descobrira certa afinidade entre esse dialeto e o caldeu, a qual derivaria dos traficantes de estanho fenícios. Holmes recebera uma encomenda de livros de filologia e preparava-se para desenvolver essa tese, quando, de repente, para minha tristeza e sua indisfarçada delícia, nos vimos envolvidos, naquela terra de sonhos, num problema mais emocionante, mais atraente e infinitamente mais misterioso do que os que nos tinham obrigado a abandonar Londres. Nossa existência simples, tranqüila, nossa saudável rotina foram violentamente interrompidas, e vimos-nos precipitados no meio de uma seqüência de acontecimentos que suscitaram a máxima emoção, não só na Cornualha como em toda a região ocidental da Inglaterra. Muitos de meus leitores talvez se lembrem do que veio a ser chamado na ocasião "O horrível mistério da Cornualha", se bem que à imprensa londrina tivesse chegado uma narrativa demasiado incompleta dos fatos. Agora, decorridos treze anos, darei a público os pormenores reais desse inconcebível acontecimento.

Já disse que os campanários esparsos assinalavam as aldeias existentes nessa região da Cornualha. A mais próxima delas era o pequeno povoado de Tredannick Wollas, onde as moradias de cerca de duas centenas de habitantes se aglomeravam em torno de uma vetusta igreja coberta de musgo. O vigário da paróquia, o reverendo Roundhay, era uma espécie de arqueólogo e, como tal, Holmes estabelecera relações com ele. Homem de meia-idade, majestoso e afável, era dotado de uma notável bagagem de erudição quanto a fatos locais. A seu convite, fomos tomar chá na sede da paróquia, e lá conhecemos também o sr. Mortimer Tregennis, cavalheiro independente, que ajudava o vigário a aumentar seus parques recursos, hospedando-se em sua casa vasta e desordenada. O vigário, sendo solteiro, sentia-se feliz com esse arranjo, apesar de haver muito pouco em comum entre ele e seu pensionista, homem alto, moreno, de óculos, e cujo andar curvado sugeria uma verdadeira deformidade física. Recordo-me de que, durante nossa curta visita, notamos que o vigário estava muito loquaz, ao passo que seu pensionista se mostrava estranhamente taciturno, com um aspecto triste e pensativo, e deixou-se ficar quase sempre sentado, evitando nossos olhares, aparentemente preocupado com seus próprios problemas.

Eis que os dois homens irromperam abruptamente em nossa pequena sala de estar, na terça-feira, 16 de março, pouco depois de termos terminado a nossa primeira refeição, enquanto fumávamos um cigarro antes do passeio cotidiano pelos arredores.

— Sr. Holmes — disse com voz agitada o vigário —, ocorreu durante a noite o fato mais trágico e extraordinário do mundo. É verdadeiramente incrível, e podemos considerar sua presença aqui, neste momento, como dom especial da Providência, pois, em toda a Inglaterra, o senhor é justamente o homem de que necessitamos.

Encarei o importuno vigário com ar de poucos amigos; Holmes, porém, tirou o cachimbo da boca e endireitou-se na poltrona, como um velho cão de caça que ouve o soar das trompas dos caçadores. Com um gesto, indicou o sofá, onde nosso ansioso visitante e seu perturbado companheiro se sentaram, lado a lado. O sr. Mortimer Tregennis parecia mais calmo que o clérigo, mas o tremor de suas mãos finas e o brilho de seus olhos escuros demonstravam que sentia a mesma emoção.

— Falo eu ou o senhor? — perguntou ele ao pároco.

— Parece que o senhor fez a descoberta, seja ela qual for, e o vigário tomou conhecimento dela por seu intermédio, por isso talvez seja melhor o senhor falar — disse Holmes.

Lancei um olhar ao pároco, humildemente vestido, ao lado de seu pensionista, cuja indumentária era irrepreensível, e diverti-me com o ar de surpresa que a fácil dedução de Holmes lhes havia estampado nas faces.

— Talvez eu deva dizer algumas palavras primeiro — objetou o vigário —, e depois o senhor decidirá se deve ouvir o sr. Tregennis ou se devemos correr imediatamente ao local da misteriosa tragédia. Devo explicar-lhe que nosso amigo, aqui presente, passou a noite de ontem na companhia de seus dois irmãos, Owen e George, e de sua irmã, Brenda, na casa deles, em Tredannick Wartha, situada junto à velha cruz de pedra no meio da planície. Deixou-os, pouco depois das dez, jogando cartas ao redor da mesa da sala de jantar, com excelente saúde e bom estado de espírito.

"Hoje pela manhã, como de costume, levantou-se muito cedo, e antes do café saiu em passeio naquela direção, sendo alcançado pelo carro do Dr. Richard, que o informou ter sido chamado com urgência a Tredannick Wartha. O sr. Mortimer Tregennis, como é óbvio, acompanhou-o. Ao chegar a Tredannick Wartha, deparou com um espetáculo inaudito. Os dois irmãos e a irmã estavam sentados à mesa, exatamente como os tinha deixado, com as cartas ainda espalhadas à sua frente e as velas gastas até o fim. A irmã jazia rígida, morta na cadeira, enquanto a seu lado os dois irmãos riam, gritavam e cantavam, completamente fora de si. Os três, a morta e os dois dementes, tinham estampada nas fisionomias a expressão do mais intenso horror, um esgar de pavor horrível. Não havia o menor sinal da presença de alguém na casa, à exceção da sra. Porter, a velha cozinheira e governanta, que declarou ter dormido a sono solto e nada ter ouvido durante a noite. Nada foi roubado ou remexido, e não há qualquer explicação do que poderia ter apavorado uma mulher a ponto de causar a morte, e ter feito dois homens normais perderem completamente o juízo. Esta é, em resumo, a situação, sr. Holmes; se puder ajudar-nos a esclarecê-la, terá realizado uma grande obra."

Eu esperava, de qualquer modo, persuadir meu companheiro a manter o repouso que constituía o objetivo de nossa viagem; bastou-me, no entanto, um olhar ao rosto atento e às sobranceiras contraídas para compreender que seriam vãs todas as minhas súplicas. Ele se manteve sentado por algum tempo, em silêncio, com o pensamento absorto naquela misteriosa tragédia que viera perturbar o sossego das nossas férias.

— Cuidarei deste caso — disse finalmente. — À primeira vista, parece tratar-se de um assunto de natureza excepcional. Esteve no local, sr. Roundhay?

— Não, sr. Holmes. O sr. Tregennis trouxe-me a horrível notícia, e eu me apressei a vir com ele consultá-lo.

— A que distância fica a moradia onde ocorreu tão singular tragédia?

— A cerca de um quilômetro e meio.

— Então faremos uma caminhada juntos até lá. Antes de irmos, porém, desejo fazer-lhe algumas perguntas, sr. Mortimer Tregennis.

Tregennis permanecera em silêncio durante todo o tempo, mas eu notei que sua agitação, apesar de mais bem controlada, era mais forte do que a emoção patente do vigário. Sentado, com o rosto lívido e abatido, o olhar ansioso fixo em Holmes, torcia convulsivamente as mãos finas. Seus lábios descorados tremiam ao ouvir a descrição da pavorosa desgraça que desabara sobre sua família, e os olhos escuros pareciam refletir ainda o horror da cena que tinham contemplado.

— Pergunte-me o que quiser, sr. Holmes — respondeu prontamente. — É-me penoso falar a respeito do assunto; não obstante, contarei tudo o que sei.

— Descreva os acontecimentos da noite passada.

— Pois bem, sr. Holmes. Ceei lá, como o vigário já disse, e meu irmão mais velho, George, propôs, após a ceia, que jogássemos uma partida de uíste. Começamos a jogar por volta das nove horas. Eram dez e um quarto quando me despedi. Deixei-os sentados à mesa, todos muito alegres.

— Quem o acompanhou até a porta?

— A sra. Porter já fora para o quarto; por isso, saí sozinho, fechando a porta do vestibulo atrás de mim. A janela da sala em que eles se encontravam estava fechada, mas a cortina estava aberta. Hoje de manhã, não notei nenhuma mudança, tanto na porta como na janela, e nada fazia supor que um estranho pudesse ter entrado na casa. Todavia, lá estavam meus irmãos enlouquecidos de terror, e Brenda, morta, com a cabeça pendente sobre o braço da cadeira. Enquanto for vivo, jamais poderei esquecer aquela visão dantesca.

— Os fatos, tais como o senhor os narra, são realmente extraordinários — observou Holmes. — Pelo que me acaba de dizer, concluo que não encontra explicação para eles.

— Foi obra do Demónio, sr. Holmes; do Demónio! — exclamou Mortimer Tregennis. — Não é coisa deste mundo. Algo deve ter surgido naquela sala, capaz de lhes apagar das mentes a luz da razão. Por meios humanos seria impossível realizar tal coisa!

— Uma vez que o assunto transcende a natureza humana, receio que ele esteja acima de minhas forças. Entretanto, devemos esgotar todas as explicações naturais, antes de aceitar tal hipótese. Quanto ao senhor, suponho que se afastou de sua família por algum motivo, já que seus irmãos vivem juntos, e o senhor não mora com eles.

— Exatamente, sr. Holmes, apesar de que este assunto já é coisa do passado, e foi encerrado há muito tempo. Possuíamos uma mina de estanho em Redruth, mas vendemos nossos direitos a uma sociedade e nos retiramos com o suficiente para levarmos uma vida tranqüila. Não nego que houve certo ressentimento entre mim e meus irmãos no tocante à divisão do dinheiro, mas tudo foi esquecido e perdoado, e nestes últimos tempos éramos ótimos amigos.

— Voltando à última noite que passaram juntos, não se recorda de nada que possa lançar alguma luz sobre a tragédia? Pense bem, Sr. Tregennis, pois o mais tênue fio da meada me será de grande auxílio.

— Não me recordo de nada, Sr. Holmes.

— Seus irmãos encontravam-se em seu habitual estado de espírito?

— Nunca os vi tão satisfeitos.

Eram pessoas nervosas? Mostravam-se apreensivos, como quem receia qualquer perigo iminente?

— Não.

— Nada mais pode acrescentar, então, que me sirva de ajuda?

Mortimer Tregennis refletiu profundamente por alguns instantes.

— Ocorre-me agora uma coisa — disse ele por fim. — Quando estávamos sentados ao redor da mesa, eu estava de costas voltadas para a janela, e meu irmão George, que era meu parceiro, estava de frente para ela. Em dado momento, vi-o olhar fixamente por cima de meu ombro, tanto que me volvei e olhei na mesma direção. A cortina estava levantada e a janela, fechada, mas pude distinguir os arbustos do jardim e, por momentos, tive a sensação de ver qualquer coisa mover-se no meio deles. Não saberia dizer se era um homem ou um animal, mas calculei que fosse qualquer coisa. Quando perguntei a meu irmão para onde estava olhando, sua resposta coincidiu com a minha impressão. É tudo o que posso lhe dizer.

— Os senhores não procuraram investigar?

— Não; não demos importância ao incidente.

— O senhor, por conseguinte, saiu de lá sem o menor presságio funesto?

— Exatamente.

— Ainda não compreendi bem como veio a saber do sucedido tão cedo nesta manhã.

— Sou muito madrugador, e habitualmente saio a passeio antes do café. Esta manhã, mal me pus a caminho, fui alcançado pelo médico, que passou por mim de carro. Contou-me que a velha sra. Porter o mandara chamar com urgência por um garoto. Saltei para o carro e seguimos juntos. Logo que chegamos, entramos na sala trágica. As velas e o fogo deviam ter-se apagado muitas horas antes, e eles tinham permanecido sentados, na escuridão, até o romper da manhã. O médico declarou que Brenda devia estar morta há pelo menos seis horas. Não vimos o mínimo sinal de violência. Jazia apoiada sobre o braço da cadeira com uma pavorosa expressão de terror no rosto. George e Owen cantarolavam trechos de canções e agitavam-se como dois enormes macacos. Deus meu, que horror! Não pude resistir ao espetáculo, e o próprio médico estava branco como uma folha de papel. Chegou mesmo a cair sobre uma cadeira com uma espécie de vertigem, e, por pouco, não tivemos de tratar dele.

— Estranho... verdadeiramente estranho! — comentou Holmes, levantando-se e pegando o chapéu. — Talvez seja melhor irmos já para Tredannick Wartha. Confesso que raras vezes deparei com um caso que fosse à primeira vista mais singular.

As operações daquela manhã pouco serviram para que nossas pesquisas progredissem. Estas foram assinaladas, logo de início, por um incidente que me deixou na mente a mais sinistra impressão. A estrada que levava a Tredannick Wartha era estreita e sinuosa. Ao caminharmos por ela, ouvimos o ruído de um carro que vinha em sentido contrário, e afastamo-nos para um lado da estrada, a fim de lhe dar passagem. No momento em que cruzou conosco, entrevi fugazmente, através da vidraça da portinhola, um rosto contraído num horrendo sorriso, e que nos fitava. Aquele olhar insensato, aquele ranger de dentes passaram de súbito por nós como uma visão diabólica.

— Meus irmãos — gritou Mortimer Tregennis, fazendo-se pálido como um cadáver. — Vão levá-los para Heiston.

Acompanhamos com olhos esgazeados a carruagem negra, que desaparecia rapidamente de nossa vista. Volvemos em seguida os passos para a casa fatídica, cujos ocupantes tinham encontrado tão estranho destino.

Era uma habitação grande e clara, mais uma vila do que uma simples casa de campo, circundada por um vasto jardim que, graças ao ar ameno da Cornualha, já



se encontrava coberto de flores primaveris. A janela da sala de estar dava para esse jardim, e por ela, segundo as declarações de Mortimer Tregennis, devia ter entrado aquela coisa demoníaca, que por um rápido instante transtornou a mente de seus irmãos por um simples efeito de horror. Holmes passeou lenta e pensativamente por entre os canteiros floridos e ao longo do caminho, antes de penetrarmos no portal. Lembro-me de que ele estava tão absorto nos próprios pensamentos, que tropeçou num regador cheio de água, despejando-lhe o conteúdo sobre nossos pés e na areia do jardim. No interior da casa, fomos recebidos pela velha governanta, a sra. Porter, que, com a ajuda de uma jovem criada, acudia aos arranjos domésticos. Respondeu prontamente a todas as perguntas de Holmes. Nada ouvira durante a noite. Os patrões tinham apresentado, nos últimos tempos, um excelente estado de espírito, e nunca os vira tão alegres e satisfeitos! Naquela, manhã, ao entrar na sala e ao deparar com aquele quadro sinistro, desmaiara de horror. Mal voltou a si, abriu a janela para arejar o ambiente e correu para a estrada, onde encontrou um garoto ao qual pediu que chamasse um médico. Se quisessem ver a srta. Brenda, ela estava na cama, no andar superior. Foram necessários quatro homens robustos para colocar os dois irmãos no carro do hospício. Não queria ficar nem mais uma noite na casa, e, naquela mesma tarde, iria juntar-se à sua família em St. Ives.

Subimos as escadas e examinamos o cadáver. Brenda Tregennis fora uma jovem belíssima, se bem que já tivesse atingido a idade madura. O rosto moreno, de linhas perfeitas, era encantador, mesmo na morte, mas ainda apresentava sinais da convulsão que provocara sua última emoção terrena. Do quarto da extinta, descemos para a sala de estar onde se verificara a incrível ocorrência. Ainda se amontoavam na lareira as cinzas do fogo da noite anterior. Sobre a mesa, na qual continuavam espalhadas as cartas do baralho, viam-se quatro castiçais com as velas inteiramente consumidas. As cadeiras tinham sido encostadas à parede; no entanto, tudo o mais estava no lugar. Holmes percorreu a sala com passos rápidos e leves; sentou-se nas diversas cadeiras, aproximando-as da mesa, para reconstituir as posições. Verificou que ângulo do jardim poderia ser visto do interior; inspecionou o pavimento, o teto, a lareira; entretanto, nem por um momento notei aquele súbito brilho do olhar e aquela contração dos lábios que me faziam pressentir que entrevira um raio de luz naquela densa treva.

— Por que o fogo estava aceso? — perguntou a certa altura. — Costumavam acender sempre a lareira nesta sala, mesmo numa noite de primavera?

Mortimer Tregennis explicou que a noite fora fria e úmida; por esse motivo, tinham acendido a lareira depois de sua chegada.

— Que pretende fazer agora, sr. Holmes? — perguntou.

Meu amigo sorriu e pousou a mão no meu braço.

— Creio, Watson, que vou voltar ao velho hábito de me intoxicar com tabaco, que você tantas vezes e com muita razão tem condenado. Os senhores vão permitir que voltemos para casa, pois não acredito que aqui possa se apresentar algo de novo. Vou meditar sobre os acontecimentos, st. Tregennis, e, se me ocorrer qualquer coisa, o senhor e o vigário serão informados. Por ora, desejo a ambos um bom dia.



Só muito tempo depois de nosso regresso a Poldhu Cottage, Holmes quebrou seu longo e obstinado silêncio. Afundara-se na poltrona, com o rosto magro de asceta quase oculto pelas densas espirais de fumo do cachimbo, as negras sobranceiras contraídas, a fronte sulcada de rugas, os olhos absortos vagueando pelo espaço. Finalmente, pôs de lado o cachimbo e levantou-se.

— Assim não dá, Watson — disse, soltando uma gargalhada. — Vamos dar um passeio até os penedos e procurar setas de pedra. Será mais fácil encontrar despojos neolíticos do que chaves para nosso problema. Fazer o cérebro trabalhar sem material suficiente é o mesmo que exigir de uma máquina o que ela não pode dar. Fica reduzida a pedaços. O ar do mar, o sol, e paciência, Watson... o resto virá por si.

— E agora tentemos definir com calma a nossa posição — prosseguiu, enquanto contornávamos os penedos. — Procuremos agarrar firme o pouquíssimo que sabemos, de modo que possamos colocar nos devidos lugares os novos dados que surgirem. Antes de mais nada, suponho que nenhum de nós está disposto a admitir intrusões diabólicas em questões humanas. Principiemos por afastar da mente essa eventualidade. Muito bem. Restam assim três pessoas atacadas com crueldade, consciente ou inconscientemente, por um ser humano. Agora, estamos pisando terreno seguro. Ora, quando se verificou isso? Presumindo que seja verdadeira a narrativa do sr. Mortimer Tregennis, tal fato sucedeu logo depois de ele ter deixado a sala. Este ponto é importantíssimo. A hipótese é de que o incidente ocorreu poucos minutos depois. As cartas ainda se encontravam espalhadas sobre a mesa. Já passara a hora em que eles costumavam deitar-se; todavia, não tinham mudado de posição, nem afastado as cadeiras da mesa. Repito, portanto: o fato deve ter se verificado logo depois da partida de Tregennis, e antes das onze horas da noite.

"A primeira coisa que devemos fazer é seguir, tanto quanto possível, todos os passos que Mortimer Tregennis deu depois de deixar a sala. Nisso não encontraremos dificuldade alguma, e parece-me que seus movimentos estão acima de qualquer suspeita. Você conhece bem meus métodos e, naturalmente, compreendeu o expediente algo desajeitado do regador, pelo qual obtive do pé dele uma impressão mais clara do que seria permitido obter por outro meio qualquer. O caminho arenoso e úmido reteve-a de forma perfeita. Como deve lembrar-se, a noite passada também foi úmida, e não me foi difícil, depois de obter um modelo, descobrir-lhe as pegadas no meio das outras e acompanhar-lhe os movimentos. Ele parece ter se afastado rapidamente na direção da casa do vigário.

"Ora, se Mortimer Tregennis desapareceu da cena e alguém de fora pôde exercer uma influência letal sobre os jogadores de cartas, como podemos estabelecer a identidade dessa pessoa, e como foi possível criar em torno daqueles três desgraçados tão mortífera atmosfera de horror? A sra. Porter está isenta de qualquer suspeita. É evidentemente inofensiva. Existirão provas de que alguém subiu à janela do jardim, e, por meios ignorados, horrorizou os três irmãos a ponto de enlouquecê-los? A única hipótese nesse sentido é fornecida pelo próprio Mortimer Tregennis, quando afirma que seu irmão distinguira algo movendo-se no jardim. Isso é, sem dúvida, extraordinário, pois a noite estava chuvosa, enevoadada e escura. Quem quisesse assustar aquela gente seria obrigado a encostar o rosto à vidraça, a fim de ser visto. Ao lado da janela, na parte exterior, corre um canteiro de flores de cerca de um metro de largura; não apresenta, porém, o menor sinal de pés. Por conseguinte, é difícil imaginar como alguém, do lado de fora, poderia ter produzido tão forte impressão sobre as três pessoas, praticando tão estranho e complexo atentado. Percebe as dificuldades com que nos defrontamos, Watson?"

— Perfeitamente — respondi, cheio de convicção.

— No entanto, se tivéssemos mais alguns elementos, poderíamos demonstrar que elas não são insuperáveis — continuou Holmes. — Estou certo de que você encontrará em seu vasto arquivo alguns casos quase tão obscuros como este. Por ora, vamos pôr de lado o problema até que apareçam dados mais precisos, e dediquemo-nos, durante o resto da manhã, à pesquisa do homem neolítico. Já me

referi muitas vezes à faculdade de meu amigo de esquecer momentaneamente as coisas que o preocupam, mas nunca o admirei tanto como naquela manhã de primavera, na Cornualha, onde, durante duas horas, discorreu a respeito dos celtas, pontas de flechas e fragmentos de cerâmica, com grande desembaraço, como se nenhum mistério sinistro aguardasse uma solução. Só à tarde, de regresso à casa, tornamos a falar no assunto. Estava à nossa espera uma visita, e não foi preciso dizer-nos de quem se tratava. Aquele vulto enorme, o rosto duro e sulcado de rugas, o olhar arrogante, o nariz aquilino, os cabelos grisalhos que quase vasculhavam o teto da sala, a barba — loura nas pontas e branca junto aos lábios, exceto as manchas de nicotina deixadas pelo eterno charuto —, tudo isso era muito conhecido tanto em Londres como na África, e só podia estar relacionado à extraordinária personalidade do dr. Leon Sterndale, o célebre explorador e caçador de leões.

Sabíamos de sua presença na região, e tínhamos por uma ou duas vezes avistado sua figura gigantesca nos atalhos da charneca. Ele, porém, nada fizera para se aproximar de nós, nem nós, por outro lado, jamais sonháramos estabelecer relações com ele, pois sua misantropia era muito conhecida. Nutria um amor tão exagerado pelo isolamento que, nos intervalos de suas viagens, passava a maior parte do tempo numa pequenina casa de campo perdida na solidão dos bosques de Beauchamp Arriance. Aí, entre livros e mapas, dedicava-se a uma existência de absoluta segregação, atendendo às próprias necessidades, sem parecer interessar-se pela vida de seus vizinhos. Surpreendi-me, portanto, ao ouvi-lo perguntar a Holmes, com voz ansiosa, se tinha feito algum progresso na reconstituição do misterioso acontecimento.

— A polícia do condado está absolutamente tonta — disse —, mas talvez o senhor, com a sua experiência mais vasta, consiga sugerir uma explicação plausível. O único motivo que me leva a interessar-me pelo caso é o fato de que, durante minhas numerosas estadias aqui, travei uma íntima amizade com a família dos Tregennis (aliás, pelo lado de minha mãe, poderia chamá-los primos), e seu trágico destino constituiu, como é natural, um profundo golpe para mim. Posso dizer-lhes que me encontrava já em Plymouth, rumo à África, quando soube do sucedido, e voltei no mesmo instante, a fim de colaborar no inquérito.

Holmes arqueou as sobrancelhas.

— Por causa disso, então, o senhor perdeu o vapor?

— Seguirei no próximo.

— Por Deus! Isso é que se chama amizade!

— Como lhe disse éramos parentes!

— De acordo... Primos por parte de mãe. Sua bagagem já estava no navio?

— Alguma coisa; a de maior valor estava comigo no hotel.

— Compreendo. Mas, com certeza, a notícia desse acontecimento não pôde ter sido publicada pelos matutinos de Plymouth.

— Não, recebi um telegrama.

— Pode dizer-me quem lhe telegrafou?

Pelo rosto magro e ossudo do explorador perpassou uma sombra.

— É muita curiosidade, sr. Holmes!

— Faz parte de minha profissão.

Com um esforço, o dr. Sterndale recobrou a calma.

— Nada me impede de dizê-lo. Foi o sr. Roundhay, o vigário, quem me telegrafou.

— Muito obrigado — redargüiu Holmes. — Respondendo à sua primeira pergunta, devo dizer-lhe que ainda não tenho uma noção clara deste caso, mas nutro

fortes esperanças de chegar a uma conclusão. Seria prematuro dizer-lhe mais alguma coisa.

Suas suspeitas indicam algum rumo seguro?

— Não; sobre isso nada posso afirmar.

— Então, perdi meu tempo, e parece-me inútil prolongar minha visita.

O famoso explorador retirou-se a passos largos, visivelmente irritado, e, ao cabo de cinco minutos, Holmes seguiu-o. Não tornei a vê-lo senão à tarde, quando regressou. Pelo passo lento e a fisionomia abatida, concluí não terem sido muito frutíferas suas investigações. Passou os olhos por um telegrama que o aguardava e atirou-o ao fogo.

— Do Plymouth Hotel, Watson — explicou-me. — O vigário deu-me o endereço, e eu telegrafei para lá a fim de me certificar se a versão do dr. Sterndale era exata. Parece que de fato passou a noite lá, e parte de sua bagagem já fora embarcada para a África, enquanto ele voltava com o intuito de estar presente durante esta investigação. Que deduz você de tudo isso?

— Que o assunto lhe interessa muito.

— Interessa-lhe profundamente... sim. Há um fio, aqui, que até agora não conseguimos agarrar e que talvez nos conduza através da meada. Alegre-se, Watson, pois estou certo de que ainda não temos na mão todos os elementos essenciais. Quando tal suceder, nossas dificuldades se dissiparão.

Eu mal sabia que as palavras de Holmes logo se veriam confirmadas, e que estava prestes a ocorrer um fato estranho e sinistro, que iria dar novo rumo às nossas pesquisas.

Eu me barbeava junto à janela, na manhã seguinte, quando ouvi o tropel de patas de cavalo, e, erguendo o olhar, deparei com uma carruagem que vinha em disparada pela estrada. O veículo estacou à porta, e dele apeou nosso vigário, que entrou correndo pelo jardim, Holmes já estava vestido, e ambos nos apressamos ao seu encontro.

Nosso visitante estava tão emocionado que mal podia articular palavra; todavia, após muito balbuciar e arquejar, conseguimos ouvir-lhe a trágica notícia:

— Mortimer Tregennis morreu durante a noite, apresentando exatamente os mesmos sintomas encontrados nos outros membros de sua família.

Holmes ergueu-se de súbito, vibrante de energia.

— Pode levar-nos em seu carro?

— Certamente.

— Nesse caso, Watson, adiaremos nossa refeição. Estamos ao seu inteiro dispor, sr. Roundhay. Vamos depressa, antes que alguém entre no aposento e tire qualquer coisa do lugar.



Tregennis ocupava dois quartos sobrepostos num ângulo da casa. O do andar térreo servia de sala de estar; o de cima era o quarto de dormir. As janelas de ambos davam para um campo de croque, junto do edifício. Tínhamos chegado antes do médico e da polícia, de modo que tudo se encontrava no lugar. Desejo descrever a cena exatamente como se apresentava naquela nevoenta manhã de março, cuja impressão jamais se apagará de minha memória.

A atmosfera do quarto estava incrivelmente sufocante, e estaria ainda mais irrespirável se a criada, que tinha entrado antes, não escancarasse a janela. Talvez isso pudesse atribuir-se a um lampião que estava aceso no centro da mesa. Junto a esta estava sentado o morto, reclinado na poltrona, a barba rala apontada para a frente, os óculos empurrados para a testa, o rosto trigueiro e magro voltado para a

janela e contraído no mesmo espasmo de horror que transtornara as feições de sua pobre irmã. Os membros convulsos e os dedos crispados pareciam indicar que morreria num verdadeiro paroxismo de medo. Estava vestido, ainda que houvesse sinais de que o fizera às pressas. O leito em desalinho mostrava que dormira ali, e que o fim trágico se dera às primeiras horas da manhã.

Para avaliar a energia ardente, oculta sob a aparência fleumática de Holmes, bastaria reparar na súbita transformação que ele sofreu ao entrar na sala fatal. Instantaneamente ele ficou tenso e alerta, com os olhos brilhando, a fisionomia impenetrável, os membros fremindo de energia.

Saía para o campo de croque, regressava pela janela, rodeava o aposento, subia ao quarto, como um irrequieto cão de caça farejando a presa. No quarto de dormir, fez um rápido giro e terminou abrindo a janela de par em par, o que pareceu fornecer-lhe novo motivo de excitação, pois debruçou-se nela lançando estrepitosas exclamações de interesse e satisfação. Em seguida, desceu a escada correndo, pulou a janela, atirou-se de bruços no relvado, pôs-se de pé num salto e tornou a entrar na sala, tudo isso com a energia do caçador prestes a apanhar a presa. O lampião, de tipo comum, sofreu também um minucioso exame, principalmente no que se referia à sua capacidade. Inspeccionou cuidadosamente com uma lente a fuligem que lhe recobria a parte superior, e raspou um pouco da cinza que havia aderido à superfície, guardando-a num envelope, que enfiou na carteira. Finalmente, ao chegarem o médico e a polícia, acenou ao vigário, e saímos os três para o relvado usado para jogar croquê.

— Tenho o prazer de lhes comunicar que minha investigação não foi de todo infrutífera — observou. — Não posso permanecer aqui para discutir o caso com a polícia, mas eu lhe ficaria grato, sr. Roundhay, se quisesse apresentar meus cumprimentos ao inspetor e chamar-lhe a atenção para a janela do quarto e para o lampião da sala de estar. Cada um desses elementos é sugestivo, e, juntos, acho-os quase conclusivos. E agora, Watson, creio que nosso tempo pode ser mais bem aproveitado em outro lugar.

A polícia, provavelmente, não via com bons olhos a intromissão de um diletante, ou talvez julgasse que estava seguindo uma pista mais segura. O fato é que ninguém nos procurou nos dois dias seguintes, durante os quais Holmes passou parte do tempo em casa, fumando e conjeturando. No entanto, gastou a maior parte do tempo em demorados passeios solitários pelos arredores, dos quais voltava sem indicar, de modo algum, onde tinha estado. Uma certa experiência serviu para me revelar o rumo de suas pesquisas.

Ele comprou um lampião exatamente igual ao que ficara aceso nos aposentos de Mortimer Tregennis na manhã da tragédia. Encheu-o com o mesmo combustível usado na casa do vigário, e calculou com exatidão o tempo necessário que ele levava para se esgotar. A essa seguiu-se outra experiência, de caráter tão desagradável que não me será fácil esquecê-la.

— Você deve ter notado, Watson — observou ele, uma tarde —, que existe um único ponto comum de analogia nas diferentes informações que nos chegaram aos ouvidos. Refiro-me ao efeito produzido, em cada caso, pela atmosfera do aposento sobre as pessoas que entraram nele em primeiro lugar. Deve lembrar-se de que Mortimer Tregennis, ao descrever o episódio de sua última visita à casa dos irmãos, disse que o médico, quando entrou na sala, caiu sobre uma cadeira. Já se esqueceu desse pormenor? Eu não me esqueci. Agora, deve lembrar-se também de que a sra. Porter, a governanta, nos declarou que desmaiara ao penetrar na sala e só depois abrira a janela. No segundo caso, o do próprio Mortimer Tregennis, não pode ter

esquecido a impressão horrível de asfixia que sentimos quando transpusemos a porta da sala, embora a criada tivesse aberto a janela. Soube depois que essa criada se sentiu tão mal que teve de ir para a cama. Ora, Watson, deve convir que esses fatos são muito significativos. Em ambos os casos, temos provas irrefutáveis de envenenamento da atmosfera. Por outro lado em cada um deles, deparamos com um processo de combustão. No primeiro, o fogo ardia na lareira, no segundo, um lampião estava aceso. O fogo era necessário, pois a noite estava fria, mas o lampião... como se pode verificar pela quantidade de combustível consumido, foi aceso muito tempo depois do raiar do dia. Por quê? Sem dúvida porque existia alguma ligação entre esses três fatores: a combustão, a atmosfera sufocante e, finalmente, a loucura ou a morte daqueles infelizes. Está claro, não acha?

— Assim parece.

— Pelo menos podemos aceitar essa hipótese. Suponhamos, então, que em cada um dos casos alguma coisa foi queimada, tendo produzido uma atmosfera de misteriosos efeitos tóxicos. Muito bem. No primeiro, o da família Tregennis, essa substância foi colocada na lareira. A janela estava fechada, mas, naturalmente, parte dos vapores foi absorvida pela chaminé, ao menos por certo tempo. Por isso deve-se imaginar que os efeitos do veneno foram menores do que no segundo caso, em que houve menos escape de fumaça. Os resultados parecem indicar isso, pois no primeiro caso apenas a mulher, presumivelmente dotada de um organismo mais sensível, encontrou a morte, enquanto nos outros se apresentou o fenômeno da loucura temporária ou permanente, que é, com certeza, o primeiro estágio provocado pela droga. No segundo caso, o resultado foi total. Por conseguinte, os fatos tendem a confirmar a hipótese de um veneno que atua por combustão. Baseado nesse raciocínio, era natural que procurasse no quarto de Mortimer Tregennis qualquer traço dessa substância. É claro que o primeiro objeto que inspecionei foi a manga do lampião. E, de fato, encontrei nela certa quantidade de cinza escamosa, com uma franja de pó castanho, que ainda não fora de todo consumida. Como você viu, recolhi metade desse pó e coloquei-o num envelope.

— Por que apenas metade, Holmes?

— Não é meu costume, caro Watson, dificultar as investigações da polícia oficial. Costumo deixar-lhes todas as provas que encontro. Se possuem habilidade para descobri-lo, boa parte do veneno ainda se encontra lá. E agora, Watson, vamos acender nosso lampião; tomaremos, no entanto, a precaução de abrir a janela, a fim de evitarmos a morte prematura de dois dignos membros da sociedade. Você se sentará numa poltrona junto da janela, a menos que, como pessoa de bom senso, se recuse a tomar parte nesta experiência. Ah! Prefere ver como vai terminar? Eu estava certo de que conhecia meu Watson. Colocarei esta cadeira em frente à sua, de modo que possamos ficar ambos a igual distância do veneno e face a face. Deixaremos a porta entreaberta. Cada um de nós está em posição que permite observar o outro e pôr fim à prova se os sintomas se revelarem alarmantes. Está entendido? Muito bem! Tiro, então, nosso pó do envelope, ou o que resta dele, e ponho-o sobre o lampião aceso. Pronto! E agora, Watson, sentemo-nos e aguardemos os acontecimentos.

Estes não se fizeram demorar. Mal me havia sentado, principiei a sentir um odor sufocante, almiscarado, sutil e nauseante. À primeira baforada, perdi todo o domínio do cérebro e da imaginação. Uma nuvem espessa e negra baixou-me sobre os olhos, e eu tive a intuição de que ela trazia em seu bojo, invisível ainda, mas pronto a saltar diante de meus sentidos dominados pelo pavor, tudo quanto havia de vagamente horrível, monstruoso e infinitamente perverso no mundo. Formas indistintas giravam e fluavam na escuridão da nuvem, cada uma delas trazendo em

si a ameaça ou a advertência de qualquer coisa iminente, o aparecimento de algo pavoroso, cuja sombra, só por si, bastaria para me fulminar a alma. Fiquei gelado de horror. Sentí os cabelos arrepiarem-se, os olhos saltarem das órbitas, a boca escancarar-se e a língua pender para fora como um pedaço de couro. Era tal o tumulto em meu cérebro que tive a impressão de que minha cabeça ia estourar. Tentei gritar e apenas percebi, vagamente, um rouco coaxar, que devia ser minha voz, mas irreal e infinitamente distante. Nesse momento, num supremo esforço de fuga, irrompi através daquela nuvem de desespero e entrevi o rosto de Holmes, pálido, rígido, petrificado de terror — a mesma máscara que eu vira impressa nas feições dos dois cadáveres. Essa visão deu-me um átomo de lucidez e força. Saltei da poltrona, atirei os braços em torno de Holmes e com ele precipitei-me cambaleante para fora da sala. Momentos depois estávamos estirados, lado a lado, sobre a relva, cônscios somente do sol radioso, cujos raios diluíam a infernal nuvem de pavor em que nos encontrávamos envolvidos. Lentamente, ela se evaporou de nosso espírito, como a bruma 'dos pântanos, e assim recuperamos a calma e a razão. Sentamo-nos no relvado, enxugando o suor viscoso de nossas testas e olhando apreensivos um para o outro, como querendo fixar os últimos traços da espantosa experiência a que nos tínhamos submetido.

— Palavra de honra, Watson! — exclamou Holmes por fim, com voz ainda vacilante. — Devo agradecer-lhe e, ao mesmo tempo, apresentar-lhe desculpas. Essa prova, que, para mim só, seria imperdoável, é duplamente imperdoável porque envolvi nela um querido amigo. Não sei como devo pedir-lhe perdão.

— Você bem sabe — respondi emocionado (pois jamais me fora dado ver Holmes tão afetuoso) — que para mim a maior alegria, o máximo privilégio consiste em poder ser-lhe útil.

Meu amigo voltou imediatamente ao tom irônico que o caracterizava.

— Seria supérfluo agirmos como loucos, Watson. Qualquer observador desprevenido afirmaria por certo que já o estávamos ao tentar tão temerária experiência. Confesso, porém, que nunca imaginei que o efeito pudesse ser tão violento e instantâneo.

Entrou correndo em casa, reapareceu com o lampião ainda aceso, conservando-o à distância, e arremessou-o sobre um monte de galhos secos.

— Devemos esperar que a atmosfera do quarto se purifique. Suponho, Watson, que não alimente a menor sombra de dúvida quanto à maneira pela qual essas tragédias ocorreram.

— Absolutamente nenhuma.

— A causa, no entanto, permanece tão obscura como antes. Sentemo-nos debaixo deste caramanchão para discutir o assunto. Aquela maldita droga parece ainda me apertar a garganta. Somos obrigados a admitir que, na primeira tragédia, o criminoso foi Mortimer Tregennis, apesar de ele ter sido a vítima na segunda. Não nos esqueçamos da história da briga de família, seguida de um apaziguamento. Todavia, não sabemos até que ponto foi o litígio, nem o valor efetivo da reconciliação. Quando evoco Mortimer Tregennis, com aquela cara de raposa matreira, com aqueles olhos redondos e astutos brilhando por trás dos óculos, não o julgo homem suscetível de perdoar alguém. Além disso, deve recordar-se de que a idéia de um vulto movendo-se no jardim, a qual nos desviou momentaneamente a atenção da causa real do trágico evento, partiu dele. Tinha motivos para nos despistar. E, finalmente, se não foi ele quem atirou essa substância no fogo no momento em que abandonou a sala, quem mais poderia tê-lo feito? A coisa sucedeu logo depois da partida dele. Se alguma pessoa tivesse aparecido, a família evidentemente teria deixado a mesa. Por outro

lado, neste pacífico condado da Cornualha, não se fazem visitas depois das dez horas da noite. Portanto, todos os indícios apontam Mortimer Tregennis como o único culpado.

— Então sua própria morte foi um suicídio!

— Bem, Watson, à primeira vista tal hipótese não parece impossível. Um homem, sobre cuja consciência pesa a culpa de um crime tão hediondo contra a própria família, poderia muito bem, levado pelo remorso, infligir a si mesmo idêntico fim. Há, contudo, fortes argumentos contra tal suposição. Felizmente, existe alguém na Inglaterra que tudo sabe a esse respeito, e eu providenciei para que possamos ouvir os fatos, de seus próprios lábios, ainda esta tarde. Ah! Aí vem ele um pouco antes da hora... Queira vir por aqui, dr. Leon Sterndale. Estivemos realizando dentro de casa uma experiência química, a qual reduziu nossa saleta a condições absolutamente inadequadas para receber tão ilustre visitante.

Eu ouvira o ranger do portão do jardim e vira surgir na passagem a majestosa figura do grande explorador da África, que se voltou com certa surpresa para o rústico caramanchão sob o qual estávamos sentados.

— Recebi há cerca de uma hora o bilhete com que mandava me chamar, sr. Holmes, e por isso aqui estou, apesar de não saber por que deveria obedecer às suas ordens.

— Talvez possamos esclarecer a situação antes de nos separarmos — replicou Holmes. — Por enquanto, fico-lhe muito grato pela cortês aquiescência. O senhor vai desculpar-nos esta recepção ao ar livre, mas meu amigo Watson e eu quase fornecemos mais um capítulo ao que os jornais chamam de "O horrível mistério da Cornualha", e por ora preferimos uma atmosfera mais saudável. Entretanto, como o assunto que vamos discutir o interessa particularmente de modo bastante íntimo, é melhor que conversemos em lugar onde ninguém nos possa ouvir.

O explorador tirou o charuto da boca e encarou fixamente meu companheiro.

— Não consigo atinar qual possa ser o assunto que me interessa de forma tão pessoal e íntima — respondeu.

— Refiro-me ao assassinato de Mortimer Tregennis — explicou Holmes.

Naquele momento desejei estar armado. O rosto arrogante de Sterndale tornou-se rubro de cólera, seus olhos fuzilaram, as veias da fronte incharam, ao mesmo tempo em que se lançava de punhos fechados sobre meu companheiro.

Conteve-se, porém, a tempo, e com um violento esforço recobrou a calma, uma calma rígida e fria, talvez ainda mais ameaçadora do que a explosão colérica.

— Vivi tanto tempo entre os selvagens e afastado das leis — disse — que me habituei a fazer justiça por minhas próprias mãos. Rogo-lhe que não esqueça isso, sr. Holmes, pois não é meu desejo causar-lhe nenhum mal.

— Nem eu tenho o desejo de molestá-lo, dr. Sterndale. A prova mais evidente disso é que, sabendo o que sei, mandei chamá-lo, e não à polícia.

Sterndale deixou-se cair sentado no banco com um gemido, subjugado, talvez pela primeira vez, em toda a sua aventureira existência. Da atitude de Holmes, calma e segura, emanava tão grande autoridade que a ninguém era dado resistir. Nosso visitante titubeou por instantes, abrindo e fechando as enormes mãos, presa de intensa agitação.

— O que o senhor pretende dizer? — indagou por fim. — Se tenciona divertir-se à minha custa, está muito enganado. Deixemos de rodeios. O que quer de mim?

— Vou já dizê-lo — retorquiu Holmes —, e faço-o na esperança de que minha franqueza seja correspondida. Meu próximo passo vai depender da maneira como o senhor se defender.

— Defender-me?

— Precisamente.

— Mas defender-me de quê?

— Da acusação de ter assassinado Mortimer Tregennis.

— Com franqueza, o senhor está ultrapassando os limites. Será que todos os seus êxitos dependem dessa prodigiosa capacidade de blefar?

— Se alguém está blefando aqui — observou Holmes em tom severo —, é o senhor, dr. Sterndale, e não eu. Como prova, contar-lhe-ei alguns fatos nos quais baseei minhas conclusões. Nada direi de seu regresso de Plymouth, deixando grande parte da bagagem prosseguir viagem para a África, a não ser que tal atitude me indicou que o senhor era um dos fatores que deveriam ser considerados na reconstituição do drama...

— Eu voltei...

— Já me explicou as razões, mas eu as considero pouco convincentes e inadequadas. Mas deixemos isso de parte. O senhor me procurou para me perguntar de quem eu suspeitava. Recusei-me a responder-lhe. Dirigiu-se então à casa do vigário, esperou algum tempo do lado de fora e por fim regressou à sua residência.

— Como sabe?

— Eu o segui.

— Não vi ninguém.

— Pode estar certo de que isso sucederá sempre que eu o seguir. O senhor passou toda a noite em claro, e formulou certos planos que resolveu pôr em prática logo ao alvorecer. Saindo de casa ao romper do dia, encheu os bolsos com pedrinhas avermelhadas que jaziam num monte junto a seu portão.

Sterndale estremeceu violentamente e fitou Holmes, aturdido.

— O senhor venceu, então, a passos rápidos, o quilômetro e meio que o separava da casa da paróquia. Acrescentarei que usou o mesmo par de tênis que tem agora nos pés. Ao chegar lá, atravessou o pomar e a sebe lateral e colocou-se embaixo da janela do quarto de Tregennis. Embora fosse dia claro, o silêncio dentro da casa era completo. Tirou algumas pedrinhas do bolso e atirou-as contra a janela do pavimento superior.

Sterndale pôs-se de pé num pulo.

— Mas o senhor é o Diabo em pessoa! — exclamou.

Holmes sorriu diante do cumprimento.

— Foi preciso atirar dois ou talvez três punhados de pedras, para que Tregennis aparecesse à janela. Pediu-lhe, então, que descesse. Ele se vestiu às pressas e foi para a sala de estar. O senhor entrou pela janela. Seguiu-se entre ambos um rápido colóquio, durante o qual o senhor ficou andando de um lado para outro na sala. Saiu, em seguida, pelo mesmo caminho, fechou a janela e permaneceu no relvado do lado de fora, fumando um cigarro e observando os acontecimentos. Finalmente, depois da morte de Tregennis, retirou-se como viera. E agora, dr. Sterndale, como justifica tal conduta, e quais os motivos que o levaram a proceder assim? Se tentar lograr-me, por pouco que seja, dou-lhe minha palavra de honra de que passarei definitivamente o caso para outras mãos.

O rosto de nosso visitante tornou-se lívido ao ouvir essas palavras. Ficou sentado por algum tempo, silencioso e pensativo, o rosto apoiado nas mãos. Por fim,

com um gesto impulsivo, arrancou uma fotografia do bolso do casaco e atirou-a em cima da mesa rústica, diante de nós.

— Eis por que fiz isso — explicou.

A fotografia reproduzia o busto e o rosto de uma mulher belíssima. Holmes inclinou-se para observá-la.

— Brenda Tregennis — disse.

— Sim, Brenda Tregennis — repetiu nosso visitante.

— Há anos que nos amávamos. É esse o segredo de meu isolamento na Cornualha, de que toda gente se admirava. Só assim podia estar próximo da única criatura que me era cara no mundo. Não podia casar-me com ela porque tenho uma mulher, que me abandonou há muitos anos e da qual, por culpa das odiosas leis inglesas, ainda não pude divorciar-me. Durante anos Brenda esperou. Durante anos eu esperei. E eis o resultado de nossa espera.

Um violento soluço abalou-lhe a figura gigantesca, e ele comprimiu a garganta com a mão. Depois, num supremo esforço, conseguiu dominar-se e continuou:

— O vigário sabia de tudo. Era nosso confidente. Ele lhes dirá que ela era um verdadeiro anjo na terra. Foi por isso que ele me telegrafou e eu voltei. Que me importavam as bagagens ou a África, diante do que sucedera à minha querida Brenda? Aí tem, sr. Holmes, a explicação que faltava para meu procedimento.

— Continue — solicitou meu amigo.

O dr. Sterndale tirou do bolso um embrulho de papel e depositou-o sobre a mesa. Por fora estava escrito: "Radix pedis Diaboli", e logo abaixo, num rótulo vermelho, lia-se: "Veneno". Empurrou o pacote em minha direção.

— Sei que o senhor é médico — disse. — Já ouviu falar neste preparado?

— Raiz de pé-do-diabo! Não, nunca.

— Isso, aliás, não compromete seus conhecimentos profissionais — acrescentou —, pois acredito que, com exceção da amostra existente em um laboratório de Budapeste, não há outro exemplar na Europa. Ainda não encontrou lugar nem na farmacopéia, nem nos tratados de toxicologia. A raiz tem o formato de um pé, meio humano, meio caprino; daí o nome fantástico que lhe foi dado por certo botânico missionário. É usada como veneno, em provas punitivas, pelos curandeiros de algumas regiões da África ocidental, que a conservam em segredo entre eles. Foi-me possível obter esta amostra específica na zona de Ubangui, em circunstâncias verdadeiramente extraordinárias.

Abriu o pacote, enquanto falava, e exibiu-nos certa quantidade de um pó castanho-avermelhado, semelhante a rapé.

— E então? — perguntou Holmes em tom severo.

— Vou explicar-lhe tudo quanto de fato aconteceu, pois já sabe tanto que é de meu interesse que conheça o resto. Já lhe expus minhas relações com a família Tregennis. Por causa da irmã, cultivava a amizade dos irmãos. Após certa desavença doméstica por questões de dinheiro, Mortimer afastou-se dos outros, mas parece ter havido uma reconciliação, e eu voltei a encontrar-me com ele, como fazia com os demais. Era astuto, sutil, intrigante, e por várias razões chegara a suspeitar dele; no entanto, jamais deu motivos para qualquer desavença séria entre nós.

"Um dia, há cerca de duas semanas, estive em minha casa, e eu lhe mostrei algumas de minhas curiosidades africanas. Entre outras coisas, dei-lhe a conhecer este pó, e contei-lhe suas estranhas propriedades, a maneira como estimula os centros nervosos cerebrais que controlam a sensação do medo e como provoca a loucura ou a morte do infeliz nativo exposto a seus efeitos pelo feiticeiro da tribo.

Expliquei-lhe também a ignorância em que se encontrava a ciência europeia a seu respeito. Não sou capaz de lhe dizer como consegui apoderar-se dele, pois nem pôr um instante me afastei da sala, mas com certeza deve tê-lo feito enquanto eu abria armários ou me inclinava diante de alguma caixa. O fato é que subtraí certa quantidade de raiz de pé-do-diabo. Recordo-me perfeitamente de que me cumulei de perguntas sobre a quantidade e o tempo necessário para que produzisse o efeito desejado, mas eu estava bem longe de imaginar que tivesse um motivo pessoal para fazê-lo.

"Não pensei mais no assunto até receber em Plymouth o telegrama do vigário. Aquele monstro supunha que eu me encontraria em alto-mar quando recebesse a notícia, e que me perderia durante anos no coração da África. Mas, contra sua expectativa, voltei imediatamente. Como é óbvio, mal me inteirei dos pormenores da tragédia, compreendi que alguém usara meu veneno. Procurei então o senhor para ver se por acaso encontrara outra explicação. Mas não podia haver outra. Estava convencido de que o assassino era Mortimer Tregennis; por amor ao dinheiro e talvez com a idéia de que, se os demais membros da família ficassem loucos, ele assumiria, sozinho, a tutela do conjunto dos bens, usara contra eles o pó venenoso, enlouquecendo os dois irmãos e matando a irmã Brenda, a única criatura que amei na vida, e que me amava. Aí estava seu crime; qual o castigo que lhe cabia? Deveria eu apelar para a justiça? Onde estavam minhas provas? Eu sabia de tudo, mas conseguiria fazer um júri de aldeãos acreditar em tão fantástica história? A possibilidade parecia-me remota. Contudo, não podia arriscar-me a um malogro. Minha alma clamava por vingança. Já lhe disse, sr. Holmes, passei tão grande parte da vida longe da lei, que acabei finalmente por ditar eu próprio minhas leis. E assim sucedeu também neste caso. Decidi que ele devia compartilhar a mesma sorte que infligira aos outros. Ou isso, ou então eu faria justiça por minhas mãos. Em toda a Inglaterra, não existe neste momento homem algum que dê menos valor à própria vida do que eu.

"Agora já lhe contei tudo. O resto o senhor mesmo nos deu a conhecer. De fato, como disse, após uma noite de insônia, saí cedo de casa. Prevendo a dificuldade de acordá-lo, apanhei um punhado de pedrinhas do monte a que se referiu e servi-me delas para lançá-las contra a janela. Ele desceu e fez-me entrar pela janela da sala de estar. Eu o acusei do crime. Afirmei-lhe estar ali como juiz e algoz. O miserável deixou-se cair numa cadeira, paralisado de terror diante de meu revólver. Acendi o lampião, despejei-lhe em cima o pó e coloquei-me fora da janela, pronto a executar minha ameaça de matá-lo, caso procurasse abandonar a sala. Morreu ao cabo de cinco minutos. Meu Deus! Que morte! Meu coração, porém, estava empedernido, pois Mortimer não sofreu nada que minha inocente Brenda não tivesse suportado antes dele. Eis minha história, sr. Holmes. Talvez, se amasse uma mulher, o senhor tivesse feito o mesmo. De qualquer forma, estou em suas mãos. Faça de mim o que quiser. Como já lhe disse, não há ninguém no mundo que receie menos a morte do que eu."

Holmes permaneceu algum tempo em silêncio.

— Quais eram seus planos? — perguntou por fim.

— Tencionava embrenhar-me no centro da África. Meu trabalho ali ficou pela metade.

— Pois vá terminá-lo — sentenciou Holmes. — Eu, pelo menos, não tenho a menor intenção de impedi-lo.

O dr. Sterndale ergueu seu vulto gigantesco, inclinou-se gravemente e saiu do caramanchão. Holmes acendeu o cachimbo e estendeu-me a bolsinha de tabaco.

— Algumas fumaças não venenosas constituirão um agradável derivativo — observou. — Espero que concorde comigo, Watson, em que este é um caso no qual não devemos interferir. Nossa investigação foi independente, e independente será também nosso modo de agir. Você teria coragem de denunciar esse homem?

— Certamente que não — respondi.

— Nunca amei, Watson, mas, se amasse, e minha eleita tivesse tido semelhante destino, com certeza agiria como nosso destemido caçador de leões. Quem sabe? Bem, Watson, não quero ofender-lhe a inteligência explicando o óbvio. As pedrinhas encontradas no peitoril da janela estabeleceram, naturalmente, o ponto de partida de minhas pesquisas. Eram em tudo diferentes das do jardim do vigário. Somente quando volvi a atenção para o dr. Sterndale e para sua residência é que vi de onde provinham. O lampião aceso em pleno dia e os resíduos do pó na manga do lampião formaram um encadeamento fácil de seguir. E agora, meu caro, creio que podemos varrer da mente esse desagradável assunto, e regressar de consciência leve ao estudo daquelas raízes caldaicas, cujos vestígios devem ser encontrados com certeza no ramo da grande língua céltica que se fala na Cornualha.

A Faixa Malhada

Título original: The Speckled Band

Publicado em The Strand Magazine, Londres, 1892



Ao fazer uma revisão das minhas anotações sobre os setenta e tantos casos nos quais, durante estes últimos oito anos, tenho estudado os métodos de meu amigo Sherlock Holmes, encontro alguns trágicos, outros cômicos, e um grande número de casos apenas estranhos, mas nenhum comum, porque, trabalhando como ele o faz, mais por amor à arte do que para enriquecer, sempre se recusou a associar-se a qualquer investigação que não apresentasse coisas fora do comum e até fantásticas. De todos esses casos, não posso recordar nenhum que apresente características mais singulares do que aquele que teve relação com a conhecida família dos Roylott, em Stoke Moran, em Surrey. Os acontecimentos em questão ocorreram nos primeiros tempos da minha amizade com Holmes, quando alugamos uns aposentos, como solteiros que éramos, na Baker Street. Eu já podia tê-los contado, mas uma promessa de mantê-los em segredo havia sido exigida, e só no mês passado fiquei livre dela, pela inesperada morte da senhora a quem fora feita à promessa. Talvez seja bom que os fatos agora se tornem conhecidos, porque tenho razões para pensar que há rumores a respeito da morte do Dr. Grimesby Roylott que tendem a tornar o assunto mais terrível do que é na verdade.

Foi em abril de 1883. Ao acordar, encontrei Sherlock Holmes de pé, vestido, ao lado de minha cama. Geralmente ele se levantava tarde, e, quando olhei para o relógio e vi que eram apenas sete e quinze, olhei-o surpreso, e talvez um pouco aborrecido, porque eu era sempre pontual nos meus hábitos.

— Sinto muito acordá-lo, Watson — disse ele —, mas é a sorte de todos hoje. A sra. Hudson foi acordada cedo, chamou-me, e agora sou eu que o chamo.

— O que é então? Um incêndio?

— Não, uma cliente. Chegou há pouco uma jovem, muitíssimo nervosa, e insiste em ver-me. Está esperando na sala de estar. Suponho que, quando as jovens começam a vaguear pela cidade a estas horas da manhã e a acordar os que dormem ainda, algo de muito importante têm a comunicar. Se provar ser um caso interessante, tenho a certeza de que você quererá segui-lo desde o começo. Em todo caso, pensei que devia chamá-lo para lhe dar esta oportunidade.

— Meu caro amigo, fez muitíssimo bem.

Meu maior prazer era acompanhar Holmes nas suas investigações profissionais e admirar as deduções e intuições rápidas, sempre baseadas na lógica, com as quais ele deslindava os problemas que lhe eram submetidos.

Vesti-me apressadamente e pouco depois estava pronto para acompanhar meu amigo até a sala. Uma moça vestida de preto, o rosto coberto por um véu espesso, estava sentada à janela, mas, quando chegamos, levantou-se.

— Bom dia, senhorita — disse Holmes alegremente. — Meu nome é Sherlock Holmes. Este é meu íntimo amigo e companheiro, dr. Watson; pode falar francamente na sua presença como se fosse para mim só. Ah! Vejo que a sra. Hudson teve o bom senso de acender o fogo. Peco-lhe o favor de se aproximar mais dele, e vou mandar vir uma chávena de café bem quente para a senhora, porque vejo que está tiritando de frio.

— Não é de frio — disse ela em voz baixa e mudando de lugar, conforme fora convidada.

— O que é então?

— É medo, sr. Holmes. É medo.

Levantou o véu ao falar, e pudemos ver que estava realmente num estado doloroso de agitação, o rosto descorado, os olhos irrequietos e amedrontados como os de um animal preso. Parecia ter uns trinta anos, porém já tinha alguns cabelos grisalhos prematuros; sua expressão demonstrava cansaço e seu semblante estava desfigurado. Sherlock Holmes examinou-a com um dos seus olhares rápidos e abrangentes.

— Não deve ter medo — disse ele calmamente, inclinando-se para ela e pousando-lhe a mão no braço. — Depressa resolveremos o assunto, sem dúvida. Vejo que hoje veio de trem.

— Então o senhor me conhece?

— Não, mas notei o bilhete de regresso na palma da sua luva. Deve ter saído cedo, mas também viajou de charrete, por estradas ruins, até a estação.

A jovem ficou atônita e olhou alarmada para o meu companheiro.

— Não há mistério nisso, senhorita — disse ele sorrindo. — A manga esquerda do seu casaco está salpicada de lama nuns sete lugares, e é lama fresca; não há como uma charrete para nos encher de lama, e a senhora sentou-se à esquerda do cocheiro.

— Sejam quais forem suas razões para dizer essas coisas, é mesmo verdade — disse ela. — Saí de casa às seis horas, cheguei a Leatherhead às seis e vinte, e vim no primeiro trem para Waterloo. Senhor, não posso agüentar mais esta tensão nervosa, e, se continuar, ficarei doida. Não tenho ninguém a quem possa apelar... ninguém a não ser uma pessoa que gosta de mim, e ele, pobre rapaz, não pode fazer nada. Ouvi falar do senhor, sr. Holmes, por intermédio da sra. Farintosh, a quem o senhor ajudou numa ocasião em que ela necessitava de auxílio. Foi por intermédio dela que obtive seu endereço. Oh!, senhor, será que pode também ajudar-me ou pelo menos esclarecer um pouco a escuridão que me cerca? Atualmente não posso recompensá-lo pelo seu trabalho, mas dentro de uns dois meses vou me casar, e então terei o controle pessoal do que é meu. A essa altura, pelo menos, o senhor não me considerará ingrata.

Holmes virou-se para a sua escrivanhinha e, abrindo-a, tirou uma caderneta de notas e consultou-a.

— Farintosh — disse ele. — Ah!, sim, lembro-me do caso; tratava-se de um diadema de opalas. Foi antes de você vir morar aqui, Watson. Só tenho a dizer, senhorita, que terei prazer em dar a seu caso a mesma atenção que dediquei à sua amiga. Quanto à recompensa, minha profissão traz por si mesma uma compensação; no entanto, a senhorita terá a liberdade de me reembolsar de qualquer despesa que houver quando lhe for conveniente. E agora, peço-lhe que nos conte tudo o que nos possa ajudar a formar uma opinião sobre o assunto.

— Ai de mim! — respondeu a nossa visitante. — O próprio horror da minha posição está no fato de que meus temores são muito vagos e minhas suspeitas dependem inteiramente de uns pequenos fatos, que podem parecer tão triviais aos outros, que até a pessoa de quem, acima de todos, tenho o direito de esperar algum apoio e conselho considera tudo o que vou lhe contar fantasia de mulher nervosa; não o diz, mas sinto-o, quando desvia os olhos e me dá respostas calmas. Mas sei, sr. Holmes, que o senhor perscruta as coisas mais profundas dos corações humanos, descobrindo a sua perversidade. O senhor talvez possa aconselhar-me como agir em meio aos perigos que me circundam.

— Sou todo atenção, senhorita.

— Meu nome é Helen Stoner, e moro com meu padrasto, que é o último representante de uma das famílias saxônicas mais antigas da Inglaterra, os Roylott, de Stoke Moran, na margem ocidental do Surrey.

Holmes acenou com a cabeça.

— O nome me é familiar — disse ele.

— A família era, antigamente, uma das mais ricas da Inglaterra. A herdade estendia-se sobre os limites dos condados de Berkshire, ao norte, e Hampshire, a oeste. No século passado, todavia, quatro dos herdeiros foram homens dissolutos e de disposição esbanjadora, e a ruína da família finalmente ocorreu com um jogador nos dias da Regência. Nada restou, senão alguns lotes de campo e a casa secular, e essa, sob o encargo de uma pesada hipoteca. O último dono arrastou literalmente sua existência ali, levando uma vida horrível de aristocrata pobre; seu único filho, meu padrasto, vendo que tinha de adaptar-se às novas condições, pediu um empréstimo a um parente, que o habilitou a formar-se em medicina, e foi para Calcutá, onde, pela sua aptidão e força de caráter, se estabeleceu com grande clientela. Enraivecido, porém, por uns furtos que haviam sido feitos na sua casa, agrediu o copeiro, causando-lhe a morte, e por pouco escapou de uma sentença capital. Mesmo assim ficou preso durante muito tempo e voltou para a Inglaterra transformado num homem desalentado e melancólico.

"Quando o dr. Roylott foi para a Índia, casou-se com minha mãe, sra. Stoner, viúva do major-general Stoner, da artilharia de Bengala. Minha irmã e eu éramos gêmeas e tínhamos apenas dois anos quando nossa mãe se casou pela segunda vez. Ela tinha bastante dinheiro, umas mil libras anuais, que legou ao dr. Roylott durante todo o tempo que morássemos com ele, com prescrição de que certa



soma anual fosse concedida a cada uma de nós no caso de nos casarmos. Logo após nosso regresso à Inglaterra, minha mãe morreu num desastre ferroviário perto de Crewe. Isso foi há oito anos atrás. O dr. Roylott abandonou a clientela que começara a adquirir em Londres e levou-nos para viver com ele na casa ancestral de Stoke Moran. O dinheiro que minha mãe deixara era suficiente para todas as necessidades, e parecia não haver impedimento à nossa felicidade. A essa altura, meu padrasto transformou-se completamente; em vez de cultivar amizades e trocar visitas com as famílias da vizinhança, que no começo se regozijaram ao ver de novo um sucessor dos Roylott morando na velha herdade, fechava-se em casa e raras vezes saía, a não ser para discutir ferinamente com todos aqueles que encontrasse. O temperamento violento, aproximando-se da loucura, é hereditário nos homens da família, e no caso de meu padrasto, creio, foi agravado pelo fato de ele ter vivido num país de clima tropical. Houve uma série de brigas vergonhosas, duas das quais terminaram no posto policial, até que por fim ele se tornou o terror da aldeia e as pessoas voavam para longe quando ele se aproximava, porque é homem de grande físico e absolutamente descontrolado na sua ira. Na semana passada, lançou o ferreiro local de cima do parapeito para dentro do riozinho, e somente com o pagamento de todo o dinheiro que pude arranjar consegui evitar que outro escândalo viesse a público. Não tinha amigos, senão os ciganos ambulantes. A estes, dava licença para levantarem acampamento nos terrenos da herdade, e às vezes aceitava a hospitalidade das suas tendas, acompanhando-os semanas seguidas. Tem paixão também por animais selvagens da Índia, que recebe, mandados por um amigo. Atualmente tem um leopardo e um macaco, que andam livremente e são temidos pelo povo tanto quanto o dono. O senhor deve imaginar, pelo que estou lhe contando, que minha irmã e eu não tínhamos qualquer prazer na vida. Nenhuma empregada ficava conosco, e durante

muito tempo nós é que fazíamos todo o trabalho da casa. Ela tinha apenas trinta anos quando morreu, mas, apesar disso, seu cabelo já estava um pouco grisalho, como o meu."

— Então sua irmã morreu?

— Morreu há dois anos, e é da sua morte que lhe quero falar. Deve compreender que, levando a vida que tenho descrito, era difícil estar em contato com pessoas da nossa idade e posição. Tínhamos, todavia, uma tia solteirona, sra. Honoria Westphail, que mora perto de Harrow, e ocasionalmente tínhamos permissão para lhe fazer uma visita breve. Julia esteve lá no Natal, há dois anos, e encontrou um major da marinha, de quem ficou noiva. Meu padraсто soube do noivado quando ela voltou para casa; não fez nenhuma objeção; porém, duas semanas antes do dia fixado para o casamento, deu-se um acontecimento terrível, que levou minha única companheira.

Sherlock Holmes estivera sentado na sua poltrona descansadamente, com os olhos fechados e a cabeça numa almofada, mas nesse momento entreabriu os olhos e fitou a visitante.

— Conte-me todos os pormenores.

— É-me muito fácil fazê-lo, porque tudo o que aconteceu então está gravado na minha memória. A casa, como já disse, é muito velha, e agora só se usa uma das alas. Os quartos ficam nessa ala, no andar térreo, e as salas, no centro do edifício. Desses quartos, o primeiro é do dr. Roylott, o segundo, de minha irmã, e o terceiro, meu. Não há comunicação entre eles, mas todos se abrem para o mesmo corredor. Compreende?

— Perfeitamente.

— As janelas dos três quartos abrem-se para o relvado. Na noite de Natal, o dr. Roylott foi para o seu quarto cedo, embora soubéssemos que ele ainda não estava deitado, porque minha irmã ficou incomodada com o cheiro de um tabaco forte que ele costumava usar, de charutos indianos. Ela deixou o quarto dela e veio para o meu, onde ficamos conversando sobre os preparativos para o casamento. Às vinte e três horas, quando já ia se deitar, parou à porta, olhou para trás e perguntou:

"— Diga-me, Helen, tem ouvido um assobio a altas horas da noite?

"— Nunca — respondi.

"— Bem, não creio que você seja capaz de assobiar quando está dormindo.

"— Certamente que não. Mas por quê?

"— Porque durante estas últimas noites ouço sempre, por volta das três horas, um assobio baixo, mas muito claro. Tenho o sono leve, e isso me tem acordado. Não sei de onde vem. Talvez do quarto ao lado, talvez do relvado. E simplesmente lembrei-me de lhe perguntar se também tem ouvido.

"— Não, não tenho. Devem ser aqueles ciganos.

"— Talvez. Mas, se vem do relvado, fico admirada por você também não o ter ouvido.

"— Ah, mas tenho o sono mais pesado do que você.

"— Bem, não tem importância, em todo caso — disse ela, sorrindo-me. Fechei a minha porta, e poucos momentos depois ouvi-a dar a volta à chave na porta do seu quarto."

— Ah, sim? — disse Holmes. — Era costume fechar as portas à chave durante a noite?

— Sempre.

— Por quê?

— Parece-me que já lhe contei que o doutor tem um leopardo e um macaco. Não nos sentíamos seguras enquanto nossas portas não estivessem fechadas à chave.

— Está certo. Continue, por favor.

— Não pude dormir naquela noite. Um pressentimento vago de que alguma desgraça ia acontecer impressionou-me muito. Minha irmã e eu éramos gêmeas, e o senhor sabe como são sutis os laços que ligam duas almas tão unidas. O vento uivava lá fora, e a chuva batia com toda a força nas janelas. Era uma noite tempestuosa. Subitamente, em meio ao barulho da tormenta, ouvi o grito horrível de uma mulher aterrorizada. Reconheci a voz de minha irmã. Pulei da cama, atirei um xale às costas e corri para o corredor. Quando abri a porta, pareceu-me ouvir um assobio baixo, como minha irmã havia descrito, e um momento depois um som, como a queda de um pacote de metal. Corri até a porta do quarto de minha irmã, que se abriu vagarosamente. Olhei, horrorizada, não sabendo o que ia suceder. Pela luz do candeeiro do corredor vi minha irmã aparecer à porta, o rosto branco como a morte, aterrorizada, as mãos estendidas como que pedindo socorro, o corpo cambaleante como o de um bêbado. Corri para ela e lancei-lhe meus braços ao redor do corpo; mas naquele momento seus joelhos dobraram-se e ela caiu no chão. Torcia-se como quem estivesse com dores horríveis, os braços e as pernas tremendamente convulsionados. A princípio pensei que não me reconhecia, mas quando me inclinei para ela, gritou num tom de voz de que nunca me esquecerei:

"— Oh, meu Deus! Helen! Foi a faixa malhada! A faixa malhada!

"Havia outra coisa que queria dizer, e apontava com o dedo no ar em direção ao quarto do doutor, mas uma nova convulsão abafou-lhe as palavras. Saí correndo, chamando meu padasto em voz alta, e encontrei-o saindo do quarto, com o roupão vestido. Quando chegou ao lado de minha irmã, ela já estava inconsciente, e, embora lhe despejasse conhaque na garganta e mandasse chamar um médico, tudo foi em vão; ela morreu vagarosamente, sem recuperar os sentidos. Assim foi a morte horrorosa de minha amada irmã."

— Um momento — disse Holmes. — A senhora tem certeza quanto ao assobio e ao som de metal? Podia mesmo jurar que os ouviu?

— Essa pergunta me foi feita também pelo inspetor na investigação que se seguiu. Tenho a convicção de os ter ouvido; todavia, com o estrondo da tempestade e o guinchar da casa velha, é possível que me houvesse enganado.

— Sua irmã estava vestida?

— Não, estava de camisola; na mão direita tinha um fósforo queimado, e na esquerda, uma caixa de fósforos.

— Prova de que havia acendido uma luz para ver ao redor quando o alarme começou. Isso é importante. E quais foram as conclusões do inspetor?

— Investigou o caso com muito cuidado porque a conduta do dr. Roylott tornara-se notória em toda a localidade, mas não encontrou qualquer dado satisfatório sobre a morte de minha irmã. Meu testemunho demonstrou que a porta fora trancada do lado de dentro, e as janelas estavam fechadas com portas de madeira, do sistema antigo, e atravessadas com barras de ferro, como se fazia todas as noites. As paredes não tinham buracos nem fendas, eram sólidas, e o soalho foi bem examinado, com o mesmo resultado. A chaminé é larga, mas está coberta por quatro grandes barras de madeira. É certo que minha irmã estava sozinha quando sobreveio a morte. Além disso, não havia sinais de violência no corpo.

— E envenenamento?

— Os médicos examinaram-na nesse sentido, mas não encontraram nada.

— De que pensa, então, que a infeliz jovem morreu?

— Creio que morreu de medo e choque nervoso, embora não possa imaginar o que lhe meteu medo.

— Havia ciganos nos terrenos naquele tempo?

— Sim, há alguns quase sempre.

— Ah! E o que foi que deduziu da alusão a uma faixa malhada?

— Às vezes penso que era a linguagem estranha do delírio; outras, que quisesse referir-se a um bando de pessoas, talvez a esses mesmos ciganos. Não sei se o lenço pintado que eles usam na cabeça poderia ter sugerido o termo que ela usou.

Holmes meneou a cabeça como um homem que está longe de se considerar satisfeito.

— São águas bem fundas — disse ele; — peço que continue a sua narrativa.

— Passaram-se dois anos desde então, e minha vida tornou-se mais solitária do que nunca. Faz um mês, um caro amigo, que conheci há poucos anos, deu-me a honra de me pedir em casamento. Chama-se Armitage, Percy Armitage, segundo filho do sr. Armitage, de Crane Water, perto de Reading. Meu padraсто não se opôs ao casamento, e pretendemos casar-nos na primavera. Há dois dias começaram alguns consertos na ala oeste da casa e furaram a parede do meu quarto, tanto que tive de mudar-me para o quarto onde morreu minha irmã e dormir na mesma cama onde ela dormia. Imagine, então, como tremi de horror quando ontem à noite, estando acordada e lembrando-me do seu triste fim, ouvi repentinamente, no silêncio da noite, o assobio que precedeu a sua morte. Levantei-me, apressada, e acendi a lâmpada, mas não havia nada no quarto; fiquei demasiadamente assustada e, não podendo dormir mais, vesti-me e daí a pouco era dia. Desci silenciosamente, arranjei uma charrete na Taberna da Coroa, que fica em frente, e fui a Leatherhead, de onde vim esta manhã com o único objetivo de falar com o senhor e de lhe pedir o seu conselho.

— Fez muito bem — disse o meu amigo. — Mas contou-me tudo?

— Sim, tudo.

— Srta. Stoner, digo-lhe que não contou, porque está querendo poupar o seu padraсто.

— Como? Que quer dizer com isso?

Por resposta Holmes puxou para trás um debrum de renda preta cobrindo a mão que jazia sobre o joelho da nossa visitante. Cinco pontos azuis, marca de quatro dedos e um polegar, estavam impressos naquele pulso branco.

— Foi tratada brutalmente — disse Holmes.

A jovem corou e cobriu o pulso maltratado.

— É um homem, e talvez nem imagine a sua força.

Houve um longo silêncio, durante o qual Holmes descansou o queixo sobre as mãos e ficou olhando para as chamas.

— Este caso é muitíssimo sério — disse ele. — Há muitas coisas que eu gostaria de saber antes de traçar o nosso plano de ação. Todavia, não temos um momento a perder. Se fôssemos a Stoke Moran hoje, seria possível visitarmos os quartos sem o conhecimento de seu padraсто?

— Ouvi-o falar em vir à cidade hoje para tratar de um negócio importante. É provável que esteja fora o dia inteiro, e não haverá nada para atrapalhar. Temos agora uma empregada, mas é velha e caduca, e eu poderia facilmente pô-la de lado.

— Excelente. Você não se importa se eu lhe pedir para ir comigo, Watson?

— Claro que não.

— Então iremos os dois. O que a senhorita vai fazer agora?

— Há uma ou duas coisas que desejo fazer, visto estar na cidade, mas volto no trem do meio-dia, pronta para recebê-los.

— Pode esperar-nos à mesma hora. Eu também tenho algumas coisas a fazer. Mas a senhorita não quer esperar o café da manhã?

— Não, preciso ir. Meu coração está mais aliviado desde que lhe contei minha aflição. Esperá-los-ei com ansiedade esta tarde.

E a jovem saiu.

— O que pensa disto tudo, Watson? — perguntou Sherlock Holmes, recostando-se na cadeira.

— Parece-me um caso obscuro e sinistro.

— Contudo, se a jovem não mentiu ao dizer que as paredes e o soalho estão intactos e que a porta, as janelas e a chaminé são impenetráveis, então a irmã dela, sem dúvida, estava sozinha quando morreu tão misteriosamente.

— De acordo.

— O que significam então aqueles assobios noturnos e as palavras esquisitas da irmã?

— Não posso imaginar.

— Quando se alia a idéia de assobios noturnos à presença de um bando de ciganos que têm intimidade com o velho doutor, e também ao fato de



que ele tem interesse em frustrar o casamento da enteada, mais ainda, à alusão a uma faixa e, finalmente, ao fato de a srta. Stoner ouvir um baque metálico, que podia ter sido causado por uma barra daquelas que seguram a janela, ao ser recolocada, penso que há um

fundamento para que o mistério seja descoberto nesses fatos.

— Mas que fizeram então os ciganos?

— Não tenho idéia.

— Vejo muitas objeções a tal teoria.

— Eu também, e é por isso que vamos a Stoke Moran hoje. Quero ver se as objeções estão certas ou se podem ser excluídas por algumas explicações. Mas que diabo é isto?

A exclamação foi arrancada ao meu companheiro pela violência com que nossa porta foi aberta. Um homem enorme estava postado à entrada. Sua roupa era uma mistura singular de notário e de agricultor, com cartola preta, casaco comprido, polainas altas e um chicote de caçador na mão. Tão alto era ele que o chapéu tocava na verga da porta e parecia ter a largura desta de um lado ao outro. Rosto grande, muito enrugado, queimado pelo sol, com traços de todas as paixões malévolas; virou-se primeiro para um e depois para o outro de nós. Seus olhos fundos e biliosos, o nariz grande e pontudo, faziam-no assemelhar-se a uma velha e cruel ave de rapina.

— Qual de vocês é Holmes? — perguntou a aparição.

— É esse o meu nome, senhor, mas não sei o seu — disse o meu amigo.

Sou o dr. Grimesby Roylott, de Stoke Moran,

— Deveras, doutor? — disse Holmes suavemente. — Queira sentar-se.

— Não farei tal coisa. Minha enteada esteve aqui. Segui-a. O que foi que ela lhe contou?

— Está um pouco frio para esta época do ano — disse Holmes.

— O que foi que ela lhe disse? — gritou o velho, furioso.

— Todavia, ouvi dizer que as tulipas prometem ser abundantes — continuou o meu amigo imperturbavelmente.

— Ah, você se faz de desentendido, heim? — disse o nosso visitante, dando um passo à frente e sacudindo a cabeça. — Conheço-o, patife! Já ouvi falar de você. Você é Holmes, o mexeriqueiro.

Meu amigo sorriu.

— Holmes, o intrometido!

O sorriso alargou-se.

— Holmes, o "tira" da Scotland Yard!

Holmes riu-se deveras.

— Sua conversa é muito divertida — disse ele. — Quando o senhor sair, tenha a bondade de fechar a porta. Há uma forte corrente de ar com ela assim aberta.

— Vou quando houver dito tudo quanto quero dizer. Não se atreva a se intrometer nos meus assuntos. Sei que a srta. Stoner esteve aqui, segui-a! Sou um homem perigoso para que alguém se ponha contra mim. Veja isto.

Adiantou-se e, pegando o atizador do fogão, dobrou-o com suas grandes mãos queimadas do sol.

— Cuidado para não cair nas minhas garras — rosnou ele, e, atirando o atizador na lareira, saiu da sala.

— Parece ser uma pessoa amistosa — tornou Holmes rindo. — Não tenho um corpo tão grande, mas se ele tivesse continuado, poderia demonstrar-lhe que minhas garras não são menos fracas que as dele.

Enquanto falava, pegou o atizador de aço, e, com um esforço repentino, endireitou-o.

— Imagine ele me confundir com a força oficial dos detetives! Este incidente dá mais sabor às nossas investigações. Todavia, espero que nossa amiguinha não sofra com sua imprudência de deixar este bruto segui-la. E agora, Watson, vamos comer, depois irei à Doctors' Commons, onde espero encontrar alguns dados que nos possam ajudar neste caso.

Eram quase treze horas quando Sherlock Holmes voltou da sua excursão, tendo na mão um papel azul, todo rabiscado com anotações de algarismos.

— Vi o testamento da falecida esposa — disse ele —, e, para determinar o seu sentido exato, fui obrigado a calcular os preços atuais dos investimentos a que está ligado. O rendimento, na ocasião da morte dela, era de pouco menos de mil libras, e está agora, devido à queda de preços, mais ou menos em setecentas e cinqüenta libras. Cada filha pode requerer uma renda de duzentas e cinqüenta libras em caso de casamento. É evidente, portanto, que, se ambas tivessem se casado, o belo homem ficaria com um bocadinho apenas, e, mesmo que fosse uma só, seria bastante prejudicado. Meu trabalho não foi perdido, pois prova que ele tem bom motivo para tentar frustrar qualquer coisa do gênero. E, agora, Watson, o caso é muito sério, e não devemos demorar mais, especialmente em vista de o velho saber que estamos interessados na sua vida; portanto, se está de acordo, vamos chamar um carro e tomar o trem de Waterloo. Agradeço-lhe se colocar seu revólver no bolso. Um Eley's número 2 é um excelente argumento para cavalheiros que conseguem torcer atizadores de aço. Isto e uma escova de dentes será tudo de que precisaremos, creio.

Fomos felizes em Waterloo, pois chegamos em tempo de tomar um trem para Leatherhead, onde alugamos um carro e fomos conduzidos por mais de sete ou oito quilômetros através da paisagem maravilhosa de Surrey. Estava um dia lindo, de sol brilhante e algumas leves nuvens no céu. As árvores e sebes desabrochavam e o ar impregnava-se do perfume vindo da terra úmida. Para mim, pelo menos, parecia haver grande contraste entre a natureza em plena primavera e o sinistro caso que nos havia levado ali. Meu amigo ia na frente, com os braços cruzados e o chapéu puxado

sobre os olhos, o queixo caído sobre o peito, em profunda meditação. De repente, ergueu-se, deu-me uma palmada no ombro e apontou para os prados. — Olhe para além — pediu ele.

Via-se um parque cheio de árvores que cresciam na encosta de uma pequena colina, e a espessura das árvores aumentava até o cume; era uma verdadeira mata fechada. Por entre os ramos das árvores viam-se as pontas triangulares da água-furtada de uma velha mansão.

— Stoke Moran — disse ele.

— Sim, senhor, aquela é a casa do dr. Grimesby Roylott — respondeu o cocheiro.

— Estão fazendo obras ali, e é para lá que nós vamos — disse Holmes.

— A vila é esta — disse o cocheiro, apontando para alguns telhados à esquerda. — Mas para chegar à casa é melhor pular a cancela e seguir o caminho a pé através dos campos. É ali, de onde vem aquela senhora.

— Creio que é a srta. Stoner — observou Holmes. — Sim, vamos fazer o que você sugere.

Descemos, pagamos a viagem, e o carro voltou para Leatherhead.

— Achei melhor — disse Holmes, enquanto pulávamos por cima da cerca — que este homem pensasse que viemos como arquitetos ou para algum negócio definido. Pode ser que assim evite dar com a língua nos dentes.

— Boa tarde, srta. Stoner. Veja que cumprimos a nossa palavra.

Nossa cliente apressara o passo para vir ter conosco.

— Esperava-os ansiosamente — exclamou ela, apertando-nos as mãos. — Tudo corre bem. O dr. Roylott foi para a cidade e creio que não voltará até à tardinha.

— Tivemos o prazer de conhecer o dr. Roylott — disse Holmes, e, em poucas palavras, fez um relato do que acontecera. A srta. Stoner ficou branca até os lábios.

— Céus! — exclamou ela. — Ele me seguiu então?

— Parece que sim.

— É tão astuto que nunca sei quando estou em segurança. Que dirá ele no regresso?

— Ele terá de se acautelar, pois pode descobrir que há alguém tão astuto quanto ele. É preciso que a senhora se feche hoje à noite aonde ele não possa ir. Se se tornar violento, nós a levaremos para casa de sua tia em Harrow, Agora, precisamos aproveitar o tempo, e por isso peço-lhe para nos levar aos quartos que devemos examinar.

O edifício era de pedras cinzentas e, em certos lugares, havia moitas de musgo junto às paredes; na parte central era alto, com duas alas curvas como as garras de um caranguejo. Numa dessas alas, as janelas estavam quebradas e cobertas com tábuas, assim como o teto, que estava também caído, autêntica prova de ruína. A parte central estava reformada, e a ala à direita fora modernizada, com cortinas nas janelas e fumaça que saía das chaminés, demonstrando que era ali que a família residia.

Alguns andaimes se erguiam contra as paredes dos fundos, onde havia uma abertura, mas sem o menor sinal de pedreiros que trabalhassem à hora da nossa visita. Holmes andou de cima para baixo no relvado e examinou com muita atenção as janelas do lado de fora.

— Esta, presumo, pertence ao quarto que a senhora ocupava, o do centro era de sua irmã e o ligado ao edifício principal é o do dr. Roylott.

— Exatamente, mas agora durmo no quarto do meio.

— Por causa das reformas. Mas não vejo assim tanta necessidade de reparação naquele lado da parede.

— Nem havia, e acredito que foi uma desculpa para me obrigar a mudar de quarto.

— Ah, é uma idéia. Do outro lado desta ala está o corredor para o qual dão estes três quartos. Há janelas no corredor, com certeza, não?

— Sim, mas muito pequenas. Estreitas demais para que alguém possa passar por elas.

— Visto que trancavam as portas de seus quartos pelo lado de dentro, não era possível a aproximação por aquele lado. Tenha a bondade de entrar no seu quarto agora e de trancar as janelas.

Assim fez a srta. Stone, e Holmes, depois de examiná-las bem, esforçou-se por abri-las, sem resultado, pois não havia sequer uma fenda por onde se pudesse introduzir a lâmina de um canivete. Pegou a lente de aumento e examinou as dobradiças, mas eram de ferro sólido, embutido na parede.

— Hum! — disse ele coçando o queixo, perplexo. — Minha teoria apresenta algumas dificuldades. Ninguém poderia passar por estas janelas, uma vez trancadas. Bem, vamos ver se o interior nos revela qualquer pista. Uma porta estreita dava entrada a um corredor em ruínas, para onde se abriam os três quartos. Holmes recusou examinar o terceiro quarto, e assim passamos para o segundo, aquele em que a srta. Stoner dormia agora e no qual sua irmã encontrara a morte. Era simples, com teto baixo e lareira larga, conforme o costume nas casas de campo antigas. Uma cômoda acastanhada estava num canto, uma cama coberta com uma colcha branca no outro, e uma mesa de toailete do lado esquerdo da janela. Esses móveis, com mais duas cadeiras, completavam a mobília do quarto, além de um pequeno tapete ao centro.

As vigas e as tábuas que forravam as paredes eram de carvalho castanho, já bichadas e tão velhas que pareciam ser tão antigas quanto o próprio edifício. Holmes puxou uma das cadeiras para o canto e sentou-se, muito quieto, enquanto seus olhos corriam em redor repetidas vezes, para baixo, para cima, examinando todos os pormenores do quarto.

— Com que aposento se comunica aquela campainha? — perguntou ele por fim, apontando para uma corda grossa que estava pendurada ao lado da cama, com a borla em cima do travesseiro.

— Com o quarto da empregada.

— Parece mais nova do que as outras coisas.

— Sim, foi colocada somente há dois anos.

— Foi sua irmã que a pediu?

— Não, nem nunca ouvi dizer que ela a usasse. Nós mesmas íamos buscar aquilo de que precisávamos.

— Deveras, parece desnecessário colocar uma corda tão bonita ali. Desculpe-me um instante, vou examinar o assoalho. — Depois fez o mesmo a todos os painéis de madeira, e finalmente chegou perto da cama, olhando-a bem, assim como à parede que ficava perto. Nisto pegou o cordão da campainha e deu-lhe um puxão. — Oh! É apenas uma imitação — disse ele.

— Não toca?

— Não, nem está ligada ao fio. Isto é deveras interessante. Veja, está ligada a um gancho logo acima da abertura que serve apenas para a ventilação.

— Que absurdo! Nunca reparei nisso antes.



— É muito estranho!—murmurou Holmes, puxando a corda. — Há um ou dois pontos

esquisitos neste quarto. Por exemplo, que louco devia ser o construtor, que fez uma abertura para a ventilação de um quarto para o outro, quando afinal com o mesmo trabalho podia obter uma comunicação com o exterior.

— É também recente — disse a jovem.

— Foi aberta mais ou menos na ocasião da instalação do cordão? — indagou Holmes.

— Sim, houve diversas reformas naquela época.

— E parece que tiveram um propósito muito interessante: cordões inúteis, aberturas que não ventilam. Com a sua permissão, agora vamos fazer nossas pesquisas no quarto central.

O quarto do dr. Grimesby Roylott era maior que o da enteada, mas simples. Uma cama de campanha, uma prateleira cheia de livros, a maioria de ordem técnica, uma poltrona perto da cama, uma cadeira comum de madeira junto à parede, uma mesa redonda e um cofre enorme de ferro eram as principais coisas que se viam. Holmes examinou tudo com o maior interesse.

— O que há aqui dentro? — perguntou ele, dando uma palmada no cofre.

— Os documentos de meu padrasto.

— Ah, então examinou o interior?

— Uma vez, há alguns anos atrás. Lembro-me de que estava cheio de papéis.

— Não haverá um gato no meio deles, por acaso?

— Que idéia estranha!

— Bem, mas olhe para isto!

E pegou um pequeno pires de leite que estava em cima do cofre.

— Não, não temos nenhum gato. Mas há um leopardo e um macaco.

— Oh, sim, claro. Bem, o leopardo é como um gato grande, mas um pires de leite não é bastante para satisfazê-lo, penso eu. Há um ponto que desejo esclarecer.

Nisto, curvou-se diante da cadeira de madeira e examinou o assento com a maior atenção.

— Muito obrigado. Está bem — disse ele, levantando-se e colocando a lente no bolso.

— Ah! Aqui há uma coisa interessante.

O objeto que olhava era um pequeno chicote usado por quem tem cães, pendurado a um canto da cama. Estava enrolado e amarrado com uma presilha.

— Que pensa disto, Watson?

— É bastante comum, mas não posso perceber por que está enrolado.

— Isso é que não é comum, heim? Hum! Há tanta malvadeza no mundo, e quando um homem inteligente volta o cérebro para o crime, torna-se mil vezes pior do que é realmente. Penso que já vimos bastante, srta. Stoner, e, se nos dá licença, iremos para o relvado.

Nunca vi o rosto do meu amigo tão carregado como quando deixou o cenário de suas investigações. Ficou muito tempo em silêncio, e nem eu nem a srta. Stoner quisemos perturbar seus pensamentos antes que ele próprio terminasse seus devaneios.

— É essencial, srta. Stoner — volveu ele —, que siga meticulosamente minhas instruções.

— Certamente que o farei.

— O assunto é demasiado importante para haver hesitações. Sua vida depende de sua obediência.

— Estou em suas mãos.

— Em primeiro lugar, eu e meu amigo devemos passar a noite no seu quarto. Ela e eu olhamo-nos estupefatos.

— Sim, é preciso que assim seja. Deixem-me explicar-lhes. Creio que aquilo lá é a hospedaria da vila.

— Sim, chama-se A Coroa.

— Muito bem, sua janela será vista de lá?

— Certamente que sim.

— É preciso que a senhorita permaneça no quarto pretextando uma forte dor de cabeça, à hora em que seu padrasto voltar. Depois que ele for para o quarto dele, a senhorita deve abrir a janela, pôr o candeeiro lá como sinal para nós, depois retirar-se para o quarto que ocupava antes; apesar das obras, com certeza poderá acomodar-se lá por uma noite.

— Oh, sim, facilmente.

— Quanto ao resto, deixe nas nossas mãos.

— Mas o que farão?

— Passaremos a noite no seu quarto e investigaremos a causa do barulho que a tem incomodado.

— Creio, sr. Holmes, que o senhor já chegou a alguma conclusão — disse a srta. Stoner, pondo sua mão sobre o braço do meu companheiro.

— Talvez.

— Então, por caridade, diga-me o que foi que matou minha irmã.

— Preferia ter melhores provas antes de falar.

— O senhor pode me dizer, pelo menos, se a morte foi causada por algum susto medonho e repentino.

— Penso que não. Acho que houve uma causa mais concreta. E agora, srta. Stoner, precisamos ir, porque se o dr. Roylott voltasse e nos visse aqui, nossa viagem seria em vão. Adeus, seja corajosa, e, se fizer o que lhe disse, pode ficar descansada, depressa afastaremos os perigos que a ameaçam.



Sherlock Holmes e eu não tivemos dificuldade em alugar um quarto e uma sala na hospedaria. Ficavam no andar superior, e da nossa janela podíamos ver o portão da alameda que levava à ala habitada da mansão Stoke Moran. Ao escurecer, vimos o dr. Roylott passar de carro, com o corpo enorme ao lado do rapaz que o acompanhava e que demorou a abrir os pesados portões. Ouvimos o rosar rouco da sua voz e vimos a fúria com que fechou os punhos e os mostrou ao rapaz. O carro continuou, e, uns minutos depois, vimos surgir uma luz entre as árvores, quando foi acesa a lâmpada numa das salas.

— Sabe, Watson? — disse Holmes quando estávamos sentados juntos na semi-obscuridade. — Estou indeciso se devo levá-lo hoje à noite ou não. Há indícios positivos de grande perigo.

— Posso ajudá-lo?

— Sua presença pode ser de alto valor.

— Então certamente irei.

— É muita bondade da sua parte.

— Você fala em perigo. É evidente que viu naqueles quartos mais do que eu pude ver...

Não, mas talvez tenha deduzido mais. Creio que você viu o mesmo que eu.

— Não vi nada de estranho, a não ser o cordão da campainha; para que serve aquilo? Não posso imaginar.

— Viu também a abertura?

— Sim, mas não penso que seja assim tão raro haver uma pequena abertura entre dois quartos, tão pequena que mal daria passagem a um rato.

— Eu tinha a certeza de que encontraríamos uma abertura de ventilação antes de irmos para Stoke Moran.

— Caro Holmes...

— Oh, sim. Lembra-se de ela ter dito que a irmã sentia o cheiro dos charutos do dr. Roylott? Isso por si só sugere que havia uma comunicação entre os dois quartos. Só podia ser uma abertura pequena, senão as autoridades policiais teriam dado com ela, e por isso deduzi que devia servir para ventilação.

— Mas que mal poderá haver nisso?

— Bem, há pelo menos uma coincidência de datas. Fez-se uma abertura, pendurou-se uma corda comprida, e uma moça dorme na cama e morre. Não lhe parece estranho?

— Por ora não vejo relação nenhuma.

— Não viu nada de estranho naquela cama?

— Não.

— Pois estava fixada ao chão. Já viu alguma cama fixada ao chão?

— Nunca.

— A jovem não podia arrastar a cama, devia ficar sempre na mesma posição em relação à abertura e à corda.

— Holmes — exclamei —, estou percebendo o que você quer dizer. Estamos no momento exato de evitar um sutil e horrível crime.

— Muito sutil e bastante horrível. Quando um médico se desvia do bem, torna-se o pior dos criminosos. Tem nervos e conhecimentos. Esse homem ultrapassa Palmer e Pritchard, mas creio, Watson, que conseguiremos mais ainda. Teremos de passar por muitos horrores antes que a noite finde. Vamos apaziguar nossos nervos fumando um pouco, e, durante alguns instantes, pensar em coisas mais agradáveis.

Cerca das vinte e uma horas, a luz entre as árvores extinguiu-se e tudo ficou escuro na mansão. Passaram-se duas horas vagarosamente, e, então, repentinamente, justamente quando o relógio da igreja batia vinte e três horas, brilhou a luz bem à nossa frente.

— Aquele é o nosso sinal — disse Holmes, pulando —, está na janela do meio.

Quando saímos, Holmes trocou algumas palavras com o hoteleiro, dizendo que íamos fazer uma visita, embora tarde, a um velho conhecido e talvez passássemos a noite lá. Um momento depois estávamos nas ruas escuras, com um vento frio que soprava em nosso rosto e uma luz amarela que piscava à nossa frente através das sombras para nos guiar na nossa sombria missão. Houve pouca dificuldade em entrar na herdade, porque havia muitos vãos no velho paredão do parque. Adiantando-nos debaixo das árvores, alcançamos o relvado, atravessamo-lo, e íamos entrar pela janela, quando, de dentro de uns arbustos de louro, pulou uma coisa que parecia uma criança aleijada e que se lançou sobre a relva com o corpo todo retorcido e depois desapareceu rapidamente na escuridão.

— Meu Deus! — cochichei. — Você viu?

Holmes estava tão surpreso quanto eu. Sua mão fechou-se sobre meu pulso como um torniquete, devido à agitação. Então riu baixinho, e aproximou a boca do meu ouvido.

— É uma família bonita — murmurou ele —, aquilo é o bugio.

Tinha me esquecido dos bichos de estimação do doutor. Havia um leopardo também, talvez o sentíssemos nos ombros a qualquer momento. Confesso que me

senti aliviado quando, seguindo o exemplo de Holmes ao tirar os sapatos, me vi dentro do quarto.

Sem fazer qualquer ruído, meu companheiro fechou as janelas, colocou o candeeiro em cima da mesa e olhou ao redor do quarto. Tudo estava como havíamos visto durante o dia. Então, chegando-se junto a mim e dobrando a mão em forma de concha, Holmes cochichou ao meu ouvido tão baixo que mal pude distinguir as palavras:

- O menor barulho pode ser fatal aos nossos planos.
Acenei com a cabeça para mostrar que havia entendido.
- Temos de ficar no escuro. Ele veria a luz pela abertura.
Acenei de novo.
- Não durma. Talvez sua própria vida dependa disso.

Tenha o revólver à mão. Talvez precise dele. Ficarei sentado na beira da cama, e você, naquela cadeira. Tirei o revólver do bolso e coloquei-o em cima da mesa. Holmes tirou uma bengala curta e flexível e colocou-a em cima da cama a seu lado, e, junto dela, uma caixa de fósforos e um toco de vela. Depois apagou a vela e ficamos no escuro.

Nunca me esquecerei daquela noite de vigília. Não se ouvia som nenhum, nem mesmo o da nossa respiração; contudo, eu sabia que meu companheiro estava sentado ali, de olhos abertos, na mesma tensão nervosa que eu. As janelas de madeira não deixavam passar o menor raio de luz, e esperamos numa escuridão total. Lá de fora vinha o grito ocasional de uma ave noturna, e em certo momento, na nossa própria janela, ouvimos um gemido como o miar de gatos, o que nos deu a certeza de que o leopardo andava à solta.

À distância ouvíamos as badaladas profundas do relógio da igreja, que marcavam cada quarto de hora que passava. E quão compridos pareciam aqueles quartos de hora! Meia-noite, uma hora, duas e três, e continuávamos em silêncio, esperando o que ocorresse.

De repente, surgiu uma luz na direção da abertura, que se extinguiu quase imediatamente mas foi sucedida por um forte cheiro de óleo queimado e de metal quente. Alguém no quarto próximo havia acendido uma lamparina. Ouvei um movimento leve, e depois seguiu-se de novo o silêncio, mas o cheiro continuou e aumentou. Durante meia hora forcei a vista. De repente ouviu-se outro som suave como o de vapor saindo de uma chaleira. No mesmo instante em que ouvimos esse som, Holmes pulou da cama, acendeu um fósforo e bateu furiosamente com a bengala na corda da campainha.

- Você o viu, Watson? — gritou ele. — Você o viu?

Mas eu não tinha visto. No momento em que Holmes riscou o fósforo, ouvi um assobio baixo, mas distinto, porém o brilho repentino nos meus olhos cansados impossibilitou-me de discernir o objeto ao qual meu amigo se atirara e que açoitara com tanta fúria.



Todavia, pude ver que seu rosto estava pálido como a morte e revelava horror e repugnância. Parou de bater e estava olhando para a abertura quando de repente, quebrando o silêncio da noite, veio o grito mais horroroso que jamais ouvi, que cresceu até se tornar um bramido de dor, de medo e ira, tudo misturado num tremendo uivo estridente. Dizem que na vila, e até na casa paroquial, aquele grito acordou e fez levantar os que dormiam. Nossos corações gelaram, e fiquei olhando para Holmes, e ele para mim, até os últimos ecos cessarem a pouco e pouco.

— Que pode ser isso? — perguntei, ofegante.

— Quer dizer que tudo acabou — respondeu Holmes.

— E, finalmente, talvez para melhor. Pegue seu revólver e vamos entrar no quarto do dr. Roylott.

Com a fisionomia grave, acendeu o candeeiro e saiu para o corredor. Bateu na porta duas vezes, sem receber resposta. Depois virou a maçaneta e entrou; eu vinha logo atrás, com o revólver automático.

Foi uma cena singular a que vimos. Em cima da mesa, havia uma lamparina com um dos lados meio aberto, lançando um raio de luz sobre o cofre de ferro, cuja porta estava aberta. Ao lado da mesa, sentado, encontrava-se Grimesby Roylott, vestido com o roupão, os pés metidos em chinelos turcos. No colo, atravessando-lhe as pernas, estava o açoite em que havíamos reparado durante o dia. Seu queixo estava caído, os olhos fixos, num olhar rígido, hediondo, dirigidos a um canto do teto. Ao redor da testa tinha uma faixa amarela esquisita, com pintas castanhas, que parecia estar amarrada com força ao redor da sua cabeça.

— A faixa! A faixa malhada! — cochichou Holmes.

Dei um passo à frente. Nesse instante, o ornamento da cabeça começou a mover-se, e, de dentro do cabelo, levantou-se a cabeça chata, de forma triangular, e o pescoço inchado de uma serpente nojenta.

— É uma cobra do brejo! — disse Holmes. — A cobra mais venenosa da Índia. Ele morreu em menos de um minuto depois de ser mordido; a violência, na verdade, recai sempre sobre os violentos; e o assassino cai sempre na cova que preparou para outro. Vamos obrigar esta criatura a voltar para o seu lugar, e então poderemos levar a srta. Stoner para algum abrigo seguro e contar à polícia o que aconteceu.

Enquanto falava, retirou o chicote do colo do morto e, deitando o laço ao redor do pescoço do réptil, arrancou-o do seu poleiro macabro e, levando-o de braço estendido, atirou-o para dentro do cofre, cuja porta fechou cuidadosamente.

Esses são os fatos verdadeiros a respeito da morte do dr. Grimesby Roylott, de Stoke Moran. Não é necessário que se prolongue a narrativa, que já se estendeu demais, para dizer como contamos a triste notícia à jovem aterrorizada, e como a levamos de trem pela manhã e a deixamos em Harrow. Também não contarei o progresso vagaroso das investigações oficiais, que enfim decidiram que o doutor fora morto quando brincava descuidadamente com um bicho perigoso. O pouco que ainda me faltava saber do caso foi-me relatado no nosso regresso no dia seguinte.

— Eu havia chegado a uma conclusão completamente errônea, que demonstra, meu caro Watson, como é perigoso raciocinar com dados insuficientes. A presença dos ciganos, bem como a palavra "faixa", que a pobre jovem usou, sem dúvida para explicar a visão horrível que teve à luz do fósforo, bastaram para me despistar.

"Meu único mérito foi reconhecer o meu erro, quando percebi a evidência de que qualquer perigo que tivesse ameaçado a dona do quarto não poderia ter vindo da janela nem da porta. Chamaram a minha atenção a tal abertura e a corda da campainha tão perto da cama. Achei também esquisito que a cama fosse fixa e a campainha, somente um disfarce, cuja corda vinha diretamente da abertura para a cama; tudo isso me deu a ideia de que era para a descida de qualquer coisa de um ponto ao outro, e pensei logo numa cobra, ainda mais sabendo que o doutor possuía vários animais da Índia. Assim, pensei que estava na pista certa. A ideia de uma forma de envenenamento que não pudesse ser descoberta por testes químicos era justamente o que serviria para um homem astuto e cruel, que aprendera essas coisas

no Oriente. A rapidez com que tal veneno faria efeito era considerada por ele uma vantagem. O médico-legista teria de ser muito perspicaz para dar com os dois pontinhos escuros onde os dentes da cobra haviam picado, introduzindo o veneno. Depois lembrei-me do assobio. Era preciso recolher a cobra antes que chegasse a luz do dia, para que a vítima não a visse. Ele tinha treinado a cobra, talvez com o uso do leite que vimos. Introduzia-a pela abertura, tendo a certeza de que ela desceria pela corda e chegaria à cama, podendo ou não morder a ocupante. Talvez ela escapasse todas as noites, durante uma semana inteira, porém, mais cedo ou mais tarde, seria vitimada. Já havia formulado essas ideias antes de entrarmos no quarto do doutor. Quando o inspecionei, vi que ele tinha o hábito de subir na cadeira, o que era necessário para poder alcançar a abertura.

"Quando vi o cofre e o pires de leite, o laço feito com a corda do chicote, tudo isso fez desaparecer qualquer sombra de dúvida. O som de metal que a srta. Stoner ouviu foi, com certeza, causado pelo bater da porta do cofre sobre sua terrível ocupante. Uma vez convencido de que estava na pista certa, você deve estar lembrado dos passos que dei para pôr à prova as ideias. Ouvei o bicho assobiar, suponho que você também ouviu, e imediatamente acendi a luz e o ataquei."

— Com o fito de impeli-lo a voltar pela abertura.

— E também com o intuito de fazê-lo revoltar-se contra o próprio dono do outro lado. Algumas das pancadas acertaram nele e despertaram-lhe a fúria, e por isso se lançou sobre a primeira pessoa que viu. Assim, sou indiretamente responsável pela morte do dr. Grimesby Roylott, mas não posso dizer que isso me pese muito na consciência.

A Caixa de Papelão

Título original: The Carboard Box

Publicado em The Strand Magazine, Londres, 1893



Ao escolher alguns casos típicos, que demonstrassem bem os extraordinários dotes mentais de meu amigo Sherlock Holmes, esforcei-me, tanto quanto possível, por selecionar os que, apesar de oferecerem vasto campo para aplicação de suas qualidades, apresentassem o mínimo de sensacionalismo. Infelizmente, porém, não há possibilidade de separar inteiramente o elemento sensacional do criminal, e o cronista fica a braços com o dilema de sacrificar pormenores essenciais à narrativa, e dar assim uma falsa impressão do problema, ou usar o material oferecido pelo acaso e não pela escolha. Com este breve preâmbulo, volto às minhas anotações sobre o caso que se revelou uma sucessão de acontecimentos estranhos, embora apavorantes.

Era um dia sufocante de agosto. A Baker Street parecia um forno, e o reflexo do sol sobre os azulejos amarelos da fachada da casa fronteira tornava-se intolerável aos olhos. Custava crer que fossem aquelas as mesmas paredes sombrias que mal se distinguiam através da névoa espessa do inverno. Tínhamos até baixado as cortinas das janelas, e Holmes estava recostado no sofá, lendo e relendo uma carta que recebera pelo correio da manhã. Quanto a mim, o tempo de serviço na Índia habilitara-me a suportar melhor o calor que o frio, e, assim, o termômetro a trinta e cinco graus não me incomodava. Mas o jornal matutino nada continha de interesse. O Parlamento suspendera os seus trabalhos, grande parte da população abandonara a cidade e eu ansiava pelas clareiras verdejantes de New Forest ou pelas praias recobertas de seixos de Southsea. A situação precária de minha conta bancária, contudo, havia me obrigado a adiar as férias, e, no tocante a meu companheiro, nem o campo nem o mar exerciam sobre ele a menor atração. Deliciava-se em permanecer no meio de cinco milhões de pessoas, qual aranha a desenvolver em torno de si os fios da teia, sempre alerta ao menor rumor ou suspeita de um crime inextricável. A apreciação da natureza não encontrava lugar entre seus inumeráveis predicados, e a única mudança que ele podia suportar era desviar seu espírito do malfeitor da cidade para perseguir o colega deste na província.

Percebendo que Holmes estava demasiado absorto para conversar, pus de lado o jornal inútil e recostei-me na cadeira, concentrado em melancólica divagação. De súbito, a voz de meu amigo interrompeu-me o curso dos pensamentos.

— Você tem razão, Watson — disse. — É de fato absurda essa maneira de resolver contendas.

— Incrivelmente absurda! — exclamei. No mesmo instante, porém, compreendendo que ele fizera eco ao que eu estava pensando naquele momento, endireitei-me na Cadeira e fitei-o, atônito.

— Como é possível, Holmes? — gritei. — Isso ultrapassa tudo quanto eu poderia imaginar.

Ele riu gostosamente de minha perplexidade.

— Deve lembrar-se — disse ele — de que quando há pouco tempo li para você um trecho de um conto de Poe, no qual certa personagem acompanha pelo raciocínio os pensamentos íntimos do companheiro, você se mostrou inclinado a considerar o assunto simplesmente um tour de force do autor. Como se afirmasse que estava habituado a fazer a mesma coisa, mostrou-se incrédulo.

— Oh! Não é verdade!

— Talvez não tenha dito nada, meu caro Watson, mas o movimento de suas sobrancelhas deu-o a entender. Assim, quando o vi abandonar o jornal e pôr-se a pensar, aproveitei o ensejo para seguir o curso de sua meditação e, eventualmente, interrompê-lo com uma oportuna observação, a fim de lhe provar que o havia feito. — Todavia, eu estava longe de me dar por satisfeito.

— No exemplo que você leu — disse eu —, o raciocinador tira suas conclusões dos atos praticados pelo homem que ele observa. Se não me engano, este tropeçou num monte de pedras, olhou para as estrelas, e assim por diante. Eu, porém, deixei-me ficar tranqüilamente em minha cadeira. Portanto, que indicação poderia ter-lhe proporcionado?

— Você não é justo para com você mesmo. As feições foram dadas ao homem como meio de exprimir suas próprias emoções, fato que em si pode muito bem ser absurdo.

— Quer dizer que você seguiu o curso de meus pensamentos pela expressão de meu rosto?

— Do rosto e especialmente dos olhos. Talvez se recorde de como teve início seu devaneio, não é verdade?

— Na verdade, não me lembro.

— Então, vou dizer-lhe. Depois de ter atirado o jornal para o chão, gesto esse que me atraiu a atenção para sua pessoa, deixou-se ficar durante meio minuto com o rosto inexpressivo. Em seguida, seus olhos fixaram-se no retrato, recentemente emoldurado, do general Gordon, e percebi, pela mudança de sua fisionomia, que este lhe provocara uma série de reflexões. Estas, porém, não o levaram muito longe. Seu olhar voltou-se subitamente para o retrato ainda sem moldura de Henri Ward Beecher, que se encontra em cima de seus livros. Depois disso, você olhou para a parede e adivinhei-lhe claramente o pensamento. Você considerou que, se o retrato estivesse emoldurado, caberia exatamente naquele espaço vago e ficaria simétrico com o de Gordon, do outro lado.

— Você acompanhou-me maravilhosamente! — exclamei.

— Até aí, dificilmente poderia enganar-me. Mas, nesse momento, você voltou a pensar em Beecher, e seu olhar tornou-se fixo, como se estivesse estudando através das feições o caráter do homem. Depois, seus olhos perderam a firmeza; no entanto, você continuou a mirar o retrato com ar pensativo, evocando os incidentes da carreira de Beecher. Tinha certeza de que não poderia fazer isso sem se lembrar da missão por ele empreendida a favor do norte, durante a guerra civil, pois recordo-me de tê-lo ouvido dar largas à sua indignação pela maneira como foi recebido pelos mais exaltados de nossos compatriotas. Seu ressentimento era tão forte a esse respeito, que compreendi não lhe ser possível pensar em Beecher sem se recordar disso. Quando, um instante depois, vi seu olhar desviar-se do retrato, suspeitei que seu pensamento se voltara para a guerra civil, e, ao observar-lhe os lábios cerrados, os olhos cintilantes e os punhos crispados, fiquei absolutamente certo de que estava se recordando da admirável bravura demonstrada por ambas as partes naquela luta desesperada. Todavia, seu rosto novamente se carregou, e você sacudiu a cabeça. Refletia sobre a tristeza e o horror daquele conflito, e o inútil desperdício de vidas. Sua mão pousou quase inadvertidamente sobre o ferimento na perna, e um sorriso lhe pairou nos lábios, o que me veio demonstrar que notara o ridículo desse modo de resolver questões internacionais. Foi então que concordei com você, afirmando-lhe que era absurda essa situação, e fiquei satisfeito por ver que todas as minhas deduções eram exatas.

— Exatíssimas! — confirmei. — E agora, depois de me ter explicado tudo, confesso que estou tão perplexo como antes.

— Asseguro-lhe que foi uma experiência muito superficial, caro Watson. E nem lhe teria chamado a atenção para isso, se não fosse a incredulidade demonstrada por você outro dia. Entretanto, tenho aqui entre as mãos um pequeno problema que talvez se mostre de solução bem mais difícil do que meu modesto ensaio de leitura de pensamento. Leu por acaso no jornal um breve parágrafo relativo ao estranho conteúdo de certo pacote enviado pelo correio à srta. Cushing, residente à Cross Street, em Croydon?

— Não, não li nada.

— Ah! Deve ter-lhe escapado, então. Passe-me o jornal. Cá está ele, sob a coluna financeira. Quer fazer o favor de lê-lo em voz alta?

Tomei o jornal que ele me devolvera e li o parágrafo indicado. Trazia o título "Um pacote macabro" e rezava o seguinte:

— "A srta. Susan Cushing, residente à Cross Street, Croydon, foi vítima do que se pode considerar uma brincadeira de mau gosto particularmente revoltante, a não ser que se prove que o incidente tenha significado mais trágico. Às duas horas da tarde de ontem, foi-lhe entregue pelo carteiro um pacote envolto em papel pardo. Dentro encontrava-se uma caixa de papelão cheia de sal grosso. Ao esvaziá-la, a srta. Cushing deparou, horrorizada, com duas orelhas humanas, aparentemente recém-cortadas. A caixa fora despachada de Belfast, como encomenda, na manhã anterior. Não há a menor indicação quanto à identidade do remetente, e o caso torna-se ainda mais misterioso ao considerar-se que a destinatária é solteira, tem cinquenta anos de idade, sempre levou uma vida muito isolada e possui tão poucos conhecidos ou correspondentes que, para ela, é acontecimento raro receber qualquer coisa pelo correio. Todavia, há alguns anos, quando morava em Penge, alugou quartos a três jovens estudantes de medicina, dos quais foi obrigada posteriormente a desfazer-se devido aos hábitos irregulares e turbulentos deles. A polícia é de opinião que se trata de obra desses estudantes, que, por vingança, enviaram à srta. Cushing, com o intuito de aterrorizá-la, esses sobejos da sala de anatomia.

Essa hipótese apresenta certas probabilidades pelo fato de um dos estudantes ser oriundo do norte da Irlanda e mesmo, como a srta. Cushing crê poder afirmar, de Belfast. Entretanto, o caso está sendo ativamente investigado, sob a direção do sr. Lestrade, um de nossos mais hábeis agentes policiais."

— Isto é o que diz o Daily Chronicle — disse Holmes, quando terminei a leitura. — Vejamos agora nosso amigo Lestrade. Recebi um bilhete dele hoje de manhã, com os seguintes dizeres:

"Suponho que este caso seja muito a seu gosto. Temos grandes esperanças de esclarecê-lo. No entanto, encontramos certa dificuldade em obter uma pista concreta. Já telegrafamos, naturalmente, para a agência do correio de Belfast, mas, como naquele dia foi entregue ali grande número de pacotes, não foi possível identificar o que nos interessa, nem a pessoa do remetente. A referida caixa é de tabaco para cachimbo, de meia libra, e não nos fornece nenhuma indicação. Segundo me parece, a hipótese relativa ao estudante de medicina é a mais viável, mas, se o senhor pudesse dispor de algumas horas, teria muito prazer em vê-lo por aqui. Encontrar-me-á, a qualquer hora do dia, em casa da srta. Cushing ou no posto policial."

"Que me diz disso, Watson? Sente-se com coragem para enfrentar o calor e me acompanhar até Croydon, com a vaga esperança de mais um caso para seus anais?"

— Estava ansioso por fazer alguma coisa.

— Aí tem, pois, a oportunidade. Chame o criado e peça-lhe que nos arranje um carro. Estarei pronto num instante; apenas o tempo de mudar de roupa e encher a charuteira.

Caiu uma chuva forte durante a viagem de trem, e encontramos em Croydon um calor muito menos opressivo do que na cidade. Holmes fizera-se preceder de um telegrama, de modo que Lestrade, nervoso, vivaz e furão como sempre, aguardava nossa chegada na estação. Uma caminhada de cinco minutos conduziu-nos à Cross Street, onde residia a srta. Cushing.

Era uma rua muito comprida, formada por fileiras de casas de tijolos, sóbrias e bem-conservadas, com degraus de pedra branca e pequenos grupos de mulheres tagarelando no limiar das portas. A meio caminho, Lestrade parou e bateu a certa porta, que foi aberta por uma criadinha. Fomos introduzidos na sala da frente, onde se encontrava a srta. Cushing, mulher de fisionomia plácida, olhos grandes e meigos e cabelos grisalhos, que caíam em bandós sobre as têmporas. Via-se em seu regaço uma coberta de poltrona, já quase toda bordada, e, sobre um tamborete próximo, um cesto com novelos de fios de seda de diversas cores.

— Aquelas coisas horrendas estão lá fora, no quarto de despejo — disse, ao ver Lestrade entrar. — Ficar-lhe-ia grata se as levasse daqui definitivamente.

— É o que vou fazer, srta. Cushing. Conservei-as aqui até que este meu amigo, o sr. Holmes, as visse em sua presença.

— Por que em minha presença?

— Para o caso de ele desejar fazer-lhe alguma pergunta.

— Que adianta fazer-me perguntas quando já lhe afirmei não saber nada a esse respeito?

— Perfeitamente, minha senhora — interpôs Sherlock Holmes com seu tom conciliador. — Estou certo de que já foi muito importunada por causa desse desagradável assunto.

— Já o fui, deveras. Sou amiga do sossego e levo vida retirada. É absoluta novidade para mim ter o nome nos jornais e a polícia em minha casa. Não quero ver aquelas coisas aqui, sr. Lestrade; se deseja examiná-las, deve fazê-lo no quarto de despejo, lá fora.

Era um acanhado quartinho, no estreito quintal dos fundos da casa. Lestrade entrou e trouxe de lá uma caixa amarela de papelão, embrulhada com um pedaço de papel pardo e um barbante. Havia um banco, num canto do quintal, em que todos nos sentamos, enquanto Holmes observava, um por um, os objetos que Lestrade lhe entregara.

— Este barbante é extremamente interessante — ponderou, levantando-o contra a luz e cheirando-o. — Que me diz disso, Lestrade?

— Foi besuntado com alcatrão.

— Precisamente. Trata-se de barbante alcatroado. Terá notado, sem dúvida, que a srta. Cushing o cortou com uma tesoura, como se depreende das duas pontas desfiadas. Isso é importante.

— Não vejo qual a importância de tal fato — retorquiu Lestrade.

— A importância está no fato de o nó não ter sido tocado. Ora, este nó é característico.

— Foi feito com muita precisão. Já o notara também — acrescentou Lestrade com ar complacente.



— Isso no que diz respeito ao barbante — continuou Holmes, sorrindo. — Vejamos, agora, o invólucro da caixa. Papel pardo com forte cheiro de café. Como? Não o havia notado? Creio não existir dúvidas. Endereço escrito em letra de forma e em caracteres muito irregulares: "Srta. S. Cushing, Cross Street, Croydon". Escrito com pena de ponta grossa e tinta de qualidade muito ordinária. A palavra Croydon foi a princípio ortografada com i, depois transformado em y. O pacote, portanto, foi enviado por um homem — a letra é visivelmente masculina — de limitada cultura e que não conhece a cidade de Croydon. Até aqui, muito bem! A caixa é de tabaco para cachimbo, de meia libra, amarela, sem nada de especial exceto duas marcas de polegar no ângulo inferior esquerdo. Está cheia de sal grosso, da qualidade usada para conservar peles e outros produtos comerciais de tipo inferior. E no meio dele é que se encontram estas singularíssimas remessas.

Enquanto falava, retirou as duas orelhas da caixa e, colocando-as sobre uma tábua, em cima dos joelhos, pôs-se a examiná-las atentamente, ao passo que eu e Lestrade, curvados a seu lado, olhávamos alternadamente para aqueles despojos horrorosos e para o rosto atento e sagaz de nosso companheiro. Finalmente, repôs as orelhas macabras na caixa e deixou-se ficar algum tempo imerso em profunda meditação.

— Com certeza, já deve ter observado — disse ele por fim — que estas duas orelhas não pertencem a um mesmo indivíduo.

— Sim, já o notara; mas, se isso é brincadeira de mau gosto da parte de alguns estudantes, a estes seria tão fácil subtrair da sala de anatomia duas orelhas diferentes como um par.

— Perfeitamente; mas não se trata aqui de travessura de estudantes.

— Tem certeza disso?

— As aparências são absolutamente contrárias a tal hipótese. Os cadáveres usados para dissecação normalmente são injetados com um líquido próprio para conservá-los. Ora, estas orelhas não apresentam sinais desse líquido e, além do mais, são frescas. Foram cortadas com instrumento cortante mal-afiado, o que dificilmente aconteceria se fosse obra de um estudante de medicina. Por outro lado, não ocorreria por certo a esse estudante escolher sal grosso como elemento preservativo, mas sim o formol ou o álcool retificado. Repito que não existe aqui nenhuma brincadeira de mau gosto, mas que nos encontramos em face de gravíssimo delito.

Senti um ligeiro arrepio percorrer-me a espinha ao ouvir as palavras de meu amigo e ao ver a gravidade de sua expressão. Aquele prelúdio brutal parecia vaticinar estranha e inexplicável tragédia. Lestrade, porém, abanou a cabeça como quem tivesse ainda suas dúvidas.

— Certamente, podem ser levantadas objeções à hipótese de uma travessura — disse. — Todavia, há razões muito mais fortes contra sua teoria. Sabemos que esta mulher levou vida tranqüila e respeitável durante os últimos vinte anos, tanto em Penge como aqui. Durante esse tempo, quase não se afastou de casa. Por que diabos um criminoso iria enviar-lhe as provas de sua culpabilidade, tanto mais que, salvo tratar-se de atriz consumada, ela parece entender tanto do assunto como nós mesmos?

— É esse o problema que nos cumpre resolver — replicou Holmes —, e por minha parte iniciarei as pesquisas na suposição de ser correto o meu raciocínio e de ter sido cometido um duplo assassinato. Uma dessas orelhas é de mulher: pequena, de contornos delicados e com um orifíciozinho para brincos. A outra é de homem, queimada de sol, descorada e também furada para brincos. Ambas as pessoas devem estar mortas; caso contrário, já teríamos sabido alguma coisa. Hoje é sexta-feira. O

pacote foi posto no correio quinta-feira cedo; a tragédia, portanto, ocorreu quarta ou terça-feira, ou talvez antes. Ora, se estas duas pessoas foram assassinadas, quem, senão o assassino, teria enviado à srta. Cushing a prova do delito? Podemos, pois, considerar o remetente do pacote como o homem que nos interessa. Contudo, alguma razão poderosa deveria tê-lo feito mandar esta caixa à srta. Cushing. Qual seria? Teria agido dessa maneira a fim de mostrar-lhe ter sido o crime cometido, ou talvez para impressioná-la e afligi-la? Nesse caso, ela sabe de quem se trata. Saberá realmente? Duvido. Se soubesse, por que haveria de chamar a polícia? Poderia ter enterrado as orelhas, e ninguém ficaria sabendo de nada. É o que teria feito se quisesse proteger o criminoso. No entanto, se não tivesse a intenção de protegê-lo, teria dado o nome dele. Há aqui uma confusão que precisa ser esclarecida.

Holmes falara rapidamente, em voz alta, olhando absorto por sobre a cerca do jardim. De súbito, pôs-se de pé e encaminhou-se para a casa.

— Preciso fazer algumas perguntas à srta. Cushing — explicou.

— Nesse caso, vou deixá-lo aqui — respondeu Lestrade —, pois tenho que tratar de outro assunto de menor importância. Creio já ter obtido da srta. Cushing todas as informações que me poderiam interessar. Encontrar-me-á no posto policial.

— Passaremos por lá quando formos para a estação — respondeu Holmes.

Momentos após, eu e ele encontrávamo-nos de novo na sala da frente, onde a impassível senhora continuava trabalhando tranqüilamente em seu bordado. Ao entrarmos, depô-lo no regaço e fitou-nos com os olhos azuis, francos e inquiridores.

— Estou convencida — disse-nos — de que toda essa história não passa de um engano, e que o pacote não me era destinado. Já o disse várias vezes àquele senhor da Scotland Yard, o qual, todavia, se limitou a rir de mim. Que eu saiba, não tenho um único inimigo no mundo. Por que iria alguém fazer tal brincadeira comigo?

— Estou propenso a concordar com a sua opinião, srta. Cushing — replicou Holmes, sentando-se ao seu lado. — Creio ser mais que provável...

Parou de falar e, olhando-o, fiquei admirado ao notar o singular interesse com que fitava o perfil da srta. Cushing. Nesse instante foi-me possível ler em seu rosto expressivo surpresa e contentamento, embora, quando ela se voltou para averiguar a causa de sua interrupção, ele já houvesse recuperado a impassibilidade habitual. Pus-me a estudar, por minha vez, seus cabelos lisos e grisalhos, a graciosa touca, os pequenos brincos dourados e suas feições serenas; nada, porém, encontrei que justificasse a evidente emoção de meu amigo.

— Há uma ou duas perguntas...

— Oh! Já estou farta de perguntas — exclamou a srta. Cushing com impaciência.

— A senhorita tem duas irmãs, creio.

— Como pode saber isso?

— Logo que entrei nesta sala, vi sobre a prateleira da lareira o retrato de três moças, uma das quais é indiscutivelmente a senhorita, enquanto as outras se lhe assemelham de modo a não deixar dúvidas acerca do parentesco que as une.

— De fato, tem razão. São minhas irmãs Sara e Mary.

— E aqui a meu lado está outro retrato, tirado em Liverpool, de sua irmã mais nova em companhia de um homem que, pelo uniforme, me parece comissário de bordo. Vejo que nessa ocasião ela ainda não era casada.

— Que grande observador!

— É minha profissão.

— Realmente, acertou. Todavia, ela casou-se poucos dias após com Browner. Na época dessa fotografia, ele fazia o serviço regular de navegação para a América do Sul, mas amava-a tanto que não se resignou a passar tanto tempo longe dela, e conseguiu transferência para o serviço costeiro entre Londres e Liverpool.

— No Conqueror, por acaso?

— Não; no May Day, pelo menos na última vez que dele tive notícias. Em certa ocasião, Jim veio visitar-me. Foi antes de ele quebrar sua promessa; desde então, porém, sempre que desembarcava punha-se a beber, e bastavam uns poucos goles para transformá-lo num doido varrido. Ah! Dia fatídico aquele em que começou a beber! Primeiro deixou de me procurar, depois brigou com Sara, e agora que Mary deixou de me escrever, não sei como andam as coisas entre eles.



Era evidente ter a srta. Cushing tocado em assunto que lhe era de extremo interesse. Como a maioria das pessoas de vida solitária, tinha se mostrado tímida a princípio, mas acabara por tornar-se excessivamente loquaz. Contou-nos numerosas particularidades a respeito do cunhado marinho, e depois passou ao assunto dos antigos pensionistas, os estudantes de medicina, de cujas travessuras nos fez longa relação, dando-nos seus nomes e os dos hospitais em que praticavam. Holmes ouvia tudo com atenção, fazendo ocasionalmente uma ou outra pergunta.

— A propósito de sua segunda irmã, Sara — disse —, não compreendo como, sendo ambas solteiras, não pensaram em montar casa juntas.

— Ah! Se o senhor conhecesse o gênio de Sara, compreenderia. Tentei morar com ela por ocasião de minha mudança para Croydon, e estivemos juntas até há cerca de dois meses, quando fomos forçadas a nos separar. Não quero falar mal de minha própria irmã, mas Sara sempre foi muito difícil de aturar.

— A senhorita disse que ela se dava mal com seus parentes de Liverpool?

— Sim, mas houve tempo em que eles foram étimos amigos, a ponto de ela se mudar para lá para estar mais perto deles. E, no entanto, agora vive dizendo o pior de Jim Browner. Nos últimos seis meses que passou aqui, não fazia outra coisa senão falar na maneira como ele bebia e em seu mau comportamento. Suspeito que Jim a apanhou fazendo algum mexerico, ficou seriamente zangado e aí está como principiou a inimizade entre eles.

— Obrigado, srta. Cushing — disse Holmes, pondo-se de pé e fazendo uma vênia. — Parece haver-me dito que sua irmã Sara mora na New Street, em Wailington, não é? Passe bem, e creia que lastimo que tenha sido tão importunada num caso com o qual nada tem que ver.

Ao sairmos dali, passava um carro, e Holmes fez sinal ao cocheiro.

— Qual é a distância daqui a Wailington? — indagou.

— Não chega a um quilômetro e meio.

— Muito bem. Suba, Watson; precisamos malhar enquanto o ferro está quente. Embora simples, este caso oferece alguns aspectos muito interessantes. Pare um momento na agência telegráfica mais próxima, cocheiro.

Holmes expediu um breve telegrama, e durante o resto do trajeto permaneceu recostado no fundo da carruagem, com o chapéu caído sobre os olhos para proteger-se do sol. Nosso veículo parou diante de uma casa não muito diversa da que acabávamos de deixar. Meu companheiro ordenou ao cocheiro que esperasse, e estava para bater à porta quando esta se abriu e um jovem de maneiras circunspectas, vestido de preto e usando uma cartola muito reluzente, apareceu no limiar.

— A srta. Cushing está em casa?

— A srta. Cushing acha-se gravemente enferma — respondeu o jovem. — Apresenta desde ontem distúrbios cerebrais de extrema intensidade. Como seu médico, não posso arcar com a responsabilidade de permitir-lhe visitas. Tomo a liberdade de pedir-lhes para voltarem daqui a uns dez dias.

Dizendo isso, calçou as luvas, fechou a porta e afastou-se a pé, rua abaixo.

— Bem, o que não tem remédio, remediado está — observou Holmes em tom gaiato.

— Talvez ela não estivesse em condições, ou mesmo não tivesse desejo de lhe dizer grande coisa.

— Não pretendia que ela me dissesse nada; queria apenas vê-la. Não obstante, creio ter obtido tudo quanto desejava. Leve-nos a algum hotel decente, cocheiro, onde possamos almoçar; depois, passaremos pelo posto policial para ver nosso amigo Lestrade.

Fizemos juntos uma agradável refeição, durante a qual Holmes não falou de outra coisa senão de violinos, explicando-me com grande satisfação como comprara pela ridícula soma de cinqüenta e cinco xelins, a um judeu vendedor de objetos de segunda mão, na Tottenham Court Road, seu Stradivarius, que valia no mínimo quinhentos guinéus. Esse assunto fê-lo divagar sobre Paganini, e ficamos, pelo espaço de uma hora, sentados diante de uma garrafa de clarete, enquanto desfiava histórias e mais histórias acerca dessa extraordinária personalidade. A tarde já declinava e a luz ardente do sol transformara-se em amena claridade, quando chegamos ao posto policial. Lestrade esperava-nos à porta.

— Aqui está um telegrama à sua espera, sr. Holmes — disse.

— Ah! É a resposta que aguardava. — Holmes abriu-o, leu rapidamente o texto e guardou-o no bolso. — Vai tudo muito bem — acrescentou.

— Conseguiu descobrir alguma coisa?

— Descobri tudo!

— Como?! — exclamou Lestrade, assombrado, fitando Holmes. — O senhor está brincando!

— Nunca disse nada de mais sério em minha vida. Foi perpetrado um crime espantoso, e acredito tê-lo desvendado em todos os pormenores.

— E o criminoso?

Holmes rabiscou algumas palavras no verso de um cartão de visita e estendeu-o a Lestrade.

— Eis o nome dele — explicou. — Todavia, não poderá prendê-lo senão amanhã à noite. Gostaria que meu nome não fosse mencionado no que diz respeito a este caso, porque prefiro associá-lo unicamente a crimes cuja solução ofereça reais dificuldades. Vamos, Watson.

Encaminhamo-nos a pé para a estação, enquanto Lestrade fitava, entre atônito e satisfeito, o cartão que Holmes lhe entregara.

— Este caso — declarou Sherlock Holmes enquanto cavaqueávamos naquela noite, saboreando nossos charutos nos aposentos da Baker Street — assemelha-se aos que você já descreveu sob os títulos de Um estudo em vermelho e O signo dos quatro, nos quais fomos obrigados a raciocinar, seguindo a ordem inversa, dos efeitos para as causas. Escrevi a Lestrade pedindo-lhe que nos forneça os detalhes que ainda nos faltam, os quais só poderão ser obtidos depois de ele ter capturado o homem. Isso podemos ter a certeza de que o fará, pois, embora desprovido totalmente de inteligência, é dotado de uma tenacidade de buldogue quando compreende o que

deve fazer. Aliás, foi justamente essa tenacidade a causa de sua ascensão na Scotland Yard.

— Então seus dados ainda não estão completos? — perguntei.

— Estão quase completos no que se refere aos pontos essenciais. Sabemos quem é o autor deste crime revoltante, apesar de ainda ignorarmos a identidade de uma das vítimas. Você, naturalmente, já tirou suas próprias conclusões.

— Imagino ser Jim Browner, o comissário de bordo de um navio de Liverpool, a pessoa de quem você suspeita.

— Oh! É mais do que simples suspeita.

— E, ainda assim, nada vejo senão indícios muito vagos.

— Pelo contrário, para mim nada poderia ser mais claro. Deixe-me recordar-lhe os pontos principais. Como deve estar lembrado, enfrentamos o caso com espírito completamente desarmado, o que, nestas circunstâncias, constitui sempre uma vantagem. Não tínhamos formulado nenhuma hipótese. Ali estávamos, simplesmente para observar e tirar conclusões do que nos fosse dado ver. O que se nos deparou em primeiro lugar? Uma excelente senhora, calma e respeitável, que parecia completamente alheia ao mistério, e um retrato que me revelava possuir ela duas irmãs mais novas. Instantaneamente, surgiu-me no espírito a ideia de que o pacote talvez fosse destinado a uma delas. Deixei de lado essa hipótese, que poderia, em tempo oportuno, ser confirmada ou abandonada. Dirigimo-nos depois, como deve estar lembrado, para o quintal, onde examinamos o singularíssimo conteúdo da caixa amarela.

"O barbante do tipo usado no velame de navios, e, de súbito, o ambiente do mar invadiu nossas investigações. Quando observei que o nó era característico entre marinheiros, que o pacote fora expedido de um porto de mar e que a orelha masculina tinha um orifício para brinco, coisa muito mais comum entre marujos do que entre habitantes de terra firme, convenci-me de que os protagonistas da tragédia deviam encontrar-se nos meios marítimos.

"Ao examinar o endereço do pacote, notei estar ele dirigido à srta. S. Cushing. Ora, a irmã mais velha seria, naturalmente, também srta. Cushing, mas, embora sua inicial fosse S, essa letra poderia pertencer da mesma forma a uma das outras. Nesse caso, deveríamos iniciar nossas pesquisas em base completamente nova. Entrei, portanto, na casa, com o intuito de esclarecer esse ponto. Talvez se lembre de que, quando eu estava para afirmar à srta. Cushing minha convicção de ter havido algum engano, calei-me subitamente. O fato é que acabara de notar algo que me encheu de surpresa e, ao mesmo tempo, restringiu consideravelmente o campo de minhas indagações.

"Na qualidade de médico, Watson, deve saber que não existe parte do corpo humano que apresente tantas variações como a orelha. Cada uma tem as próprias características, e difere de todas as demais. Na Revista Antropológica do ano passado, você encontrará duas breves monografias de minha lavra sobre o assunto. Examinei, por isso, com olhos de entendido, as orelhas contidas na caixa, e verifiquei cuidadosamente suas peculiaridades anatômicas. Imagine, pois, meu espanto quando, ao olhar para a srta. Cushing, reparei corresponder sua orelha à orelha feminina que eu acabara de inspecionar. Não era possível pensar em coincidência. Ali estava o mesmo encurtamento da aurícula, a mesma curva larga do lobo superior, a mesma circunvolução da cartilagem interna. Em todos os pontos essenciais, era perfeita a semelhança. "Percebi logo a enorme importância de tal observação. Era evidente ser a vítima uma consangüínea e até, provavelmente, parente muito próxima. Comecei a

falar-lhe de sua família, e você se lembra que ela nos propiciou informações particularmente preciosas.

"Em primeiro lugar, o nome da irmã era Sara, e até há pouco tempo o endereço de ambas era idêntico, o que tornava patente a causa do engano e a pessoa a quem se destinava o pacote. Falou-nos depois daquele comissário de bordo, casado com sua irmã mais nova, e ficamos sabendo que suas relações com Sara foram tão íntimas durante algum tempo que esta passara a residir em Liverpool a fim de ficar mais próxima dos Browns, embora uma desavença os separasse depois. Essa discórdia fizera cessar todas as relações entre eles durante alguns meses, e por isso, se Browner tivesse tido ocasião de remeter um pacote à srta. Sara, tê-lo-ia feito ao antigo endereço.

"O assunto começava, então, a tornar-se extremamente claro. Sabíamos da existência desse marujo, homem impulsivo e de paixões violentas (lembre-se de que, para ficar mais perto da esposa, renunciou a carreira muito superior), sujeito também a freqüentes bebedeiras. Tínhamos razões para crer que sua mulher fora assassinada e que um homem, talvez um marujo também, havia sido morto na mesma ocasião. Imediatamente, o ciúme se nos apresenta como motivo do crime. Mas por que mandar à srta. Sara Cushing as provas do delito? Possivelmente porque, durante sua estada em Liverpool, ela teve alguma influência na sucessão de acontecimentos que levaram à tragédia. Repare que os navios da linha de Browner fazem escala em Belfast, Dublin e Waterford; presumindo, portanto, que Browner tivesse cometido o crime, embarcando logo após no May Day, Belfast teria sido o primeiro porto do qual podia expedir o macabro pacote.

"Nessa fase, evidentemente, era possível uma segunda solução, e embora a achasse muito menos provável, resolvi elucidá-la antes de ir mais além. Um apaixonado repellido talvez pudesse ter matado o sr. e a sra. Browner, e a orelha masculina seria então do marido. Contra essa hipótese existiam muitas e graves objeções, mas era admissível. Por conseguinte, telegrafei a meu amigo Algar, da polícia de Liverpool, e pedi-lhe que me informasse se a sra. Browner se encontrava em sua residência e se Browner partira no May Day. Feito isso, dirigimo-nos a Wailington, a fim de visitar a srta. Sara Cushing.

"Antes de mais nada, estava curioso por ver até que ponto os traços de família da orelha se tinham reproduzido nela. Por outro lado, talvez ela pudesse fornecer-nos informações importantes, coisa com que, aliás, eu não contava muito. Já devia ter ouvido falar sobre o assunto no dia anterior, pois em toda Croydon não se comentava outra coisa, e só ela podia ter compreendido a quem se destinava o pacote. Se fosse sua intenção ajudar a justiça, decerto já teria se comunicado com a polícia. Em todo caso, era nosso dever procurá-la, e por isso fomos até lá. Verificamos que a notícia da chegada do pacote, pois sua doença datava daquele momento, produzira nela efeito tão violento que a prostrara de cama com uma febre cerebral. Era mais que evidente ter ela compreendido todo o seu significado e, por outro lado, era igualmente claro que teríamos de esperar algum tempo antes de podermos contar com qualquer ajuda de sua parte.

"Na realidade, porém, esse auxílio era-nos desnecessário. As respostas que desejávamos já nos esperavam no posto policial, pois dera a Algar instruções para remetê-las para lá. Não poderiam ser mais conclusivas. A casa da sra. Browner encontrava-se fechada havia mais de três dias, e os vizinhos acreditavam que ela viajara para o sul, em visita a parentes. Algar certificara-se, na companhia de navegação, da partida de Browner a bordo do May Day, que, calculo, entrará amanhã à noite no



Tamisa. Ao chegar, será acolhido pelo obtuso mas resoluto Lestrade, e não tenho dúvidas de que obteremos então os pormenores que ainda nos faltam."

Sherlock Holmes não viu frustradas suas expectativas. Dois dias mais tarde, recebia um envelope volumoso que continha um bilhete do detetive e um documento datilografado constando de várias páginas de papel de carta.

— Lestrade apanhou-o, como eu esperava — disse Holmes, lançando-me um olhar significativo. — Talvez lhe interesse saber o que ele diz.

"Meu caro sr. Holmes:

De acordo com o plano por nós estabelecido a fim de poder provar nossas teorias, dirigi-me ao cais Albert, ontem às dezoito horas, e subi a bordo do May Day, propriedade da Liverpool, Dublin & London Stream Packet Company. Procedendo a indagações, fui informado de que efetivamente se encontrava ali um comissário de nome James Browner, que se portara durante a viagem de maneira tão estranha que o capitão se vira forçado a dispensá-lo de suas funções. Descendo à sua cabina, fui encontrá-lo sentado num caixote, com a cabeça entre as mãos, agitando-se como um demente. É um tipo corpulento, robusto, de rosto escanhado e pele trigueira — meio parecido com Aldrige, que nos auxiliou no caso da falsa lavanderia. Quando soube do objetivo de minha visita, pôs-se de pé num salto felino, e eu já estava com o apito na boca para chamar dois homens da polícia fluvial que me esperavam do lado de fora quando ele, dando mostras de completa falta de ânimo, estendeu maquinalmente as mãos às algemas, sem opor a menor resistência. Levamo-lo imediatamente para a prisão, juntamente com o caixote, que pensávamos pudesse conter algo de acusador; no entanto, além de um facão afiado, como os usados pela maioria dos marinheiros, nada encontramos que merecesse nosso trabalho. Mas verificamos não serem necessárias mais provas, pois, uma vez diante do inspetor de serviço, pediu licença para fazer uma declaração que, como é natural, foi anotada literalmente pelo nosso taquígrafo. Mandamos tirar três cópias datilografadas, das quais lhe mando uma. A coisa, como sempre imaginei, resolveu-se de maneira extremamente simples. Todavia, fico-lhe agradecido pela sua gentil assistência na investigação deste caso. Com as melhores saudações, creia-me seu amigo devotado, G. Lestrade."

— Hum! A investigação era realmente muito simples — comentou Holmes; — no entanto, não creio que assim lhe parecesse quando nos procurou pela primeira vez. Vejamos, entretanto, o que diz Jim Browner. Eis sua declaração, feita diante do inspetor Montgomery, no posto policial de Shadwell, que tem a vantagem de ter sido registrada com as próprias palavras do criminoso:



"Se tenho alguma coisa que dizer? Sim, muitíssimo. Sinto necessidade de aliviar minha consciência. Se quiserem, podem enforcar-me ou deixar-me em paz. Pouco me importa. O que posso afirmar é que não preguei o olho desde que fiz aquilo, e não sei se jamais conseguirei fazê-lo. Algumas vezes é o rosto dele que vejo, mas é o dela que me surge diante dos olhos com mais freqüência. Não consigo fazê-los desaparecer de minha frente. Ele fita-me, carrancudo e ameaçador; ela, porém, olha-me com surpresa. Ah! Pobrezinha! O que não teria sentido ao ver a morte estampada num rosto onde até então só vira amor!

"No entanto, a culpa foi toda de Sara, e possa a maldição de um desgraçado cair sobre sua cabeça e fazer-lhe apodrecer o sangue nas veias! Não digo isso para me inocular; tinha recomeçado a beber, como um bruto que sou. Mas tudo isso ela me teria perdoado; ela continuaria ligada a mim como uma corda à sua caçamba, se a figura daquela mulher nunca tivesse escurecido a porta de nosso lar. Pois Sara Cushing amava-me — esta foi a origem da tragédia —, amava-me até sua

paixão desvairada se transformar em ódio venenoso quando percebeu que para mim tinham mais valor as pegadas de minha mulher na lama do que todo o seu corpo e alma juntos.

"Eram três irmãs. A mais velha era uma boa criatura; a segunda, um demônio, e a terceira, um anjo. Quando me casei, Sara tinha trinta e três anos, e Mary, vinte e nove. No início, a felicidade era completa em nosso lar, e em toda Liverpool não existia melhor esposa do que minha Mary. Certo dia convidamos Sara para passar uma semana conosco, mas a semana converteu-se num mês, os meses sucederam-se, e ela acabou por tornar-se pessoa da casa.

"Minha situação financeira naquela época era boa, tínhamos começado a economizar algum dinheiro, e tudo corria às mil maravilhas. Meu Deus, quem poderia supor que iríamos terminar assim? Quem poderia ao menos imaginá-lo?

"Freqüentemente, eu passava os fins de semana em casa, e algumas vezes, quando o navio ficava retido à espera de carga, tinha sete dias de licença, o que me proporcionava maior contato com minha cunhada. Era uma bela mulher, alta, morena e enérgica, de porte altivo e tinha olhos que pareciam lançar chispas de fogo. Todavia, quando a pequenina Mary estava em casa, nem pensava nela, e isso eu juro pela esperança que tenho na misericórdia divina.

"Às vezes, tinha a impressão de que ela desejava ficar só comigo ou procurava convencer-me a sair a passeio em sua companhia. No entanto, jamais dei importância a isso. Mas certa noite meus olhos abriram-se. Tinha desembarcado e, chegando a casa, encontrei apenas Sara à minha espera.

"— Onde está Mary? — perguntei.

"— Oh! Saiu para pagar umas contas.

"Fiquei impaciente e pus-me a andar de um lado para outro na sala.

"— Você não pode ficar sossegado cinco minutos sem Mary, Jim? — disse ela. — É bem pouco lisonjeiro para mim que não possa contentar-se com minha companhia por tão pouco tempo.

"— Não fique zangada comigo, minha cara — desculpei-me, estendendo-lhe a mão num gesto carinhoso. Ela, porém, tomou-a de súbito entre as suas, que queimavam como se estivesse com febre. Fitei-a nos olhos e compreendi tudo num relance. Não tivemos necessidade de falar, nem ela nem eu. Assumi um ar severo e retirei a mão de entre as suas. Ela permaneceu algum tempo em silêncio, depois levantou o braço e bateu-me no ombro.

"— Paciência, meu velho — disse-me e, com uma espécie de risada irônica, saiu da sala.

"Pois bem, desse dia em diante Sara passou a odiar-me de todo o coração. E de que ódio é capaz aquela mulher! Fui idiota por deixá-la continuar a viver conosco, um rematado idiota; mas nunca disse nada à minha mulher, pois sabia que a iria desgostar. Tudo ficou como antes; todavia, algum tempo depois, principiei a notar certas mudanças em Mary também. Ela, que sempre se mostrara confiante e inocente, tornara-se esquisita e suspeitosa. Queria saber onde eu estivera e o que havia feito, a proveniência de minhas cartas, o conteúdo de meus bolsos e outras tantas tolices. Dia a dia se tornava mais estranha e irritável, provocando discussões pelos motivos mais fúteis. Tudo isso me deixava francamente perplexo. Sara passou a evitar-me; no entanto, ela e Mary eram inseparáveis. Percebo agora que ela conspirava contra mim e envenenava a alma de minha mulher. Entretanto, eu, cego e cretino, não via nada disso. Foi então que quebrei a promessa e recomecei a beber, mas não creio que o tivesse feito se Mary continuasse a ser a mesma de antigamente. Tinha, então, motivos bastantes para se sentir desgostosa comigo, e a cisão entre nós aumentava

cada vez mais. Entretanto, apareceu em cena esse maldito Alec Fairbairn, e a situação piorou sensivelmente.

"Foi para ver Sara que ele foi pela primeira vez à minha casa, mas logo suas visitas destinavam-se a todos nós, pois era um homem de maneiras insinuantes e arranjava amigos aonde quer que fosse. Rapaz agradável, audacioso, elegante, vira meio mundo e sabia falar do que vira. Era sem dúvida bom companheiro, e sua educação excedia a de um marujo. Por isso, julgo que houve uma época em que viajava mais como passageiro do que como tripulante. Durante um mês não fez outra coisa senão ir à minha casa, e nem por um momento me passou pela cabeça a ideia de que qualquer mal pudesse resultar de seus modos gentis e suaves. Finalmente, porém, algo me fez suspeitar, e desde então minha tranqüilidade desapareceu para sempre.

"Na essência, o episódio foi insignificante. Eu entrara em casa de improviso e, ao transpor a soleira da porta, notei um clarão de alegria no rosto de minha mulher. Contudo, quando viu que se tratava de mim, essa luz desapareceu, e ela voltou-se com ar desapontado. Isso bastou-me. Não existia ninguém, além de Alec Fairbairn, cujo andar ela pudesse confundir com o meu. Se naquele momento o tivesse ao alcance das mãos, tê-lo-ia morto, pois sempre que fico fora de mim procedo como um louco. Mary leu nos meus olhos a fúria demoníaca, correu para mim e segurou-me pela manga do casaco.

"— Não, Jim, pelo amor de Deus! — suplicou.

"— Onde está Sara? — perguntei.

"— Na cozinha — respondeu.

"— Sara — gritei —, não quero que Fairbairn ponha mais os pés aqui dentro.

"— E por quê?

"— Porque assim o ordeno.

"— Oh! — exclamou —, se meus amigos não são dignos desta casa, eu também não o sou."— Faça como quiser — repliquei-lhe —, mas se Fairbairn tornar a aparecer por aqui, mandar-lhe-ei uma de suas orelhas como lembrança.

"Acredito que a tenha assustado com a expressão de meu rosto, pois não disse mais nada, e no dia seguinte abandonou nossa casa.

"Ora, não sei se essa mulher agia assim por simples maldade, ou se pensava poder revoltar-se contra minha mulher, encorajando-a a trilhar seu caminho. Seja como for, ela arranjou uma casa a dois quarteirões de distância, onde alugava aposentos a marinheiros. Fairbairn costumava alojar-se lá, e Mary ia freqüentemente tomar chá com a irmã e ele. Quantas vezes ela foi, não sei dizer. Certo dia, porém, segui-a, e, ao chegar à porta, Fairbairn fugiu covardemente, pulando o muro do quintal. Jurei a minha mulher matá-la se a encontrasse novamente na companhia daquele homem, e levei-a para casa, soluçante e trêmula, branca como uma folha de papel. Já não existia entre nós a menor sombra de amor. Percebia o ódio e o temor que ela me votava, e quando, por causa disso, me punha a beber, o desprezo juntava-se a esses sentimentos.

"Sara, entretanto, compreendeu que não lhe era possível ganhar o suficiente para viver em Liverpool. Por isso — pelo menos assim o creio — voltou a viver com a irmã em Croydon, mas a situação em minha casa continuou no mesmo estado vacilante de sempre. Finalmente, chegou esta última semana e toda a maldição e ruína que se seguiram.

"Foi assim. Tínhamos embarcado no May Day para uma viagem de sete dias, mas, devido a certa avaria a bordo, fomos obrigados a permanecer no porto durante doze horas. Deixei o navio e fui para casa, pensando na surpresa que iria

causar a minha mulher e esperando que ela talvez ficasse contente por me ver de volta tão cedo. Essa idéia ainda me empolgava quando dobrei a esquina de minha rua, no momento em que passou por mim um carro, em cujo interior vi minha mulher sentada ao lado de Fairbairn, ambos conversando e rindo animadamente, sem notarem minha pessoa, que os observava imóvel na calçada.

"Asseguro-lhes que, daquele momento em diante, já não fui senhor de mim próprio, e tudo me parece um sonho confuso ao recordar os acontecimentos. Nestes últimos tempos andara bebendo muito, e as duas coisas juntas uniam-se para me transtornar completamente. Agora sinto qualquer coisa a bater-me na cabeça como o malho de um britador, mas naquela manhã tinha todo o Niagara assobiando e zumbindo nos ouvidos.

"Corri desabaladamente atrás do carro. Tinha nas mãos um pesado bastão de carvalho e afirmo-lhes que, desde o princípio, comecei a ver tudo vermelho; no entanto, a corrida tornou-me também astuto e, de vez em quando, procurava ficar um pouco para trás, a fim de ver sem ser visto. Dentro de pouco tempo eles pararam na estação. Havia muitas pessoas junto à bilheteria, e pude, portanto, aproximar-me deles sem ser notado. Compraram bilhetes para New Brighton; fiz o mesmo, mas instalei-me três vagões atrás. Chegados a seu destino, desceram e dirigiram-se para a praia. Eu acompanhava-os sempre a cerca de uma centena de metros de distância. Vi-os, por fim, alugar um barco e sair remando, pois fazia muito calor e eles julgavam sem dúvida que sobre a água o ar estaria mais fresco.



"Na verdade, era como se estivessem em minhas mãos. O dia estava algo enevoadado, e nada se via para além de certa distância. Aluguei também um barco e fui no encalço deles. Conseguia distinguir-lhes o contorno do barco, mas iam quase tão depressa como eu e já deviam estar a um quilômetro e meio da praia quando os alcancei. A neblina formava como que uma cortina à nossa volta, e dentro dela estávamos os três. Deus meu! Jamais poderei esquecer a expressão de seus rostos quando viram quem estava no barco que se aproximava! Ela soltou um grito de pavor, ele pôs-se a praguejar como um alucinado e atirou um remo em minha direção, pois deve ter lido nos meus olhos um presságio de morte. Eu esquivei-me ao golpe e atingi-o com meu bastão, que lhe espatifou a cabeça como se fosse um ovo. É possível que a tivesse poupado, apesar de toda a minha loucura. Ela, porém, lançou os braços em torno dele, gritando desesperadamente e chamando-o 'Alec'. Desferi, então, novo golpe, e prostrei-a a seu lado. Sentia-me qual besta feroz que houvesse provado sangue. Se Sara estivesse presente, por Deus, ter-se-ia juntado a eles. Puxei de minha faca e... bem, chega! Já disse o bastante. Experimentava certa alegria selvagem ao pensar no que Sara sentiria diante daqueles dois testemunhos do resultado de suas intrigas. Amarrei então os corpos ao barco, quebrei uma tábua do fundo e fiquei ali perto até submergirem de todo. Sabia muito bem que o proprietário da embarcação julgaria que ambos tinham perdido o rumo na névoa, sendo impelidos para o alto-mar. Limpei-me bem. Depois regresssei a terra e reembarquei em meu navio, sem que pessoa alguma suspeitasse de tudo quanto se passara. Naquela noite, preparei o pacote para enviá-lo a Sara Cushing, e no dia seguinte remeti-o de Belfast.

"E aqui têm toda a verdade. Podem enforcar-me ou fazer o que quiserem de mim, pois não poderão punir-me mais do que já fui punido. Não consigo fechar os olhos sem ver aqueles rostos a fitar-me. . . como o fizeram quando viram meu barco surgir ao lado do deles dentre a névoa. Matei-os rapidamente, mas eles estão me matando devagarinho; sei que, se isso durar mais uma noite, ficarei louco ou morrerei

antes do amanhecer. O senhor não me porá sozinho numa cela, não é verdade? Pelo amor de Deus, não o faça. Oxalá seja tratado no dia de sua agonia como me tratar agora!"

— Qual é o significado disso tudo, Watson? — proferiu Holmes, em tom solene, ao terminar a leitura. — Que propósito anima este círculo de desgraça, violência e terror? Deve tender para um fim. De outro modo, nosso universo seria governado pelo acaso, o que é inadmissível. Mas qual será esse fim? Eis o imenso, imutável e eterno problema, de cuja solução a mente humana se encontra mais longe do que nunca.

As Faias Cor de Cobre

Título original: The Copper-Beaches	Publicado em The Strand Magazine, Londres, 1892
-------------------------------------	---

— Para o homem que segue a arte por amor à própria arte, é freqüentemente das suas manifestações menos importantes e mais simples que deriva o maior prazer — observou Sherlock Holmes, pondo de lado a página de anúncios do Daily Telegraph. — É agradável para mim observar, Watson, que você compreendeu, tanto quanto possível, essa verdade naquelas pequenas narrativas dos nossos casos, que tão bondosamente vem colecionando e ampliando com um pouco de fantasia. Você tem salientado não somente as causas célebres e julgamentos sensacionais em que tomei parte, como também aqueles incidentes em si mesmo triviais, mas que têm permitido o exercício das faculdades de dedução e de síntese lógica de que tenho feito o meu especial trabalho.



"Todavia, talvez tenha errado", observou ele, pegando uma brasa viva com as tenazes e acendendo com ela o seu cachimbo de barro, como de costume quando estava pensativo e não queria discutir. "Você talvez tenha errado em se esforçar por colorir e avivar cada uma das suas narrativas, em vez de se limitar ao trabalho de anotar o raciocínio severo de causa e efeito, que é verdadeiramente o único ponto característico no assunto."

— Parece-me que lhe fiz ampla justiça a esse respeito — observei friamente, porque me senti repellido pelo egoísmo e orgulho que reparei serem uma constante no caráter do meu amigo.

— Não, não é egoísmo, nem presunção — disse ele, respondendo mais aos meus pensamentos do que às minhas palavras, como era seu costume. — Se exijo inteira justiça à minha arte, é por tratar-se, precisamente, de coisa impessoal... uma coisa à parte de mim. O crime é comum. A lógica é rara, e portanto você deve salientar mais a lógica do que o crime. Você põe ao nível de uma simples sucessão de historietas o que deveria ter sido uma série de conferências.

Era uma manhã fria de primavera, e estávamos sentados, um de cada lado de um bom fogo, na velha sala da Baker Street. Uma neblina grossa rolava entre a fileira de casas escuras, e as janelas das casas em frente pareciam manchas sem forma. Nosso lampião a gás estava aceso e brilhava sobre a toalha branca e sobre os pratos e talheres que não tinham sido retirados ainda.

Sherlock Holmes mantivera-se em silêncio toda a manhã, estudando as colunas de anúncios dos jornais, até que, desistindo finalmente, começara a censurar meus erros literários. Depois de uma pausa, observou:

— Ao mesmo tempo, você não pode ser acusado de sensacionalismo, porque, desses casos que teve a bondade de relatar, uma boa porção não trata de crime, no sentido legal. Aquele, por exemplo, em que me esforcei por ajudar o rei da Boêmia; a experiência singular da Srta. Mary Sutherland; o problema do homem da boca torta e o incidente do solteirão nobre, todos eram assuntos fora do alcance da lei. Mas, ao evitar o sensacionalismo, temo que tenha caído no trivial.

— Pode ser que isso se aplique ao final das histórias, mas os métodos empregados têm sido invulgares e interessantes.

— Ah... meu rapaz, que é que faz o público, o grande público distraído, que não distingue o tecelão pelo dente, nem um compositor pelo polegar esquerdo? Porém, se você é comum, não posso acusá-lo, porque os dias dos casos importantes

já passaram. O homem, pelo menos o criminoso, perdeu o entusiasmo e a originalidade. Quanto à minha profissão, parece que vai degenerando numa agência para recuperar lápis perdidos e dar conselhos a estudantes estouvados. Parece-me que cheguei agora realmente ao cúmulo, e este bilhete que hoje recebi é o ponto zero, penso eu. Leia-o — disse ele, atirando-me um papel amarrotado. Trazia a data do dia anterior e vinha da Montague Place.

"Caro sr. Holmes:

Estou ansiosa por consultá-lo a fim de saber se devo ou não aceitar uma colocação que me foi oferecida como governanta. Irei aí às dez e trinta, amanhã, se não lhe for inconveniente.

Sinceramente,

Violet Hunter."

— Conhece essa moça? — perguntei.

— Não.

— Já são dez e trinta.

— Sim, e com certeza é ela quem está tocando a campainha.

— Pode ser que o caso seja de mais interesse do que imagina. Lembre-se da história do carbúnculo azul, que parecia apenas uma fantasia, mas que exigiu uma investigação séria. Talvez este seja assim também.

— Bem, esperemos que seja! Nossas dúvidas depressa serão resolvidas, porque vem aí a pessoa em questão.

Enquanto ele dizia isso, a porta se abriu e uma jovem entrou. Estava vestida com simplicidade, e seu rosto, coberto de sardas, denotava inteligência. Dava a impressão de ser pessoa habituada a ganhar a vida independentemente.

— O senhor há de me desculpar por ter vindo incomodá-lo — disse ela quando meu companheiro se levantou para cumprimentá-la. — Tive uma experiência muito estranha, e, como não tenho nem pais nem parentes a quem consultar, pensei que talvez o senhor quisesse ter a bondade de me aconselhar sobre o que devo fazer.

— Sente-se, por favor, Srta. Hunter. Terei muito prazer em servi-la.

Vi que Holmes estava impressionado pelas maneiras e conversação da sua nova cliente. Olhou-a com aquele seu modo perscrutador e depois acomodou-se na poltrona, com os olhos meio fechados e as pontas dos dedos unidas para escutar a história.

— Fui governanta durante cinco anos — disse ela — em casa do coronel Spence Munro, mas há dois meses o coronel foi transferido para a América, para Halifax, na Nova Escócia, e levou consigo os filhos, ficando eu sem emprego. Pus um anúncio no jornal, respondi também a anúncios, mas sem resultado. O pouco dinheiro que tinha guardado estava acabando e eu sem saber o que fazer.

"Há uma agência muito conhecida para governantas, no West End, chamada Westaway, e eu ia lá uma vez por semana para ver se havia alguma coisa que me servisse. Westaway é o nome do fundador da agência, mas agora é uma certa Srta. Sloper que, sentada no seu pequeno escritório, atende as pessoas à procura de emprego; os candidatos ficam na sala de espera e são recebidos cada um por sua vez. Então ela consulta os registros e vê se há algo que lhes sirva.

"Bem, quando estive lá na semana passada, percebi que a Srta. Sloper não estava sozinha. Um homem muito gordo, de rosto sorridente e queixo grande, de óculos, estava a seu lado, olhando fixamente cada candidata. Quando entrei, ele saltou da cadeira e virou-se apressadamente para a Srta. Sloper:

"— Chega — disse ele —, não podia encontrar coisa melhor. Esplêndido!

"Parecia muito entusiasmado e esfregava as mãos com uma alegria que dava prazer ver.

"— A senhorita está procurando emprego? — perguntou.

"— Sim, senhor.

"— Como governanta?

"— Sim, senhor.

— E que ordenado pede?

"— No último emprego, em casa do coronel Spence Munro, recebia quatro libras por mês.

"— Oh, basta, uma insignificância! — gritou ele, levantando as mãos como quem está indignado. — Como poderia alguém oferecer tão pouco por uma pessoa tão atraente e habilitada?

"— Meus talentos, senhor, talvez sejam menores do que imagina — ripostei eu. — Um pouco de francês, alemão, música e desenho...

"— Basta! — exclamou ele. — Tudo isso está além do necessário. O ponto essencial é se tem ou não uma boa formação. Isso é o principal. Se não tiver, não é digna de criar uma criança que poderá, um dia, desempenhar papel considerável na história do país. Tendo esse dom, como poderia um cavalheiro pedir-lhe para aceitar quantia inferior a três algarismos? Seu ordenado comigo, senhorita, começaria por cem libras anuais.

"Deve imaginar, Sr. Holmes, que para mim, desempregada como estava, tal oferta parecia boa demais para ser verdade. Vendo um olhar de incredulidade no meu rosto, o cavalheiro abriu a carteira e dela tirou uma nota.

"— É meu costume — disse ele, sorrindo com a maior amabilidade, e os olhos quase se fechavam entre as rugas da face — adiantar sempre meio salário, porque assim as jovens que emprego podem fazer qualquer despesa que lhes seja necessária para o seu guarda-roupa e viagem.

"Parecia-me que nunca havia encontrado homem tão bondoso e encantador. Tinha já algumas dívidas, e aquele adiantamento vinha mesmo a propósito. Todavia, havia qualquer coisa tão fora do natural em toda a transação que decidi saber um pouco mais antes de me comprometer.

"— Posso perguntar onde o senhor mora?

"— Hampshire. Lugarzinho rural encantador. Na Vila das Faias Cor de Cobre, distante oito quilômetros do outro lado de Winchester. É um lugar lindo, e com uma casa de campo muito confortável.

"— E os meus deveres, senhor? Gostaria de saber quais seriam.

"— Uma criança, um garoto brincalhão de seis anos de idade. Oh, se pudesse vê-lo matar baratas com um chinelo! Plaque! Plaque! Plaque! E lá se vão três num piscar de olhos. — E ele recostou-se na cadeira e riu a valer.

"Fiquei um pouco admirada com a natureza do divertimento da criança, mas a risada do pai me fez pensar que talvez ele estivesse fazendo graça.

"— Meus deveres, então — disse eu —, seriam os de cuidar somente de uma criança?

"— Não, não exclusivamente — exclamou ele. — Seu dever seria, como tenho certeza de que o seu bom senso já lhe sugeriu, obedecer a qualquer pedido feito por minha esposa, contanto que sejam da incumbência de uma jovem distinta. Não há dificuldade quanto a isso?

"— Terei prazer em servi-la.

"— Muito bem. Roupas, por exemplo! Somos excêntricos, mas bondosos. Se lhe pedíssemos para usar certo vestido que lhe daremos, faria alguma objeção?

"— Não — disse eu, atônita ante as palavras dele.

"— Ou se lhe pedíssemos para se colocar aqui ou acolá, não se ofenderia?

"— Oh, não.

"— Ou para cortar seus cabelos bem curtos antes de ir para lá?

"Mal pude acreditar no que estava ouvindo. Como vê, sr. Holmes, tenho cabelos longos e de uma cor castanho-clara. Dizem até que são de artista. Não podia nem sonhar em sacrificá-los dessa maneira, sem mais nem menos.

"— Sinto, mas é impossível — volvi eu.

"Ele me olhava atentamente, e vi uma sombra passar pelo seu rosto quando assim falei.

"— Sinto, mas é essencial, é uma esquisitice de minha mulher. A senhorita sabe que as mulheres têm gostos estranhos, que precisam ser levados em consideração. Então não quer cortar os cabelos?

"— Não, senhor, não posso — respondi com firmeza.

"— Está muito bem; então está terminado o caso. É pena, porque de outro modo a senhorita serviria muito bem. Nesse caso, Srta. Sloper, devo entrevistar mais algumas das candidatas.

"A agente estivera ocupada com seus papéis durante todo o tempo sem dizer palavra, mas agora olhava-me com tanto aborrecimento no rosto que eu não pude deixar de suspeitar de que tivesse perdido uma boa comissão devido à minha recusa.

"— Quer que continue com o seu nome no registro? — perguntou ela.

"— Sim, por favor, Srta. Sloper.

"— Mas, realmente, parece inútil, já que recusa uma excelente oferta como esta — disse ela severamente. — Não pode esperar que nos esforcemos por arranjar outra oportunidade destas! Até logo, Srta. Hunter.

"Sacudiu a sineta que estava em cima da mesa, e o contínuo levou-me para fora.

"Quando cheguei ao meu quarto, Sr. Holmes, e vi tão pouca comida no aparador e duas ou três contas em cima da mesa, perguntei a mim mesma se não teria feito uma asneira. Afinal de contas, se aquela gente tinha uns gostos estranhos e esperava obediência a coisas esquisitas, pelo menos estava pronta a pagar bem pelas suas excentricidades. Poucas são as governantas da Inglaterra que ganham cem libras por ano. Além disso, para que servia minha basta cabeleira? Muita gente fica melhor sem os cabelos compridos, e talvez fosse bom cortá-los.

"No dia seguinte, achei que tinha cometido um erro e decidi remediá-lo. Combati o orgulho e pensava voltar à agência para saber se a vaga ainda não tinha sido preenchida, quando recebi esta carta daquele mesmo senhor; vou lê-la:

"Faias Cor de Cobre, perto de Winchester.

Cara Srta. Hunter:

A Srta. Sloper deu-me o seu endereço, e escrevo-lhe para lhe perguntar se não quer reconsiderar sua decisão. Minha mulher gostaria muito que a senhorita viesse, pois ficou satisfeitíssima com a minha descrição. Estamos prontos a lhe pagar trinta libras por trimestre, ou seja, cento e vinte libras por ano, para compensá-la de qualquer pequena inconveniência que nossas excentricidades lhe possam causar. Afinal de contas, não somos muito exigentes. Minha mulher aprecia certo tom de azul e gostaria que a senhorita usasse um vestido assim, em casa, pela manhã. Não precisa comprá-lo, porque temos um que pertencia à minha querida filha Alice (agora em Filadélfia), que, penso, lhe serviria muito bem. Quanto a sentar-se aqui ou ali, ou distrair-se de qualquer outro modo indicado, não lhe causaria nenhuma

inconveniência. Quanto aos seus cabelos, talvez seja uma pena cortá-los, não pude deixar de reparar quão belos são, mas preciso me manter firme nesse ponto e espero que o aumento de ordenado compense a sua perda.

Seus deveres quanto à criança são leves.

Se decidir vir, irei apanhá-la de carro em Winchester. Mande dizer em que trem chegará.

Sinceramente,

Jefro Rucastle.'

"Recebi esta carta agora mesmo, Sr. Holmes, e decidi aceitar a oferta. Pensei, todavia, que antes de dar o passo final deveria submeter o assunto à sua consideração."

— Bem, Srta. Hunter, se já resolveu, acabou-se — disse Holmes, sorrindo.

— Mas o senhor acha que devo recusar?

— Confesso que não gostaria que uma irmã minha aceitasse um emprego desses.

— Que será que isto tudo quer dizer, Sr. Holmes?

— Não tenho dados. Não posso saber. Talvez a senhorita já tenha formado alguma opinião.

— Bem, parece-me que há uma única hipótese possível.

O Sr. Rucastle parece ser um homem de bom gênio. Será que sua esposa é maníaca e que ele não deseja publicidade, para evitar que ela seja levada a um asilo, e lhe faz as vontades para evitar ataques piores?

— É uma hipótese possível, de fato. As aparências tornam-na muito provável. Porém, em todo caso, não é um lar agradável para uma jovem.

— Mas o ordenado, Sr. Holmes, o dinheiro!

— Bem, o pagamento é bom... bom demais. É por isso que estou preocupado: por que pagar cento e vinte libras à senhorita, quando poderiam escolher outra por quarenta? Há alguma razão muito forte por trás disso.

— Pensei que, contando-lhe as circunstâncias, o senhor me ajudaria se eu viesse a precisar do seu auxílio. Assim eu me sentiria com mais coragem, sabendo que o senhor se interessava pelo caso.

— Oh, então pode ficar descansada quando lá estiver. E digo-lhe que seu pequeno problema promete ser dos mais interessantes que tenho encontrado desde há alguns meses. Há qualquer coisa estranha ligada aos pormenores que descreve. Se se achar em dúvida ou perigo...

— Perigo? Que perigo prevê o senhor?

Holmes abanou a cabeça solenemente.

— Cessaria de ser um perigo se pudéssemos defini-lo — disse ele. — Mas a qualquer hora, do dia ou da noite, um telegrama me levará em seu auxílio.

— É o suficiente.

Ela levantou-se rapidamente, com o rosto livre de toda a preocupação.

— Irei para Hampshire sossegadamente agora. Escreverei logo mais ao Sr. Rucastle, sacrificarei o meu cabelo hoje à noite, e partirei para Winchester amanhã.

E, com algumas palavras de agradecimento a Holmes, disse-nos boa-noite e saiu.

— Pelo menos — retorqui, quando ouvimos seus passos firmes e decididos descendo a escada —, ela parece ser uma jovem capaz de cuidar de si.

— E será necessário. Se não me engano, não passarão muitos dias antes que recebamos uma comunicação dela.

Durante uns quinze dias meus pensamentos freqüentemente volviam na sua direção, e imaginava em que estranha experiência aquela pobre jovem tinha



entrado. O ordenado, as condições impostas, os deveres tão leves, tudo demonstrava qualquer coisa de anormal, mas se era excentricidade ou conspiração, ou se o homem era filantropo ou malandro, estava fora do meu poder determinar.

Quanto a Holmes, observei que ele freqüentemente ficava sentado durante uma meia hora, com a testa enrugada e abstraído, mas quando eu lhe falava no caso, irritava-se logo:

— Dê-me dados, dados! — gritava ele, impaciente. — Não posso fabricar tijolos sem barro!

Ao mesmo tempo, terminava sempre dizendo que nunca teria permitido que uma irmã sua aceitasse tal emprego. O telegrama que um dia recebemos chegou tarde, à noite. Eu já me preparava para ir dormir e Holmes para começar algumas pesquisas químicas que gostava de fazer.

Ele abriu o envelope amarelo e, olhando o texto, atirou-me o papel.

— Veja o horário dos trens. — E voltou para os estudos químicos.

A chamada era breve e urgente:

"Faça o favor de estar no Hotel Cisne Negro, em Winchester, amanhã ao meio-dia. Venha! Não sei o que fazer.

Hunter".

— Quer ir comigo? — perguntou Holmes.

— Gostaria muito.

— Veja então a hora do trem.

— Há um às nove e trinta. Deve chegar a Winchester às onze e trinta.

— Esse é bom. Então talvez deva adiar estas minhas experiências com acetona, porque precisamos descansar para estarmos preparados para o dia de amanhã.

Às onze horas do dia seguinte estávamos muito perto dessa antiga capital inglesa. Holmes passou todo o tempo lendo os jornais.

A paisagem era linda e anunciava a entrada da primavera.

— Como está agradável! — exclamei, com o entusiasmo de um homem que se vê livre da neblina de Londres. Mas Holmes sacudiu a cabeça solenemente.

— Sabe, Watson, que uma das maldições de uma mentalidade como a minha é não poder desviar a atenção do assunto especial com que está ocupada. Você olha para aquelas casas e impressiona-se com sua beleza. Eu as olho, e o único pensamento que me vem é o do isolamento e da impunidade com que o crime pode ser perpetrado ali.

— Céus! — exclamei. — Quem associaria um crime àquelas lindas casas antigas?

— Elas sempre me causam horror. Estou convencido, Watson, baseado na experiência, de que as vielas mais baixas e vis de Londres não apresentam maior número de pecados do que a mais linda e alegre paisagem do campo.

— Você me horroriza.

— Mas é óbvia a razão. A opinião pública pode mais numa cidade do que a própria polícia. Muitos crimes são cometidos nesses lugares retirados sem que ninguém tome conhecimento deles. Se esta jovem que pede agora o nosso auxílio tivesse ido para Winchester, por exemplo, nunca me preocuparia a respeito dela. É a distância que se torna perigosa. Todavia, penso que não é ela que está sendo ameaçada.

— Não, dado que pode vir a Winchester para nos encontrar.

— Exatamente. Ela está livre.



— O que pode ser então? Não sugere nada?

— Tenho sete hipóteses, e cada qual explicaria os fatos como os conhecemos, mas só poderemos saber qual delas é a certa pelas informações que devem estar à nossa espera. Bem, lá está a torre da catedral. Logo saberemos o que a Srta. Hunter tem a nos contar.

O Hotel Cisne Negro ficava na High Street, pouco distante da estação, e lá encontramos a jovem à nossa espera. Tinha ocupado uma sala, e o almoço estava sobre a mesa.

— Estou tão contente com a vinda dos senhores! Foi grande bondade dos dois. Seu conselho será de inestimável valor para mim.

— Peço-lhe o favor de contar-nos o que lhe aconteceu.

— Sim, direi, mas depressa, porque prometi ao Sr. Rucastle voltar antes das três horas. Tive licença dele para vir à cidade esta manhã, mas ele nem imagina para o que vim.

— Conte tudo. — E Holmes acomodou-se diante do fogo para escutar.

— Em primeiro lugar, preciso dizer que não me têm maltratado. É justo que se diga isso, mas não os compreendo e estou perturbada a respeito deles.

— O que é que não entende?

— As razões da conduta deles, mas já conto tudo. Quando cheguei, o Sr. Rucastle encontrou-me aqui e levou-me de carro para as Faias. É uma casa linda, como ele disse, situada nos seus próprios terrenos e pouco distante da estrada para Southampton.

"Há matas ao redor, pertencentes à herdade de lorde Southerton, e um renque de faias cor de cobre em frente à porta da entrada, que lhe dão o nome. Fui apresentada pelo patrão à sua esposa e à criança. Não há nada de verdade quanto à nossa conjectura, a Sra. Rucastle não está demente. Achei-a calma, pálida, muito mais jovem que o marido, uns trinta anos, penso eu, pois ele deve ter uns quarenta e cinco. Pela conversa deles, soube que estão casados há uns sete anos, que ele era viúvo, e que a filha que agora está em Filadélfia era a única filha do primeiro casamento.

"O Sr. Rucastle disse-me em particular que a filha foi embora devido à aversão que sentia pela madrasta, e, como a moça deve ter uns vinte anos, calculo como devia ser desagradável estar sempre na companhia da jovem esposa de seu pai.

"A sra. Rucastle pareceu-me mentalmente tão vaga quanto o seu rosto descorado.

"Ela não me impressionou nem bem nem mal. É uma nulidade, mas é fácil notar que está apaixonada pelo marido e pelo filho. Examina tudo para que não falte nada, e ele é bondoso para com ela, apesar de seu tom impetuoso; em tudo, parecem formar um casal feliz. Todavia, ela tem uma tristeza secreta, chora freqüentemente. Tenho pensado que é a má disposição do filhinho que lhe pesa, porque nunca vi criança tão mimada e mal-educada. É pequeno para a idade, a cabeça desproporcionalmente grande. E passa a vida entre acessos de paixão desabrida e um grande mau humor, maltratando a todos os que são mais fracos do que ele; esse parece ser o seu único passatempo, e demonstra talento extraordinário para apanhar ratinhos, pássaros e insetos. Mas prefiro não falar nessa criatura, que aliás tem pouca ligação com a minha história."

— Gosto de todos os pormenores — observou o meu amigo —, mesmo quando pareçam de pouco relevo.

— Eu tentarei narrar o que é importante. A única coisa desagradável na casa, que chamou logo a minha atenção, é a aparência e a conduta dos empregados.

"São dois, marido e mulher. Toller é o nome do homem. É branco, tem cabelos e barba grisalhos, e cheira sempre a álcool. Por duas vezes, desde que lá estou, vi-o completamente bêbado; todavia, o sr. Rucastle parece não se incomodar com isso.

"A esposa é uma mulher forte, muito alta e carrancuda, tão calma como a Sra. Rucastle, mas muito menos amável. Um casal desagradável, mas felizmente passo a maior parte do meu tempo entre o quarto do menino e o meu, que se comunicam a um canto do edifício.

"Durante uns dois dias após a minha chegada, a vida decorreu calma, mas, no terceiro dia, a Sra. Rucastle desceu logo depois do almoço e cochichou qualquer coisa para o marido.

"— Oh, sim — disse ele virando-se para mim —, estamos-lhe muito gratos, Srta. Hunter, por ter acedido aos nossos gostos quanto ao cabelo cortado, e digo-lhe francamente que não diminuiu em nada sua boa aparência. Agora vamos ver se o vestido azul lhe serve; já está estendido sobre sua cama, e se fizesse o favor de vesti-lo, ficaríamos extremamente agradecidos.

"O vestido que encontrei à minha espera era de um tom especial de azul. Era de bom tecido, espécie de lã macia, e tinha sinais evidentes de ter sido usado. Caiu-me como se me tivessem tirado as medidas. Tanto o Sr. como a Sra. Rucastle expressaram alegria ao vê-lo, o que achei um tanto exagerado.

"Estavam à minha espera na sala, que é grande e se estende por toda a largura na frente da casa, com três janelas compridas até o chão. Uma cadeira tinha sido colocada de costas para a janela do centro. Pediram-me que me sentasse ali, e então o sr. Rucastle começou a contar-me histórias tão cômicas como jamais ouvi. Não podem imaginar como ele era engraçado, e eu ri até me cansar. A sra. Rucastle parece não ter senso de humor, nem sequer sorriu; ficou com as mãos no colo, com um olhar triste e expressão ansiosa.

"Passada uma hora mais ou menos, o Sr. Rucastle disse que era tempo de começar os afazeres do dia e que podia trocar o vestido e ir ao quarto do pequeno Edward.

"Dois dias depois, repetiu-se a mesma cena, e em circunstâncias iguais. Depois das anedotas, ele me entregou um romance de capa amarela e, virando minha cadeira um pouco de lado, para que minha sombra não caísse sobre a página, pediu-me que fizesse o favor de ler em voz alta para ele. Li durante oito ou dez minutos, começando no meio do capítulo, e, de repente, ele ordenou que eu parasse e fosse trocar de vestido. O senhor deve calcular como fiquei curiosa por saber por que razão se fazia aquele extraordinário espetáculo; reparei que procuravam sempre virar-me o rosto para a sala, e por isso eu me consumia com o desejo de saber o que acontecia atrás de mim; arrisquei uma olhadela, mas confesso que fiquei desapontada, pois não vi nada; porém, num segundo olhar, percebi que havia um homem na estrada para Southampton, de pequena estatura, barbado, olhando na minha direção. Há sempre gente naquela estrada, mas esse homem estava encostado à cerca que limita os nossos prados e olhava-me fixamente.

"Abaixei o lenço, olhei para a Sra. Rucastle e vi que ela estava com os olhos fixos em mim, com um olhar penetrante. Nada disse, mas estou convencida de que ela adivinhou que eu tinha um espelho no lenço e havia visto o que se passava atrás de mim. Levantou-se imediatamente.

"— Jefro — disse ela —, há um sujeito impertinente na rua que está olhando para a Srta. Hunter.

"— É um amigo seu, Srta. Hunter?

"— Não, não conheço ninguém por aqui.

"— Ora, veja que impertinência! Tenha a bondade de se virar e de lhe acenar para que vá embora.

"— Acho que seria melhor não lhe dar atenção.

"— Não, não, ele acabaria por vir aqui. Faça o favor de mandá-lo embora, sim?

"Fiz como me mandaram; no mesmo instante a Sra. Rucastle correu a cortina. Isso passou-se há uma semana, e desde então não mais me sentei junto à janela, nem pus o vestido azul. E nunca mais vi o homem na estrada."

— Continue — disse Holmes. — Sua narrativa promete ser muito interessante.

— O senhor há de achá-la um tanto desconexa, e pode ser que haja pouca ligação entre os diversos episódios de que falo. No dia da minha chegada, o Sr. Rucastle levou-me a uma cocheira que fica perto da porta da cozinha; ao aproximar-me, ouvi o barulho de uma corrente sendo arrastada, como se fosse um animal grande movendo-se.

"— Ora, ora — disse o Sr. Rucastle —, não é bonito?

"Olhei para dentro e vi dois olhos grandes numa figura enrolada a um canto.

"— Não tenha receio — disse o meu patrão, rindo-se do susto que levei. — É Cario, meu cão de guarda. Eu disse meu, mas só Toller, meu velhaco cocheiro, é que pode com ele. Damos-lhe comida uma vez por dia, e mesmo assim não muita, para ele se manter esperto. Toller solta-o à noite, e Deus ajude o transgressor sobre quem ele pular e em quem enfiar os dentes. Não ponha o pé fora de casa à noite, seja qual for o motivo, pois pode lhe custar a vida.

"O aviso não foi em vão, porque duas noites depois, por acaso, fui à janela do meu quarto mais ou menos às duas horas da manhã; era uma noite linda, com luar, e a relva na frente da casa brilhava com o orvalho, tudo claro como de dia. De repente, vi um objeto movendo-se debaixo das faias, e, ao emergir, vi que era um cão gigante, tão grande como um bezerro, que atravessou vagarosamente o relvado e desapareceu do outro lado. Essa sentinela silenciosa fez-me gelar o coração.

"E agora tenho uma experiência extraordinária para lhe contar. Como o senhor sabe, cortei o cabelo e guardava-o no fundo da minha mala. Uma noite, depois que a criança foi para a cama, ocupei-me a examinar a mobília do meu quarto e a arranjar meus pertences. Há uma velha cômoda, da qual as duas gavetas superiores estavam vazias, mas a grande, de baixo, permanecia fechada. Enchi as duas com a minha roupa, mas ainda faltava lugar para o resto, e fiquei aborrecida por não poder usar a outra gaveta. Achei que talvez a fechadura estivesse quebrada ou que tivesse sido fechada por acaso; por isso, peguei minhas chaves e experimentei abri-la; a primeira chave que usei serviu. Havia uma só coisa dentro, e o senhor não pode imaginar o que era. A minha trança. Peguei-a e examinei-a bem. Era da mesma cor e grossura. Mas então lembrei-me de que era uma coisa impossível. Como podia meu cabelo estar guardado na gaveta? Com as mãos trêmulas, abri a mala e virei o conteúdo: lá no fundo estava o meu cabelo. Juntei as duas tranças e olhei: eram idênticas. Que coisa estranha!

"Tornei a colocar o cabelo na gaveta e não disse nada aos Rucastles, julgando que tinha cometido um erro ao abrir a gaveta.



"Sou observadora por natureza, e não me custou habituar-me à casa. Há uma ala, que parece não ser habitada, que tem uma porta que se abre para os aposentos dos Tollers; comunica-se também com a parte social da casa, mas permanece sempre fechada. No entanto, um dia, quando subia a escada, vi o Sr. Rucastie saindo por aquela porta, de chaves na mão e um olhar que o fazia parecer uma pessoa muito diferente do homem jovial a que eu estava habituada. Tinha as faces vermelhas, a testa franzida de raiva e as veias nas têmporas inflamadas pela cólera. Fechou a porta e passou por mim apressadamente, sem uma palavra ou um olhar sequer.

"Isso despertou a minha curiosidade; portanto, quando fui passear com o menino, dei uma volta por aquele lado da casa. Havia quatro janelas em fila, três das quais estavam imundas e a quarta, tapada com tábuas. Aparentemente, estava tudo abandonado. Enquanto passeava de baixo para cima, o Sr. Rucastle veio ter comigo com os seus modos habituais, alegre e jovial.

"— Viva! — disse ele. — Desculpe-me ter passado diante da senhorita sem lhe falar. Estava muito ocupado com certos negócios.

"Asseverei-lhe que não levara a mal.

"— A propósito — disse eu —, parece haver ali umas salas que não são habitadas; uma está fechada com tábuas.

"— A fotografia é o meu passatempo, e tenho ali o meu quarto escuro. Ora, veja só como a senhorita é observadora. Quem diria!

"Falou como se estivesse brincando, mas não havia zombaria nos olhos dele quando olhou para mim. Vi suspeita e aborrecimento, mas nada de brincadeira.

"Bem, Sr. Holmes, desde aquele momento compreendi que havia qualquer coisa a respeito daqueles quartos que eu precisava saber, e fiquei curiosa por ir lá. Não era simples curiosidade, embora, naturalmente, tenha o meu quinhão dela; senti como que um dever... que algum benefício adviria do fato de eu ir lá. Falam do instinto feminino; talvez tenha sido isso o que me encheu desse sentimento. Esperei, portanto, uma ocasião para passar pela porta proibida.

"Só ontem me apareceu a oportunidade. Toller e sua mulher vão sempre lá, e uma vez vi-o carregar para lá um saco de roupa. Ultimamente ele tem estado sempre bêbado, e ontem também isso se deu.

"Quando subia a escada, vi que a chave estava na porta: ele a havia esquecido. Os Rucastles estavam no andar térreo, e o garoto com eles. Girei a chave e entrei; havia um corredorzinho à minha frente, sem papel nas paredes e sem tapete no chão; esse corredor dava uma volta em ângulo para a direita. Virando o corredor havia três portas em fila; a primeira e a terceira estavam abertas, cada uma dando entrada para um quarto vazio, empoeirado e desconfortável; num desses compartimentos havia duas janelas, e no outro, uma só, tão sujas que mal permitiam a entrada da luz.

"A porta do meio estava fechada, atravessada do lado de fora por uma larga barra de ferro e fechada a cadeado de um lado. Na outra extremidade estava amarrada por uma corda grossa. A porta estava trancada, mas não havia chave ali. Essa porta correspondia à janela tapada; todavia, percebi por uma fraca luz que vinha por baixo da porta que o quarto não se encontrava de todo às escuras. Evidentemente, havia uma clarabóia de onde vinha essa luz. Enquanto estava no corredor, imaginando que segredo havia atrás daquela porta sinistra, ouvi de repente passos no quarto e vi uma sombra que ia e vinha. Um terror enlouquecedor se apossou de mim ao constatá-lo, Sr. Holmes. Meus nervos, já abalados, falharam de repente, virei-me e corri como se a mão de alguém me segurasse por trás e me

puxasse o vestido. Corri pelo corredor e pela porta diretamente para os braços do Sr. Rucastle, que estava à espera do lado de fora.

"— Ah, então era você — disse ele, sorrindo. — Foi o que pensei quando vi a porta aberta.

"— Oh, estou com tanto medo! — murmurei, ofegante.

"— Então! Então! — E o senhor não imagina como era carinhosa a sua voz. — O que foi que a assustou?

"Mas a voz dele era adocicada demais, e fiquei prevenida contra ele.

"— Eu, como uma tola, fui à ala vazia, mas é tão solitária e triste, com aquela luz fraca, que me assustei e saí de lá correndo. Oh, é tão silencioso ali!

"— Só isso? — inquiriu, olhando-me com agudeza.

"— Por quê? O que é que o senhor está pensando? — perguntei-lhe.

"— Por que razão acha a senhorita que fecho esta porta?

"— Não sei dizer.

"— É para evitar que pessoas que não têm esse direito entrem lá. Ouviu?

"Ainda sorria do modo mais amável.

"— Se eu soubesse...

"— Bem, agora sabe, e se puser de novo os pés além do limiar dessa porta...

— Então o sorriso transformou-se num arreganhar de dentes, e ele fitou-me com um olhar de demônio: — Eu a atiro ao cão de guarda.

"Fiquei tão amedrontada que não sabia o que fazer. Arremessei-me para dentro do meu quarto, passando por ele sem olhá-lo, e não me lembro de mais nada até que me achei em minha cama, tremendo da cabeça aos pés. Depois lembrei-me do senhor; não podia continuar vivendo lá sem procurar um conselho. Tenho medo do homem, da mulher, dos empregados e até da criança. São horríveis, a meu ver. Se pudesse levar o senhor até lá, tudo estaria bem. É verdade que eu podia ter fugido da casa, mas minha curiosidade era quase tão grande quanto o medo. Logo, decidi-me e mandei-lhe um telegrama. Pus o chapéu e a capa, descí até a agência telegráfica que fica a menos de um quilômetro da casa, e no regresso senti-me muito aliviada. Um medo terrível me sobreveio quando me lembrei de que talvez o cão estivesse solto, mas também me lembrei de que Toller estava sem sentidos, de tão bêbado, e sabia que ele era o único que tinha o domínio sobre aquela besta selvagem, ou que se atreveria a soltá-la. Entrei sem problemas e fiquei acordada parte da noite, sentindo alívio só em pensar que o senhor viria. Não se opuseram a que eu viesse a Winchester agora de manhã, mas preciso voltar antes das quinze horas, porque o Sr. e a Sra. Rucastle vão sair para fazer visitas. Estarão fora até tarde e tenho de ficar com a criança. Agora que lhe contei minhas aventuras, Sr. Holmes, daria muito para que o senhor me pudesse dizer o que significa tudo isto, e, acima de tudo, o que devo fazer."



Holmes e eu ficamos boquiabertos com aquela história extraordinária. Meu amigo levantou-se e andou de um lado para outro na sala, de mãos nos bolsos e com uma expressão de gravidade no rosto.

— Toller ainda está bêbado? — perguntou ele.

— Sim, ouvi sua mulher dizer à Sra. Rucastle que não pode fazer nada com ele.

— Está bem. Então os Rucastles sairão hoje à noite?

— Sim.

— Há uma adega com uma boa fechadura?

— Sim, onde se guarda o vinho.

— Agiu como uma jovem corajosa e ajuizada, Srta. Hunter. Seria capaz de fazer mais uma coisa? Não o pediria se não soubesse que a senhorita tem uma coragem excepcional.

— Tentarei. O que é?

— Chegaremos às Faias pelas dezenove horas. Os Rucastles terão saído, e Toller, esperamos, ainda estará incapaz de agir. Há só a Sra. Toller, que poderia dar o alarme. Se pudesse mandá-la para a adega sob qualquer pretexto e trancá-la lá, facilitaria muito as coisas.

— Eu o farei.

— Excelente. Então investigaremos o caso. Há só uma explicação. A senhorita foi trazida aqui para representar o papel de alguém, e essa pessoa está fechada naquele quarto. É evidente. Quanto a quem é esse prisioneiro, não tenho a menor dúvida de que se trata da Srta. Alice Rucastle, que dizem ter ido para a América. A senhorita foi escolhida por se parecer com ela na altura e na cor do cabelo. O dela havia sido cortado, talvez por causa de qualquer doença, por isso o seu devia ser sacrificado também. Foi um milagre que tenha encontrado a trança dela. O homem na estrada sem dúvida deve ser algum amigo dela, possivelmente noivo, mas como você usava o vestido dela e se lhe assemelhava tanto, ele deve ter se convencido, pelas suas risadas e pêlos seus gestos, de que a Srta. Rucastie estava contente e já não queria suas atenções. O cão é solto à noite para que não possa haver qualquer comunicação com ela. Tudo isto está claro. A coisa mais séria é a disposição da criança.



— Que tem uma coisa a ver com a outra? — exclamei.

— Meu caro Watson, você é médico, e constantemente adquire conhecimentos sobre uma criança estudando os pais... o reverso é igualmente válido. A disposição dessa criança é excessivamente cruel, e isso deriva do seu sorridente pai ou, como suspeito, da mãe, o que é um mal presságio para a pobre jovem que está em seu poder.

— Tenho certeza de que o senhor tem razão, Sr. Holmes — exclamou a nossa cliente. — Mil coisas me fazem crer nisso. Oh, não percamos um momento em socorrer essa pobre criatura.

— Mas precisamos ser prudentes, pois estamos lidando com um grande velhaco. Não se pode fazer nada até às dezenove horas. Então estaremos lá, e em pouco tempo resolveremos o mistério.

Chegamos, como havíamos prometido, justamente às dezenove horas, tendo deixado a nossa carruagem na taberna da estrada.

Pelas folhas das faias, que brilhavam como metal à luz do sol poente, teríamos reconhecido a casa mesmo que a Srta. Hunter não nos esperasse sorridente à porta.

— Arranjou tudo? — perguntou Holmes.

Ouviu-se uma pancada ruidosa, vinda de lá de baixo.

— É a Sra. Toller, na adega; o marido dela está roncando no tapete da cozinha. Aqui estão as chaves dele, que são iguais às do Sr. Rucastle.

— Muito bem! — exclamou Holmes com entusiasmo.

— Agora mostre-nos o caminho, e depressa veremos o fim deste problema.

Subimos, abrimos a porta e atravessamos o corredor até a porta que a Srta. Hunter indicou.

Holmes cortou a corda e removeu a barra de ferro. Depois experimentou as várias chaves na fechadura, mas sem efeito. Não se ouvia um som sequer vindo de lá

de dentro, e aquele silêncio provocou uma nuvem de desapontamento na fisionomia de Holmes.

— Espero que não tenhamos chegado tarde demais — disse ele. — Julgo que devemos entrar antes que a jovem morra. Agora, Watson, ombros à porta, vamos ver se entramos já.

Era uma porta velha, que cedeu logo à nossa força unida. Juntos, corremos para dentro do quarto. Estava vazio. A única mobília que ali havia era uma caminha, uma mesinha e uma cesta de roupa. O quarto estava vazio, a clarabóia, aberta, e a prisioneira tinha fugido.

— Houve algo de mau aqui. Aquele bruto adivinhou as intenções da Srta. Hunter e carregou sua vítima.

— Mas como?

— Pela clarabóia. Já veremos como ele o fez. E subiu para o telhado.

— Ah! Aqui está a ponta de uma escada, perto da calha.

— Mas é impossível, a escada não estava aqui quando os Rucastles saíram — disse a Srta. Hunter.

— Ele deve ter voltado para colocá-la. Digo-lhe que é astuto e perigoso. Não me surpreenderia se ouvisse seus passos subindo a escada. Creio, Watson, que deve ter o seu revólver preparado.

Mal ele falou, apareceu à porta do quarto um homem gordo e abrutalhado, com um pau pesado na mão. A Srta. Hunter gritou e encostou-se à parede ao vê-lo, mas Sherlock Holmes deu um pulo e enfrentou-o.



— Canalha — disse —, onde está sua filha?

O homem olhou ao redor e depois para a clarabóia.

— Eu é que devo perguntar-lhe isso — gritou ele.

— Ladrões! Espiões e ladrões! Apanhei-os em flagrante! Estão em meu poder. Hão de pagar por isto!

Nisso, desceu as escadas ruidosamente e tão depressa quanto pôde.

— Ele foi soltar o cão! — exclamou a Srta. Hunter.

— Tenho o meu revólver — respondi.

— É melhor fechar a porta — disse Holmes —, e vamos descer todos juntos.

Mal chegamos ao vestibulo, ouvimos o ladrar de um cão e depois um grito de agonia e um horrível barulho de algo sendo rasgado. Um homem de idade, com o rosto vermelho e cambaleando, saía de uma porta lateral.

— Meu Deus! — gritou ele. — Alguém soltou o cão, e ele não come nada há dias. Depressa, depressa, ou será tarde demais.

Holmes e eu saímos correndo até o ângulo da casa, com Toller atrás de nós. Lá estava o bruto esfomeado, com o focinho enterrado na garganta de Rucastle, que se torcia e gritava no chão. Quando cheguei perto, fiz saltar os miolos do cão; ele caiu, mas com os dentes ainda presos às dobras do pescoço do homem.

Depois de algum trabalho, conseguimos livrá-lo e levá-lo para dentro de casa, deitando-o no sofá. Mandamos que Toller, cuja bebedeira já havia passado, fosse avisar a mulher. Fiz o que pude para aliviar as dores de Rucastle.

Estávamos todos ao redor dele quando a porta se abriu, dando entrada a uma mulher alta e magra.

— Sra. Toller! — exclamou a Srta. Hunter.

— Sim, senhora. O sr. Rucastle soltou-me antes de subir atrás de vocês. Ah, senhorita, que pena não me ter contado o que planejava fazer, porque eu lhe diria que estava perdendo o seu tempo.

— Ah! — exclamou Holmes olhando fixamente para ela. — É evidente que a Sra. Toller sabe mais deste caso do que qualquer outra pessoa.

— Sim, senhor, sei e estou pronta a contar tudo.

— Então faça o favor de se sentar e vamos ouvi-la! Há diversos pontos que, confesso, ainda não consegui compreender.

— Já contarei, e tê-lo-ia feito antes se pudesse sair da adega. Se for caso de polícia, não se esqueça de que sou sua amiga e da Srta. Alice também. Ela nunca estava contente em casa, desde que o pai se casou de novo. Faziam pouco-caso dela e nunca lhe permitiam dizer nada, mas sua vida piorou muito depois que conheceu o Sr. Fowler em casa de uns amigos. Sei que a srta. Alice herdara alguma coisa com todos os direitos, mas era tão calma e paciente que nunca fez objeção alguma e deixava tudo nas mãos do Sr. Rucastle. Ele sabia que podia fazer o que quisesse do que lhe pertencia, mas quando apareceu um casamento e viu que o marido viria a exigir que tudo passasse para as suas mãos, achou melhor acabar com o assunto. Queria que ela assinasse um papel, para que, casada ou não, ele pudesse utilizar-se do dinheiro dela. Atormentou-a tanto com o assunto, até que ela teve uma febre que lhe atacou a cabeça e ficou às portas da morte durante umas seis semanas. Finalmente melhorou. Estava magra como uma sombra e com os cabelos cortados, mas, apesar de tudo isso, o jovem não desistiu, continuando-lhe fiel.

— Ah! — disse Holmes —, creio que o que nos acaba de contar esclarece bem as coisas, e já posso deduzir o resto. O Sr. Rucastle, então, empregou este sistema de prisão?

— Sim, senhor.

— E trouxe a Srta. Hunter de Londres para ver se acabava com a desagradável persistência do Sr. Fowler.

— Foi isso mesmo, senhor.

— Mas o Sr. Fowler, sendo homem perseverante, como todo marinheiro deve ser, bloqueou a casa e, tendo-se encontrado com a senhora, conseguiu com certos argumentos, em moeda sonante ou não, convencê-la de que seus interesses e os dele eram os mesmos.

— O Sr. Fowler é um cavalheiro bondoso e generoso — disse a Sra. Toller calmamente. — E desse modo conseguiu que seu marido não bebesse mais e fosse arranjar uma escada para ser utilizada logo que o Sr. Rucastle saísse.

Sim, senhor, foi assim mesmo.

— Estou certo de que devemos pedir-lhe desculpas, Sra. Toller — disse Holmes —, porque acaba de esclarecer muito bem tudo o que era enigmático para nós. E agora estão chegando o médico e a Sra. Rucastle. Portanto, Watson, creio que é melhor acompanharmos a Srta. Hunter até Winchester, pois julgo que nossa presença aqui torna-se desnecessária; o caso passou das nossas mãos para outras.

E assim foi resolvido o mistério da casa sinistra das Faias Cor de Cobre. O Sr. Rucastle melhorou, mas ficou tão alquebrado que somente continuou a viver devido aos cuidados de sua devotada mulher.

Moram ainda com os mesmos velhos empregados, que provavelmente sabem tanto da vida passada de Rucastie que ele acha melhor não os dispensar.

O Sr. Fowler casou-se com a Srta. Rucastle em Southampton, no dia do rapto. Agora é representante do governo nas ilhas Maurício.

Quanto à Srta. Violet Hunter, para meu desapontamento, meu amigo Holmes não se interessou mais por ela uma vez terminadas as investigações daquele caso.

Ela agora é diretora de uma escola particular em Walsall, onde, creio, se sente muito bem.

ANEXO D - Texto teórico sobre o Romance Policial baseado na teoria de Sandra Lúcia Reimão

O que é romance policial?- Sandra Reimão

Narrativa policial



Apresenta um delito (assassinato), um criminoso (assassino) e alguém disposto a desvendá-lo (detetive).

Aponta para o elemento mistério como ponto indispensável e centralizador da construção do texto policial;

Criado por Edgar Allan Poe, nos Estados Unidos no século XIX. Já na Inglaterra, com o surgimento da burguesia e da indústria, veio o bem-sucedido escritor Arthur Conan Doyle, e depois muitos outros sucessores.

Desse modo, os requisitos básicos da literatura policial são os seguintes:



Mistério, criminoso, vítima, detetive, inquérito.

Portanto, de acordo com ênfase de cada elemento no texto, torna-se possível formular a seguinte tipologia:

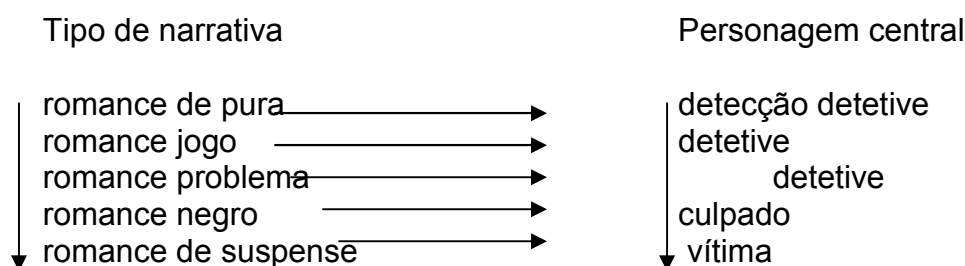
Romance de pura detecção: o leitor é conduzido à solução do enigma através das deduções eficientes dos sábios detetives;

Romance jogo: o autor mostra, primeiro, um crime fantástico que leva a construir uma investigação (inquérito) mais longa para então, chegar à verdade, ou melhor, a solução do conflito.;

Romance problema: foco se dá em crimes reais;

Romance negro: acontece quando os escritores destroem o superdetetive, transformando-o em um indivíduo igual o culpado;

Romance de suspense: o foco principal da narrativa é uma vítima ameaçada por uma trama ardilosa e maligna.



Dois seguidores mais populares e mais conhecidos do Romance Policial:

CONAN DOYLE (Sherlock Holmes) e AGATHA CHRISTIE (Hercule Poirot)

SHERLOCK HOLMES, o mais famoso dos detetives

Conan Doyle criou a personagem (1859/1930)- 4 romances, 5 livros de

contos;

Muitas pessoas acreditam em sua existência real (cartas);

O narrador (Watson) passa a adquirir importância central;

No romance enigma recorre-se a personagens- narradores;

O detetive tem "mente indutiva", é uma máquina de pensar e através de vestígios consegue reconstruir uma história e assim descobrir o culpado;

A característica fundamental do romance de enigma: revelação final e a conseqüente reconstrução da trama;

Se o próprio detetive fosse narrador criaria dificuldades na narrativa.

JOHN WATSON

Narrador-personagem / visão parcial dos fatos – identif.com o leitor;

Cronista dos feitos Sherlock, muito mais que um mero mediador ou um simples registrador;

Escolhe e seleciona as aventuras de seu protagonista que devem ser narradas;

Visa contar algo que seja inédito ao seu público leitor (especificidade da matéria a ser narrada e do tratamento dado a ela);

Opta por sua forma específica de narração;

Holmes somente se lança ao trabalho após o enigma estabelecido, o fato consumado;

Watson – começa a atuar quando o enigma já foi resolvido por HOLMES (detetive do detetive);

Holmes– detetive tem vários conhecimentos:

homem (personalidade própria) não só uma máquina dedutiva

humanização do detetive (+ próximo do leitor)

procedimentos técnicos científicos

ANEXO E - Perguntas relacionadas ao romance policial

Perguntas relacionadas ao romance policial

Responda:

1- O texto policial trabalha com o mistério inserido no mundo do crime, com assassinos e detetives, quem mais escreve esse tipo de gênero?

2- Doyle escreveu suas obras entre 1891 até 1927, será que antes já havia algum escritor que escrevia textos policiais?

3- Vocês já ouviram falar de Shakespeare? Vocês sabiam que ele foi um escritor do período de 1500, época em que o Brasil fora descoberto?

4- Vocês conhecem algumas obras de Shakespeare?

5- Será que é possível fazer alguma ligação entre Doyle e Shakespeare?

ANEXO F - Roteiro para análise do livro *Hamlet*

Escola de Ensino Médio Villa Lobos
Profª Daniela Bortolon
Série: 1º ano do Ensino Médio Turma: _____

Roteiro para análise do livro *Hamlet*, de Shakespeare

Após a leitura da obra *Hamlet*, identifique e justifique como aparecem os seguintes elementos:

- Linguagem;
- Forma do texto;
- Personagens;
- Trama;
- Conflito;
- Solução;
- Espaço;
- Gênero;
- Tempo.

ANEXO G - Tabela comparativa: Doyle e Shakespeare

Escola de Ensino Médio Villa Lobos
Profª Daniela Bortolon
Série: 1º ano do Ensino Médio Turma: _____

Responda:

Quais os elementos que se aproximam e que se distanciam entre os contos de Doyle e o teatro de Shakespeare?

	Doyle	Shakespeare	IGUAL OU DIFERENTE
GÊNERO			
LINGUAGEM			
TEMA			
HISTÓRIA			
PERSONAGENS			
PROBLEMA			
SOLUÇÃO DO PROBLEMA			
MISTÉRIO			
OUTROS ELEMENTOS DO GÊNERO POLICIAL			

ANEXO H - Questionário final

De acordo com o solicitado a seguir, preencha as lacunas ou marque um X a(s) alternativa (s) que você escolher. Procure responder com atenção, clareza e sinceridade.

Nome: _____ Turma: _____
Série: _____ Idade: _____
Escola: _____

1. Você gostou de ler Arthur Conan Doyle?

- a- () Sim.
b- () Não.
c- () Mais ou menos.

Justifique:

2. Você gostou de ler *Hamlet*, de Shakespeare?

- a- () Sim.
b- () Não.
c- () Mais ou menos.

Justifique:

3. Você gostaria de ler outra obra de Shakespeare?

- a- () Sim.
b- () Não.
c- () Mais ou menos.

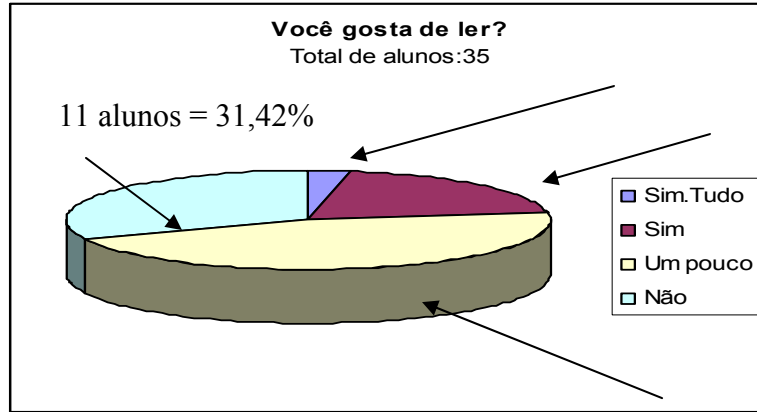
Justifique:

4. Como foi a sua experiência de leitura da obra *Hamlet*? Descreva.

ANEXO I - Dados da sondagem inicial

Dados da sondagem

Gráfico 1:



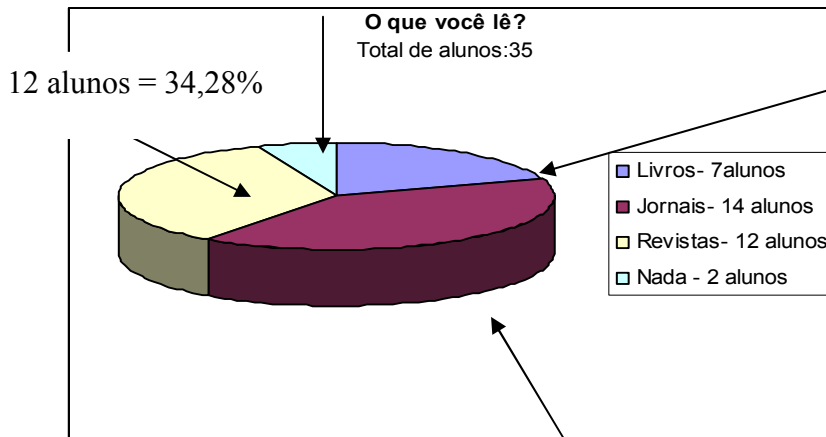
1 aluno = 2,87%

7 alunos = 20%

16 alunos = 45,71%

Gráfico 2:

2 alunos = 5,71%

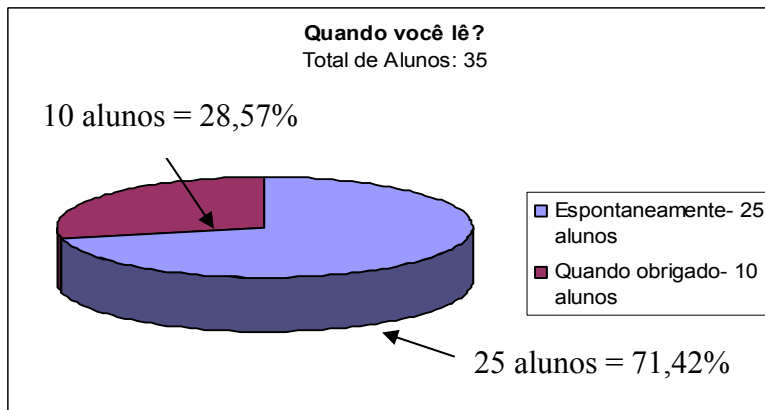


12 alunos = 34,28%

7 alunos = 20%

14 alunos = 40%

Gráfico 3:



10 alunos = 28,57%

25 alunos = 71,42%

Gráfico 4:

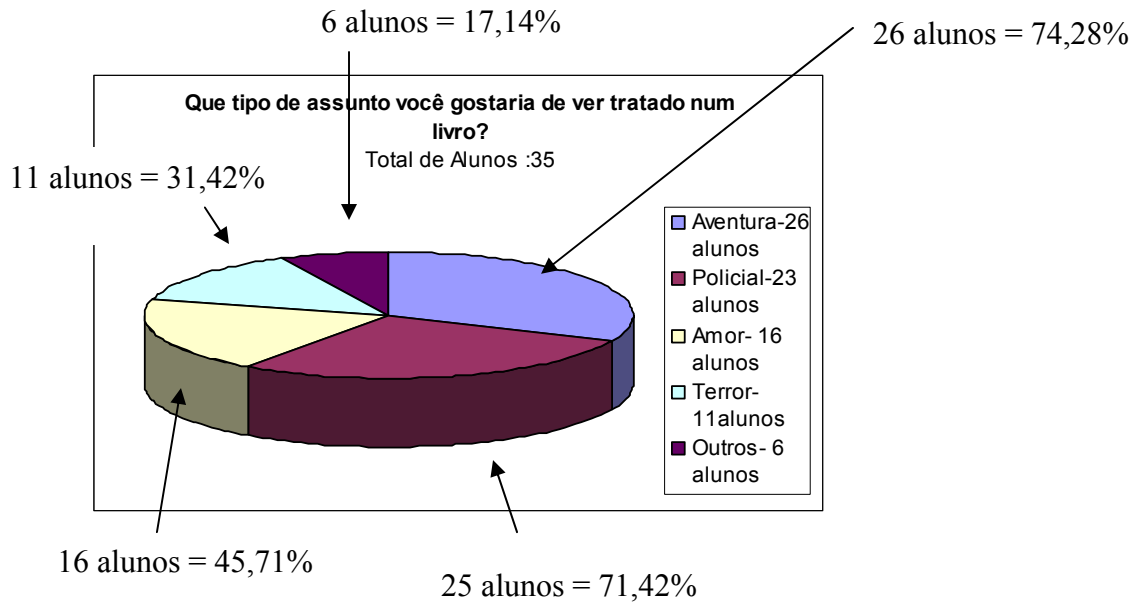
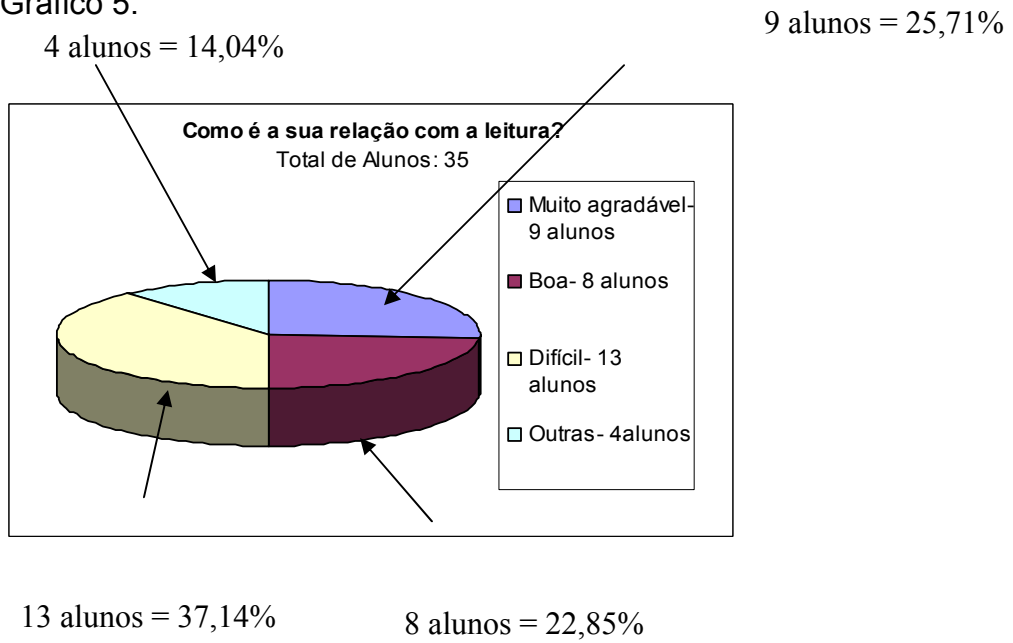


Gráfico 5:



ANEXO J - Dados do questionário final: o resultado do Projeto

Gráfico 1:

2 alunos = 5,71%

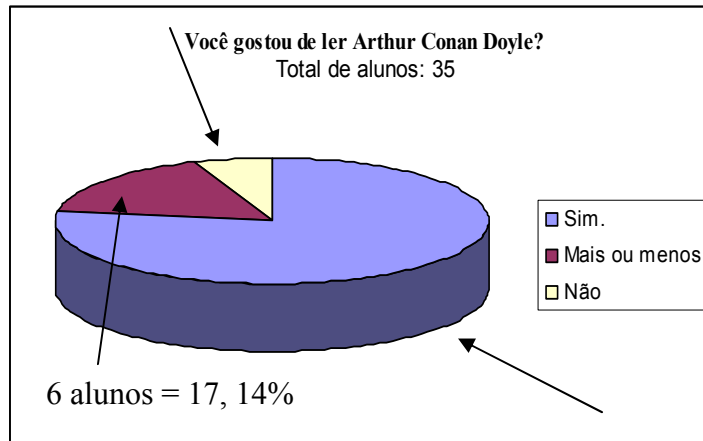


Gráfico 2:

3 alunos = 8,57%

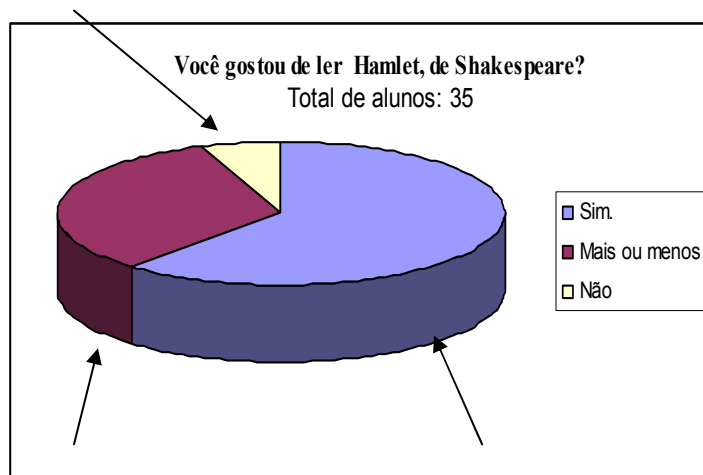
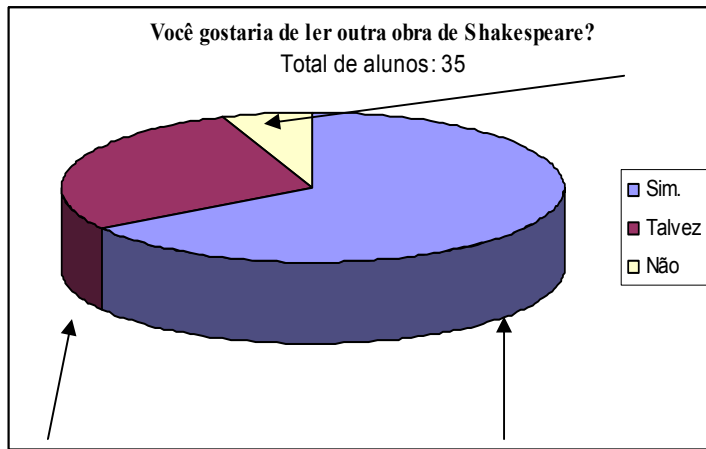


Gráfico 3:

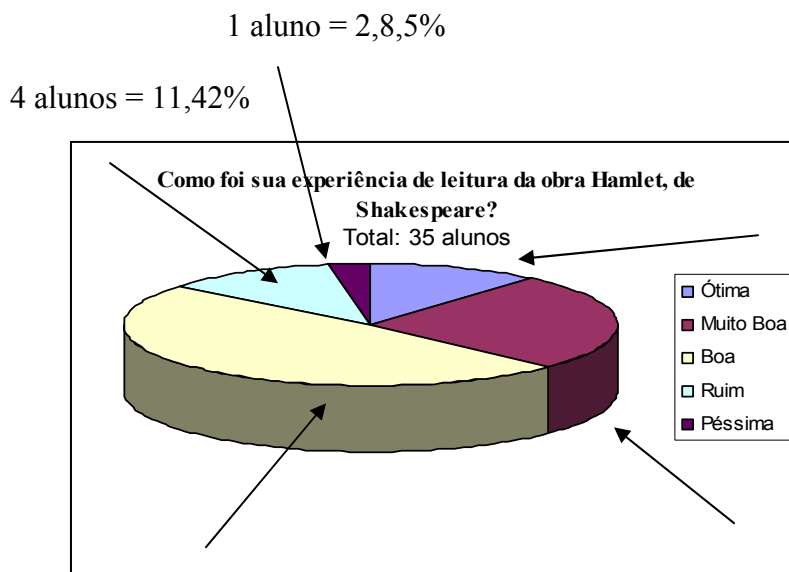


2 alunos = 5,71%

10 alunos = 28,57%

23 alunos = 65,71%

Gráfico 4:



4 alunos = 11,42%

4 alunos = 11,42%

1 aluno = 2,85%

9 alunos = 25,71%

17 alunos = 48,57%

ANEXO L - Dados da sondagem inicial

1- Levantamento de dados da sondagem inicial

1- Você gosta de ler?

- Sim, tudo: 1 aluno
- Sim, mas com certas restrições: 7 alunos
- Um pouco: 16 alunos
- Não: 11 alunos

2- O que você lê?

- Livros de ficção: 7 alunos: (espiritismo, de auto-ajuda, além dos indicados pela professora durante as aulas no entanto eram, considerados livros ruins)
- Jornais: 14 alunos
- Revistas: 12 alunos
- Outro tipo de leitura: 4 alunos (gibis, poesia)
- Nada: 2 aluno

3- Quando você lê?

- Espontaneamente: 25 alunos
- Por obrigação: 10 alunos

4- Que tipo de assunto você gostaria de ver tratado num livro indicado para a leitura?

- Aventura: 26 alunos
- Policial: 23
- Amor: 16
- Terror: 11
- Outros tipos de assunto: 6

5- Como é o seu relacionamento com a leitura?

- Muito agradável: 9 alunos
- Boa: 8 alunos
- Difícil: 13 alunos
- Outras opções: 5

ANEXO M - Levantamento dos dados finais

Levantamento dos dados finais:

1- Você gostou de ler Arthur Conan Doyle

- Sim: 27 alunos
- Mais ou menos: 6 alunos

Justificativas:

Porque apesar de o assunto ser interessante, a linguagem usada pelo autor era um pouco difícil: 3 alunos

Porque os contos eram muito extensos e a letra usada para escrever muito pequena: 2 alunos

Porque a história era muito enrolada e o final não o surpreendia, mas mesmo assim era legal: 1 aluno.

- Não: 3 alunos

Não leu, pois entrou na turma depois que as atividades começaram e que já estava reprovado, por isso, não tinha nem o interesse de ler ou participar das aulas. Declarou que até tentou ler um conto do colega para ver do que se tratava, mas achou chato (esse mesmo aluno compareceu na aula somente 3 vezes, sendo que uma delas foi no último dia): 1 aluno

Porque era a história era chata, muito grande, a escrita complicada e ele não teve tempo para ler tudo: 2 alunos.

2- Você gostou de ler *Hamlet*, de Shakespeare?

- Sim: 21 alunos
- Mais ou menos: 11 alunos

Justificativas:

Porque a linguagem era um pouco complicada, difícil, mas a história era muito interessante, por ser de mistério, de suspense, de assassinato: 5 alunos

Porque não gostaram do final, pois todos morriam, tanto personagens bons quanto os maus: 4 alunos

Porque não concordavam com a atitude do escritor e falaram que mudariam o final da história: 2 alunos

Porque gostaram mais do filme, pois dava para entender melhor o que acontecia na história, a época em que viviam, bem como o pensamento ou a atitude dos personagens: 5 alunos

Porque só gostaram das partes de aventura, de suspense, de mistério, como no final da obra: 2 alunos

- Não: 3 alunos

Justificativas:

Porque achou a obra “muito trágica” e sem final: 1 aluno

Porque não entendeu a história: 1 aluno

3- Você gostaria de ler outra obra de Shakespeare?

- Sim: 23 alunos
- Talvez: 10 alunos

Justificativas:

Porque a história não tivesse um final tão triste sim: 3 alunos

Porque se tivesse um filme pra assistir e comparar as histórias também leriam outra obra dele: 2 alunos

Porque se pudessem fazer como foi feito para a leitura de *Hamlet*, sim, gostariam, pois todos poderiam trocar idéias, dar opiniões, imaginar como era aquela época em que aconteceu a história. Não seria simplesmente “ler por ler” e depois fazer uma prova ou um resumo: 3 alunos

Porque se não fosse feito nenhuma prova ou teste gostariam de ler: 2 alunos

- Não: Porque consideraram a obra muito complexa e difícil para se entender: 2 alunos

4- Como foi a sua experiência de leitura da obra *Hamlet*? Descreva

- Boa: 17 alunos

Justificativas:

Não justificaram: 4 alunos

Porque a história era boa e interessante, portanto a leitura também foi: 6 alunos

Porque a história também era de mistério, de crimes, de suspeitos como a do Sherlock Holmes, apesar de serem diferentes e a linguagem mais difícil para se entender: 7 alunos

- Ótima: 4 alunos

Justificativas:

Porque não tiveram dificuldade para a leitura e gostaram da história: 2 alunos

Porque o assunto era bom, prendia para a leitura e queria saber qual era o final: 2 alunos

- Muito boa: 9 alunos

Porque gostavam do assunto: 3 alunos

Porque já conhecia a história: 1 aluno

Porque conhecia o autor: 1 aluno

Porque a história era diferente das que conheciam, porque o autor tinha criatividade, porque podiam tentar descobrir o que aconteceria na história: 4 alunos

- Ruim: 4 alunos

Porque era difícil de ler a história: 2 alunos

Porque o assunto não era muito bem explicado: 1 aluno

Porque não entendeu a história: 1 aluno

- Péssima: 1 aluno

Justificativa:

Porque não leu a obra e não gostaria de ler.

ANEXO N - Fragmento da história em quadrinhos: *As aventuras de TimTin*, do escritor Hergé

VÔO 714 PARA SIDNEI



Jacarta, na ilha de Java.
Boeing 707, proveniente de Londres, acaba de pousar no aeroporto de Kernajoran, última escala antes de Sidnei.



Onde estamos?... Eu já disse em Jacarta.

Curioso... eu teria jurado que estávamos em Jacarta.



Mas ESTAMOS em Jacarta, com mil raios e trovões!

Barata? Está brincando...



Repito, com mil trovões! Estamos em Jacarta! Aqui é JACARTA! Acabo ficando nervoso!

Ah! Chegamos? Por que não disse logo? Ora essa!



Não, professor, ainda não chegamos a Sidnei. Aqui é Jacarta.

Está bem, já entendi. Mas pensei que estivéssemos em Jacarta.



Passageiros em trânsito, por aqui, por favor... This way ...

Ah, passageiros em trânsito somos nós!

Ah! Vamos viajar a pé! Antes assim! Tenho pavor de aviões!



Tintim, vamos tomar alguma coisa? Algo bem gelado?

Boa ideia! VAMOS!



O bar fica para lá...

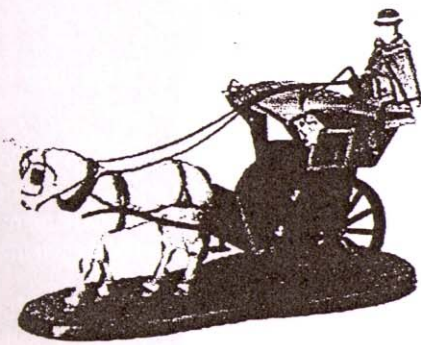
Vamos.



Êi! Alto! Parem! Isso é que se chama zombar do próximo!

BAR RESTAURANTE

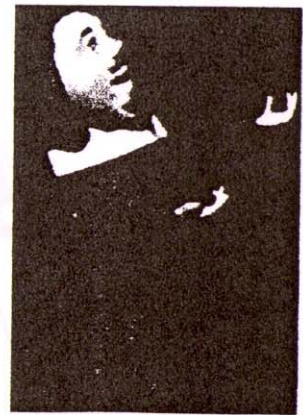
ANEXO O - Fragmento do *Portifólio*



De
Sherlock
Holmes

a

Shakespeare: um
caminho a
ser
descoberto!



Uma lembrança boa da
Pular o muro e ir ao quin
consentimento dele.

Qual a pior hora para to
De manhã e nos fins de sem

Rio de Janeiro ou Paraná?
Cada um tem a sua magia.
fui criada; e o Rio de Janeiro
Cidade Maravilhosa, que d

A melhor notícia que r
Ter sido convidada para fazer

Viagem inesquecível?
Paris.

Um lugar especial?
Minha casa.

O pôr-do-sol mais boni
Quando eu trabalhava no Cal
caram num apartamento de fren
o pôr-do-sol mais bonito da minha

Uma qualidade?
Perseverança, vou atrás do

Um defeito?
Teimosia.

Uma decepção?
A violência das grandes cidades.

Um arrependimento?
Quase me arrependi por não ter
convite para trabalhar como m
le. Mas nem deu tempo pra i
me chamaram para o BBB.

Um filme?
"O Poderoso Chefão", "Chamas

Um livro?
"O caçador de pipas", de
Khaled Housseini, e todos
do Nelson Rodrigues. **m**

Ilustração

51



era

ANEXO P - Conto Policial dos alunos

O Detetive Maicom

3

Uma tarde um gerente de um banco chegou em casa brabo e falou para sua mulher, a Luíza, que estava de saco cheio do banco, mas não ia sair de lá porque estava mal de dinheiro e endividado. Da mesma hora contou a sua mulher que teria uma festa no banco na outra dia à noite, enquanto falava com sua mulher seu irmão gêmeo, o André, que estava morando pouco tempo na cidade chegou nele como era avô ninguém o conhecia.

Na outra noite eles, então, foram para a festa.

Depois da festa quando o gerente Pedro chegou no banco foi ver se estava tudo certo. Entretanto em um dos cofres viu que estava faltando um belíssimo diamante, valioso, o mais valioso, mas só o Pedro que tinha a chave e o segredo de todo o banco e o roubo aconteceu durante a festa do banco e Pedro estava lá. Então os policiais começaram as investigações e como de costume a polícia não encontra nada.

Depois de um mês Pedro resolveu pedir demissão e foi embora para o exterior.

Com isso, a mulher de André resolveu investigar por que Pedro foi embora e saiu do banco se estava endividado. E ela também percebeu, que na dia da festa do banco, o seu irmão André, tinha sumido durante aquela noite e depois voltou todo bem vestido. Então pediu ajuda para uma agência de detetive, que indicou Maicom o seu melhor homem, um detetive esperto, ágil, discreto, o que nunca deixava de resolver os casos que ele pegava.

Então ela explicou todo o caso para o detetive que começou imediatamente a investigar, ele foi até o banco e conversou com os funcionários sobre Pedro, e alguns deles falaram que achavam Pedro um pouco estranho. Foi informado que para entrar naquele cofre roubado era preciso os digitais de Pedro então ele foi procurar Pedro que não disse nada de estranho, disse apenas o que o detetive já sabia. Mas então Maicom procurou André e investigou a vida dele e descobriu que ele nada revelava. Então Maicom a mulher de André falou ao detetive que toda noite Pedro ligava para André e eles conversavam.

Então Maicom se escondeu debaixo da cama de André para ouvir a conversa entre ele e Pedro. Naquela ligação o detetive ouviu tudo. Um confuso para a outra a pluma, que foi o seguinte: André foi na festa no lugar de Pedro que foi roubar o joelho e depois de um mês fugiu. O detetive tinha gravado a conversa dos dois e então entregou a polícia que prendeu Pedro e André por roubo.

E MAIS UM CASO FOI SOLUCIONADO PELO FAMOSO DETETIVE MAICOM!



Daniela Bortolon

Possui graduação em Letras/ Português- Literatura pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2000). É especialista em Literatura Brasileira do século XXI, também pela Unisinos (2004). Terminou curso de pós-graduação a nível de Mestrado em Letras, na área de Teoria da Literatura, pela PUCRS. É coordenadora pedagógica da Daley - Bortolon, Escola de Idiomas bem como professora de Português para Estrangeiros. Foi professora das escolas estaduais Villa Lobos e Firmino Acauan, em São Leopoldo e da escola João XXIII, em Porto Alegre. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura.

(Texto informado pelo autor)

Última atualização em 01/06/2007

Endereço para acessar este CV:

<http://lattes.cnpq.br/9287746475819234>

Dados Pessoais

Nome	Daniela Bortolon
Nome em citações bibliográficas	BORTOLON, D.
Sexo	feminino
Filiação	Rogério Oscar Marques Pinto e Zair Judite Rodrigues Pinto
Nascimento	21/04/1977 - Taquara/RS - Brasil
Carteira de Identidade	2066530052 ssp - RS - 25/05/2000
CPF	92423590091
Endereço residencial	Rua Primeiro de Março, 469/ap. 2 Centro - Sao Leopoldo 93010-210, RS - Brasil Telefone: 051 35893974
Endereço profissional	Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Bolsista CNPQ Av Ipiranga Partenon - Porto Alegre 90840-360, RS - Brasil Telefone: 51 33203500
Endereço eletrônico	e-mail para contato : daniela@daleybortolon.com.br e-mail alternativo : daniela@daleybortolon.com.br



↘ [Formação Acadêmica/Titulação](#)

- 2005 - 2007 Mestrado em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS,
Brasil
Título: De Sherlock Holmes a Shakespeare: um caminho a ser
descoberto. O leitor como foco o professor como mediador, Ano de
obtenção: 2007
Orientador: Maria Tereza Amodeo
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
Tecnológico
- 2003 - 2004 Especialização em literatura brasileira do século XX- no ensino Fund.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Sao Leopoldo,
Brasil
- 1996 - 2000 Graduação em Letras/ Português- Literatura.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Sao Leopoldo,
Brasil
Bolsista do(a): UNISINOS
- 2002 Graduação em Letras Português/Espanhol.
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Sao Leopoldo,
Brasil
Bolsista do(a): UNISINOS



↘ [Atuação profissional](#)

1. Colégio João XXIII - -
2005 - 2005 Enquadramento funcional: Professora, Regime: Integral
- 08/2004 -
12/2005 Ensino médio
- Especificação:
Português, Redação*

2. Daley - Bortolon Serviços em Línguas - DALEY-BORTOLON

Vínculo institucional

- 2001 - 2005 Vínculo: Colaborador , Enquadramento funcional: Coordenadora
Pedagógica, Regime: Parcial

Atividades

- 01/2001 - Atual Direção e Administração
- Cargos Ocupados:
Coordenadora Pedagógica*

3. Escola Estadual de Ensino Médio Villa Lobos - VILLA LOBOS

Vínculo institucional

1998 - 2005 Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor ,
Carga horária: 20, Regime: Parcial

Atividades

03/1998 -
03/2005 Ensino médio

*Especificação:
Língua Portuguesa*

4. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Vínculo institucional

2005 - 2006 Vínculo: Pesquisadora Bolsista , Enquadramento funcional:
Pesquisadora, Regime: Dedicção Exclusiva

Áreas de atuação

1. Língua Portuguesa
2. Métodos e Técnicas de Ensino
3. Pesquisa
4. Letras
5. Teoria Literária
6. Literatura Brasileira



Idiomas

Inglês Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem

Espanhol Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem



Produção em C, T & A

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

BORTOLON, D.

1. A Emocionante Viagem de Rubem Alves.. Revista Verso & Reverso. , 1998.
Áreas do conhecimento : Letras
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Recensão de ALVES, Rubem. Navegando com Rubem Alves. São Paulo: Ed ARS Poética, 1997. 103 p..

BORTOLON, D.

- A Representação do Homem e/ou da Mulher na Literatura: “Análise Comparativa Entre Dona Leopoldina e a Escrava Isaura”. COOPRAC- Cooperativa de Produção Acadêmica. , 1998.
2. *Áreas do conhecimento : Letras*
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
Pesquisa: A Representação do Homem e/ou da Mulher na Literatura: “Análise Comparativa Entre Dona Leopoldina e a Escrava Isaura”

BORTOLON, D.

- O Enriquecimento do Vocabulário. Revista Verso & Reverso. , 1998.
3. *Áreas do conhecimento : Letras*
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
Pesquisa sobre O Enriquecimento do Vocabulário

BORTOLON, D.

- Profissão Perigo: As Loucuras de Um Jornalista Atrás dos Acontecimentos do Mundo.. Revista Verso & Reverso. , 1998.
4. *Áreas do conhecimento : Letras*
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
Recensão de BIAL, Pedro. Crônicas de Repórter. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. 217 p.

BORTOLON, D., PET, G.

- Sermões de Vieira - Padrões de Ensino. Editora UNISINOS. , 1998.
5. *Áreas do conhecimento : Letras*
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
Excertos dos Sermões de Vieira - Padrões de Ensino

BORTOLON, D.

- Estrutura da Notícia.. Revista Verso & Reverso. , 1997.
6. *Áreas do conhecimento : Letras*
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
Recensão de LAGE, Nilson. Estrutura da Notícia. São Paulo: Ed. Ática, 1993. 64 p.

Demais produções bibliográficas

BORTOLON, D.

- A interdisciplinaridade presente nas aulas de literatura**, 2005.
1. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro; Local: PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Inst.promotora/financiadora: PUCRS

BORTOLON, D.

- Análise da transposição da obra literária Dom Casmurro para a linguagem**
2. **filmica**, 2005. (Comunicação, Apresentação de Trabalho)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro; Local: PUCRS; Cidade: Porto Alegre; Inst.promotora/financiadora: PUCRS

Demais Trabalhos

BORTOLON, D.

1. **Curso de Português Para Executivos e Secretárias**, 2002.
Áreas do conhecimento : Letras

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

BORTOLON, D., BORTOLON, C. E. M.

2. **Curso de Português para Estrangeiros**, 2001.

Áreas do conhecimento : Letras

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Eventos

Participação em eventos

Grupo de Pesquisa e Estudos Novum Organum? Temáticas entre Direito e

1. **Literatura**, 2006. (Encontro)

.

2. **Agora: arte pensamento 2005**, 2006. (Seminário)

.

3. **Cantar & Encantar- curso de contação de histórias**, 2005. (Oficina)

.

Deslocamentos e Hibridismos, Pós-Colonialismo e Literaturas Lusófonas, 2005.

4. (Outra)

.

5. **Novum Organum? Temáticas entre direito e literatura**, 2005. (Encontro)

.

6. **IV Seminário Internacional de História da Literatura**, 2005. (Seminário)

.



Totais de produção

Produção bibliográfica

Artigos completos publicado em periódico

6

Apresentações de Trabalhos (Comunicação)

2

Eventos

Participações em eventos (seminário)

2

Participações em eventos (oficina)

1

Participações em eventos (encontro)

2

Participações em eventos (outra)

1

Demais trabalhos relevantes

Demais trabalhos relevantes

2

Página gerada pelo Sistema Currículo Lattes em 01/06/2007 às 18:41:20.